

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC/SP**



Caroline Wajss

A dinâmica das relações familiares por adultos que  
cresceram em famílias de pais separados na infância

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2022

Caroline Wajss

A dinâmica das relações familiares por adultos que cresceram em famílias de pais separados na infância

Projeto de Doutorado apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do grau de Doutor(a) em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini Macedo

São Paulo

2022

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

O presente estudo está de acordo com as resoluções 466 de 2012 e 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde

*“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – 88887.163117/2018-00”.*

## **Agradecimentos**

Agradeço de todo o coração à minha família, principalmente minha mãe e meus filhos, que me ajudaram a superar mais uma etapa com paciência e compreensão em todos os momentos que me viram enlouquecer para finalizar este trabalho. São eles que me impulsionam, motivam e fortalecem meu papel de mãe, mulher e profissional.

Agradeço à minha professora e orientadora Rosa Macedo por não ter deixado eu desistir e, como sempre, ser o amor mais puro e genuíno que eu já recebi em todos esses anos que me dedico à clínica e à terapia familiar. Luz do meu caminho.

Agradeço minha amiga e revisora Sílvia Galesso por ter me atendido sempre numa velocidade impossível com muito carinho e cuidado.

Agradeço a todas as minhas amigas companheiras de trabalho, que me conhecem desde que entrei para a comunidade da terapia familiar, que foram sempre muito acolhedoras, acompanharam meu esforço e sempre me apoiaram.

## Resumo

Este trabalho teve como objetivo principal discutir a dinâmica das relações familiares por adultos que tiveram seus pais separados na infância. As novas estruturas familiares fazem parte da sociedade atual, e o foco deste estudo priorizou a primeira geração de adultos após a lei do divórcio de 1977. Além das relações parentais, também foram consideradas as relações abrangentes que decorrem depois da separação, com madrastas, padrastos, irmãos, meios-irmãos ou coirmãos. Os principais pressupostos teóricos foram embasados nos fundamentos da terapia sistêmica, que abarca a epistemologia da ciência novo-paradigmática, possibilitando compreender os novos arranjos familiares contemporâneos em sua complexidade, instabilidade e subjetividade. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas onze entrevistas semiestruturadas e o genograma de cada participante. Por meio da análise qualitativa dos dados e a partir das narrativas dos entrevistados, foram levantadas categorias que apontaram alguns questionamentos relevantes ao objetivo da pesquisa. Os resultados obtidos mostram a diversidade dessas relações e apontam para a complexidade de lidar com novos membros familiares ao longo do tempo, os conflitos gerados em transitar por casas diferentes e a percepção dos filhos da relação com seus pais na vida adulta.

Palavras-chaves: relações familiares, divórcio, adultos

## Summary

This work had as main objective to discuss the dynamics of family relationships by adults who had their parents separated in childhood. The new family structures are part of today's society, and the focus of this study prioritized the first generation of adults after the 1977 divorce law. In addition to parental relationships, such as stepmothers, stepfathers, siblings, half-siblings or co-siblings were also learned. The main theoretical assumptions were based on the foundations of systemic therapy, which encompasses the epistemology of new-paradigmatic science, making it possible to understand the new contemporary family arrangements in their complexity, instability and subjectivity. To achieve this objective, eleven semi-structured interviews and the genogram of each participant were carried out. Through the qualitative analysis of the data, from the narratives of the interviewees, categories were raised that pointed out some questions relevant to the research objective. The results obtained show the diversity of these relationships, point to the complexity of dealing with new family members over time, the conflicts generated in moving through different houses and the perception of children in the relationship with their parents in adult life.

Keywords: family relationships, divorce, adults

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	10
FAMÍLIA COMO SISTEMA.....	16
MÉTODO.....	20
• Delineamento.....	21
• Instrumentos.....	22
• Participantes.....	23
• Análise de dados.....	24
• Considerações éticas.....	26
APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	28
GENOGRAMA DOS PARTICIPANTES.....	29
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO GENOGRAMA.....	98
• Questões financeiras.....	98
• Novos relacionamentos ao longo da vida.....	99
• Inversão de papéis.....	100
• As complexidades do adulto.....	101
• O patriarcado.....	101
• Noção de pertencimento.....	102
• Conflitos de lealdades.....	103
• Outras triangulações.....	104
• Diversidades familiares.....	104
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	106
Motivações da separação e experiência vivida.....	106
• Sobre as relações paternas.....	109
• Sobre as relações maternas.....	112
• Sobre as relações entre irmãos, meios-irmãos e coirmãos.....	115
• Sobre as relações com padrasto e madrasta.....	117
• Sobre as relações com os avós.....	120
• Sobre os aprendizados e os valores familiares.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
ANEXOS.....	131

## INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema desta pesquisa sobre as relações parentais por adultos que tiveram seus pais separados na infância vem ao encontro de vários interesses pessoais e profissionais meus. Além de ter vivido pessoalmente uma separação com filhos pequenos, também atuo como psicóloga clínica não apenas de crianças e adolescentes que vivenciam esse contexto, mas de adultos que cresceram em famílias de pais separados e tiveram a experiência das relações parentais bem diferentes das famílias tradicionais, em que pai e mãe estão juntos no cuidado dos filhos diariamente. Essas crianças, adolescentes e adultos, desde pequenos, tiveram que enfrentar a complexidade de morar em duas casas diferentes, assim como, muitas vezes, precisaram lidar com outros relacionamentos além dos parentais, como de madrasta, padrasto, meios-irmãos e coirmãos ao longo da vida.

A noção de família, como a conhecemos tradicionalmente, formada pelo pai, mãe e filhos de um único casamento, vem passando por um contínuo processo de transformação e adaptação ao longo do tempo. Desde 1977, quando foi promulgada a Lei do Divórcio, em 1988, a Lei Maior de “Constituição Cidadã” e, posteriormente, em 1996, com a regularização acerca da União Estável, tivemos modificações importantes para o Direito da Família e, conseqüentemente, para as novas configurações familiares. A partir desses marcos regulatórios, passaram a ser consideradas famílias aquelas provenientes de pais separados e seus filhos, ou mães solteiras e filhos, com filhos legítimos ou ilegítimos, agregados, biológicos ou adotados.

Tais mudanças trouxeram impactos no grupo familiar, porque passam a influenciar as condutas e comportamentos sociais de homens e mulheres e, é claro, os papéis assumidos por estes na família – papéis de esposo e esposa, mãe e pai. Antes delas, era esperado que o homem desempenhasse o papel de provedor e a mulher fosse responsável pelos cuidados básicos e pela educação das crianças. As formas diferenciadas de assumir esses papéis, de estabelecer expectativas recíprocas e de exercer atitudes, geraram, por sua vez, outras formas de interação e vinculação na família (AVENA; RABINOVICH, 2016, p. 67). Então, esse novo contexto possibilita considerar uma maior participação dos homens na rotina das crianças e imprime uma

responsabilidade de estar presente no dia a dia com seus filhos, enquanto propicia às mulheres desempenhar um papel mais ativo em relação às questões financeiras.

Assim, o que podemos notar é uma diversidade nos modelos de família em consequência das novas necessidades de convivência entre as pessoas, exigido pelo próprio contexto da evolução social. Conforme Wagner e Levandoski (2011), as evidências indicam que a família já não pode ser vista e pensada unicamente a partir do modelo nuclear tradicional. A realidade tem gerado uma demanda crescente por novas alternativas de estabelecimentos de regras de funcionamento familiar e social, que favoreçam a estes novos núcleos seguir cumprindo com a sua função básica de proteção, cuidado e desenvolvimento dos filhos. Pensar as diferentes possibilidades de conviver em família atendendo essa demanda significa ampliar o entendimento sobre as relações familiares para além daquelas impostas pelo paradigma tradicional e, portanto, acolher os relacionamentos familiares para além das consideradas famílias nucleares. Pai e mãe continuarão a exercer sua função parental, independentemente de estarem casados ou separados ou em uma união estável com um outro companheiro ou companheira. Eventualmente também experimentarão o papel de madrasta ou padrasto no decorrer da vida.

Um importante indicador social dessa nova época, que protagoniza a necessidade de novas organizações familiares, é o número crescente de separações e divórcios nos últimos tempos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), foram concedidos 373.216 divórcios no ano de 2019. Uma redução de 0,5% em relação a 2018, porém um aumento de 8,3% em relação a 2016. Por outro lado, houve uma diminuição na duração do casamento na última década, de 17,5 anos em 2009 para 13,8 anos em 2019, sendo que 48% dos divórcios ocorreram após menos de 10 anos de casamento. Também cresceu a proporção de divórcios judiciais entre cônjuges cujas famílias tinham somente filhos menores de idade: foi de 40,2% em 2009, para 45,9% em 2019. Outro índice importante é a proporção dos divórcios com guarda compartilhada. Em 2014 representava 7,5% do total dos divórcios e, em 2019, passou para 26,8%. Desde 22 de dezembro de 2014, a guarda compartilhada passou a ser regra

nos divórcios<sup>1</sup>, a não ser que um dos pais abra mão ou o juiz entenda que um dos genitores não tem condições de assumir esse compromisso. Mesmo assim, a mãe mantém-se predominante na responsabilidade da guarda dos filhos em 62,4% dos divórcios.

Os filhos pequenos dos casais que se separaram depois da lei do divórcio de 1977 são hoje a primeira geração de adultos que cresceram nesse contexto pós-divórcio. Esse é um assunto bastante estudado, sobretudo pelo efeito das separações na vida de crianças e adolescentes, razão pela qual esta pesquisa se interessa em compreender o ponto de vista do adulto que vivenciou esse contexto e como ele ressignificou seus relacionamentos familiares ao longo do tempo. Dessa forma, pretendemos compreender como as relações familiares se estabeleceram ao longo do tempo por adultos que vivenciaram a separação de seus pais na infância, a fim de ampliar os conhecimentos a respeito dessa experiência e pensar diferentes dimensões acerca das vivências dessas relações complexas e cada vez mais comuns atualmente em nossa sociedade.

### **Pressupostos teóricos**

O divórcio traz implicações importantes nas relações familiares, principalmente no que diz respeito às tarefas emocionais que devem ser manejadas pelos membros das famílias no processo de adaptação individual. Cada transição apresenta novos desafios adaptativos e a resposta a esses desafios é influenciada pelo funcionamento e experiências prévias da família (GREENE et al, 2016). Como cada um vai lidar com as questões que decorrem da separação vai depender de inúmeros fatores. Greene (2016, p.103) os classifica em dois grupos: os fatores de proteção, que promovem resiliência ao enfrentamento do divórcio, e os fatores de vulnerabilidade, associados às

---

<sup>1</sup> Lei n. 13.058 (Altera os arts. 1.583, 1.584, 1.585 e 1.634 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil – para estabelecer o significado da expressão “guarda compartilhada” e dispor sobre sua aplicação). O laço da sociedade conjugal se rompe, mas a responsabilidade de oportunizar desenvolvimento social e psíquico aos filhos permanece; aos pais, na nova relação familiar que nasceu com a separação, cabe a educação dos seus filhos, visando evitar qualquer tipo de prejuízo aos seus desenvolvimentos, trabalhando para que a relação entre pais e filhos continue a ser um lugar de acolhimento e proteção. Neste sentido, o novo instituto da Guarda Compartilhada, Lei n. 13.058, de 22 de dezembro de 2014, apresenta-se como “ferramenta” jurídica aplicável para atender ao melhor interesse do menor, após a ruptura da sociedade conjugal.

complexidades e consequências adversas do processo de separação. Como exemplos, podemos citar as características pessoais de cada membro; fatores externos, como família estendida, amigos, escola, trabalho; assim como a idade das crianças e o período de desenvolvimento também influenciam de maneira significativa nos efeitos de adaptação pós-divórcio. Dependendo de cada situação, esses exemplos podem funcionar como um ou outro fator. Além dessas questões específicas para enfrentar as mudanças, os desafios associados a elas também podem incluir a adaptação a uma nova estrutura familiar, como a família monoparental, o recasamento ou o namoro de um dos pais. Aqui se incluem a transformação na rotina dos filhos e dos pais, a proximidade ou distanciamento entre eles, a oportunidade de rever e desenvolver relacionamentos mais satisfatórios e o próprio crescimento pessoal de todos os membros, diante da inevitável necessidade de enfrentamento aos desafios após o divórcio.

Diante dessas circunstâncias, fica evidente o caráter complexo que envolve as relações familiares em uma outra configuração depois da separação, assim como a relevância de analisar essa complexidade. O nível de conflito entre seus membros está diretamente atrelado às questões emocionais que envolvem o modelo familiar anterior. Pereira e Moreira (2016) consideram que o processo de construção das famílias reconstituídas é complexo e multifacetado, pois envolve questões emocionais mal resolvidas da primeira união, bem como a herança da família de origem. Os filhos nesse tipo de relação precisam se adaptar a um novo funcionamento, no qual as antigas regras ainda valem enquanto novas estão sendo instituídas. Froma Walsh (2016, p. 152) completa: além dessas realidades, outras evidências mostram que a realidade das relações entre padrasto/madrasta e enteado são mais preditivas da adaptação e resultados conjugais do que é a qualidade do casamento em si, o que não se verifica nos primeiros casamentos. É importante observar que a relação entre padrasto/madrasta e enteado oferece um solo fértil para conflito, e pesquisas mostram que problemas relacionados aos filhos estão em primeiro lugar como fonte de conflito conjugal nos recasamentos, e as finanças em segundo lugar. O conflito é reflexo dos processos de comunicação nas famílias. Os filhos complicam potencialmente a comunicação por meio do aumento do conflito, de menos eficiência na

solução de problemas e mais tensão financeira. O acréscimo de novos membros a um sistema social perturba os padrões de interação existentes, e boa parte da literatura sugere que a natureza da relação entre padrasto/madrasta e enteado é o preditor mais forte da qualidade e estabilidade da nova família (COLEMAN et al., 2008 *apud* PASLEY, 2016).

Essas famílias caracterizam-se pela ambiguidade, pois a vivência dos desentendimentos vai depender de como seus membros entendem, aceitam ou não a nova configuração familiar. Questões relacionadas a tempo, espaço, limites, autoridade implicam numa necessidade de revisão para acordos diferentes dos estabelecidos a priori. A nova estrutura precisa contemplar a história vivida anteriormente e acolher as dificuldades que sucedem com os novos papéis introduzidos na família reconstituída, seja com padrastos, madrastas, enteados, irmãos ou meios-irmãos.

Isso não significa que o divórcio dos pais seja uma situação necessariamente infeliz e conflituosa. Muitas vezes o divórcio oferece aos filhos a oportunidade justamente de saírem de um contexto insatisfatório, proporcionando a chance de desenvolverem relacionamentos mais saudáveis e descobrirem seus potenciais de lidar com conflitos. Esse é o ponto de investigação desta pesquisa sobre o qual nos debruçamos: a capacidade de ressignificar as relações familiares ao longo do tempo.

Após o divórcio, os níveis globais de contato físico, conflito e apego emocional entre os cônjuges em geral diminuem rapidamente. No entanto, os maridos apresentam maior probabilidade de ter apego emocional persistente à ex-mulher e a cultivar pensamentos de reconciliação, embora, ironicamente, os homens também sejam mais rápidos em se recasarem. Em torno de seis anos após o divórcio, a maioria dos adultos já evoluiu para a construção de vidas razoavelmente satisfatórias e as intensas emoções associadas ao rompimento já desapareceram (GREENE, 2016).

Assim sendo, novas redes sociais vão se expandindo, trazendo, junto com os novos vínculos, conflitos de autoridade e lealdade. Esse contexto exige a tarefa árdua de que as novas regras sejam restabelecidas com o tempo e com flexibilidade, em busca de uma convivência mais harmoniosa.

No que se refere aos efeitos do divórcio nas relações entre pais e filhos, podemos notar que, nos primeiros anos, é mais comum que as mães ou os

pais que residem com seus filhos se sintam mais sobrecarregados em suas tarefas e se questionem sobre seus papéis de parentalidade. Os pais residentes frequentemente estão preocupados com seus próprios problemas de adaptação e demonstram irritabilidade e falta de condições para dar suporte emocional aos filhos (GREENE, 2016). A mesma autora ainda faz apontamentos importantes em relação ao gênero. Ela afirma que mães residentes tendem a ter uma melhor comunicação com seus filhos e a ser mais ativas no monitoramento das atividades e no conhecimento dos amigos dos filhos. Enquanto os pais residentes se estressam menos na criação dos filhos e têm menos problemas com disciplina e controle. Além disso, ela relata que o divórcio parece minar as relações com o gênero oposto mais do que com o mesmo gênero, de modo que mães e filhas tendem a ser mais afetivas e próximas do que filhas e pais ou mães e filhos.

Segundo Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), em muitos casos, a dificuldade em lidar com a separação, assim como o próprio processo de desvincular-se do relacionamento podem colaborar para que as mães dificultem o contato entre pais e filhos. O afastamento físico dos filhos pode gerar uma série de conflitos e ansiedades no pai, em primeiro lugar, porque essa vivência atual o remete ao próprio relacionamento com seus pais. Em segundo, porque pode haver uma gama de expectativas e idealizações em relação à constituição da sua própria família e à criação dos filhos. Em suma, aspectos de relacionamentos anteriores somam-se aos aspectos práticos para formar o tipo de pai e mãe que cada um pode e quer ser.

Esses mesmos autores, ao contrário de outros pesquisadores que veem na separação a possibilidade do estreitamento dos laços entre pais e filhos, defendem que o recasamento do pai pode vir a reduzir o convívio com os filhos biológicos de casamentos anteriores, além de afirmarem que a teia complexa de relacionamentos expande-se cada vez mais e, com isso, a paternidade biológica pode perder terreno (no caso da separação) para a paternidade social, pois possibilita que a criança crie laços afetivos com outras figuras masculinas (o namorado ou novo marido da mãe, algum parente próximo que exerça a função paterna). Eles revelam a fragilidade do vínculo entre pais não residentes e seus filhos, uma vez que a grande maioria tende a não manter contato regular com sua prole. Os telefonemas, bem como as visitas tendem a

diminuir à medida que o tempo de separação se amplia. No entanto, quando o envolvimento do pai não residente com seus filhos aumenta, as reclamações da mãe sobre a pouca responsabilidade ou ausência do pai diminuem consideravelmente. Essa informação é importante, uma vez que os pais influenciam seus filhos, tanto pelo jeito como se comportam em relação a eles, quanto pela maneira como interagem com seus ex-cônjuges. Assim, o relacionamento entre mãe e pai também precisa ser considerado quando se aborda a questão de visitas feitas aos filhos e quando a preocupação é garantir o bem-estar dos envolvidos (FÉRES-CARNEIRO, 2004). Vale ressaltar que essa pesquisa é anterior à lei da guarda compartilhada de 2014, o que confirma a necessidade de envolver ambos os genitores nos cuidados dos filhos, na tentativa de garantir a participação do pai e da mãe no desenvolvimento dos filhos após o divórcio.

Além da complexidade na reestruturação dos vínculos familiares na nova organização, precisamos considerar um outro fator extremamente importante que norteia os estudos sobre família: o ciclo vital.

A escolha pela vinda de um filho marca uma transição importante no ciclo vital familiar. A parentalidade transforma um casal em um sistema permanente pela primeira vez. Parceiros sem filhos podem dissolver um casamento e não ter mais nenhuma relação entre si, mas, com o nascimento de uma criança, mesmo que se dissolva o laço do casal, eles ainda continuam a ser pais de seus filhos e suas famílias de origem também permanecem conectadas. Portanto, essa é uma passagem muito significativa e particular do ciclo vital.

Até a metade do século XX, existia a expectativa de que a mulher fosse a principal responsável pelos cuidados dos filhos e da casa de forma geral, exigindo-se menor participação dos homens nos cuidados básicos, mas depositando neles o papel principal de provedores. Esse modelo vem sendo cada vez mais questionado, com os pais mais participativos ativamente na relação com seus filhos, inclusive na primeira infância. McGoldrick e Shibusawa (2016, p. 388) reforçam a relevância dessa postura:

[...] para o desenvolvimento da identidade completa de uma criança, deve ser feita uma mudança dentro da sociedade para valorizar, apoiar e reforçar a inclusão ativa do pai e reconhecer as contribuições dos irmãos, membros da família estendida e

outros cuidadores como recursos apoiadores, modelos e mentores.

Essa pontuação indica que os pais precisam adquirir habilidades para criar crianças pequenas e conviver com elas e, muitas vezes, precisam de ajuda para isso. As mães podem ser aliadas, permitindo que os pais cometam erros e tenham momentos sozinhos no cuidado com os filhos. Muitas vezes esse cenário não é possível, e as mães também precisam de assistência e apoio para deixar que os pais estejam com os filhos. A mudança nos papéis pode repercutir na comunicação entre marido e esposa, quando provoca conflito conjugal e o “Quem faz o quê?” da vida diária se transforma no principal motivo de desentendimento entre eles (COWAN, C.; COWAN, 2000, p. 435).

As famílias nas quais ocorre o divórcio passam por uma ou duas fases adicionais do ciclo vital familiar em seu avanço desenvolvimental. O processo emocional da família no divórcio e pós-divórcio é uma montanha russa com picos de tensão emocional em todos os pontos de transição. A adaptação requer luto pelo que é perdido (incluindo esperanças e sonhos), bem como manejar a dor, a raiva, a culpa e a perda de si mesmo, do cônjuge, dos filhos e da família estendida (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016, p. 394)

As relações parentais precedem um novo casamento, ou às vezes, outras relações amorosas e, esse relacionamento, mesmo que não entendido como adequado ou importante por parte do novo ou nova cônjuge, precisa ser considerado como parte da história da criança com quem se vai conviver. Sempre irá existir um ex-marido ou uma ex-mulher, e a coparentalidade é inerente a essa nova história e aos novos rumos da família. Assim, possibilidades de conflito e complexidades relacionais anunciam as necessidades especiais das relações familiares após a experiência de divórcio, embora elas possuam as mesmas características de afetividade, assistência moral e material, proteção e socialização que qualquer outra relação. São famílias de múltiplos vínculos com desafios para desenvolver uma nova história a partir de uma história anterior, na qual se faz preciso a revisão de regras, lugares, desejos e deveres de cada membro.

## **Família como sistema**

Por se tratar de um estudo das relações familiares, utilizamos como pressupostos teóricos os fundamentos da terapia sistêmica. O pensamento sistêmico, assim como descreve Vasconcellos (2003), embasa-se no paradigma da ciência contemporânea e na epistemologia da ciência novo-paradigmática. Dessa maneira, levamos em consideração os três pressupostos descritos por essa autora como dimensões fundamentais para a construção do conhecimento. São eles os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade. Desse modo, compreende-se que os fenômenos não podem ser apreendidos em sua simplicidade, por fazerem parte de um contexto maior, e essa interação, que é imprevisível e indeterminada, precisa ser considerada, uma vez que está em constante transformação e depende da subjetividade de quem observa. Portanto, pensar sistemicamente implica em buscar entender as conexões e as implicações do fenômeno estudado a partir das próprias distinções de quem observa.

Sobre o conceito de família, vale ressaltar a necessidade de se ampliar o universo de entendimento sobre o assunto. Atualmente existem várias configurações familiares importantes a serem consideradas nesta pesquisa. Segundo Salvador Minuchin (2007), a teoria sistêmica familiar nos ensinou que família é mais do que uma coleção de indivíduos; é um sistema, uma organização na qual o funcionamento das partes transcende suas características separadas. Considerando o contexto desta pesquisa, destacamos algumas configurações familiares importantes para a compreensão do trabalho: famílias nucleares, famílias monoparentais, famílias binucleares e famílias reconstituídas ou recasadas. Conforme as definições de Castro (2008):

- Famílias nucleares ou as chamadas “tradicionais” são as constituídas de pai, mãe e filhos. Não podem mais ser vistas como uma forma familiar que não tem problemas, como se pensava há pouco tempo. Muitas vezes são os filhos que sustentam um casamento quando as expectativas de um “casamento ideal” não são cumpridas. Quando os filhos percebem que não há mudanças na resolução de conflitos entre seus pais e eles se tornam o depósito das frustrações desses adultos,

que deveriam protegê-los, muitas vezes verbalizam que prefeririam que seus pais se separassem do que vê-los brigando diariamente.

- Famílias monoparentais são aquelas advindas de produções independentes ou separações. Vale ressaltar que, nessa proposta de configuração familiar, um dos cônjuges assume a total responsabilidade pelos filhos. Castro destaca o grande número de famílias monoparentais sustentadas por mulheres e o fato de poucas mulheres permanecerem casadas por dependência financeira, visto que, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, data), o percentual de domicílios brasileiros comandados por mulheres saltou de 25%, em 1995, para 45% em 2018, devido, principalmente, ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho.
- Famílias binucleares são aquelas em que se decide pela guarda compartilhada. Essa configuração privilegia a continuidade da relação parental após a separação, mantendo pai e mãe responsáveis pelos cuidados cotidianos dos filhos. Esse modelo parece o mais adequado quando nos referimos à necessidade de manter uma relação saudável dos pais com seus filhos mesmo após o divórcio. Por outro lado, a guarda compartilhada pode trazer problemas relativos à pensão alimentícia, pois, no compartilhamento das responsabilidades dos filhos, o cálculo sobre a pensão também pode ser dividido e eventualmente levantar questões importantes para o membro familiar que tem menos condições financeiras.
- Famílias reconstituídas ou recasadas são formadas por mulheres e homens com filhos de relações anteriores (divorciados ou viúvos), unidos a parceiros também nessas condições ou solteiros. Nessa configuração, a questão da parentalidade é anterior à conjugal. Dentro dessa categoria estão os casais que preservam o seu próprio núcleo familiar (pai/mãe e filhos) e, ao mesmo tempo, como casal, realizam atividades em conjunto, as quais envolvem todos os filhos, como, por exemplo, pequenas viagens. Após a separação, pais, filhos e família extensa precisam incluir, em seu processo de amadurecimento, a aceitação de uma nova configuração familiar.

Para além da definição das diferentes configurações de família, também consideramos pressupostos norteadores para este estudo alguns conceitos da terapia familiar sistêmica desenvolvidos por Cerveny (2011). Uma de suas grandes contribuições para a terapia familiar sistêmica é ter identificado a possibilidade de detectar as repetições de comportamento por meio dos padrões interacionais. Para a autora, o sistema familiar, como um todo muito mais amplo, incluindo as gerações passadas, é o contexto em que ocorre a transmissão dos padrões interacionais, que podem ou não passar de uma geração à subsequente e até mesmo pular gerações.

Os padrões de interação familiar são complexos e, para melhor compreensão sobre as repetições que podem acontecer em determinado grupo familiar, Cerveny propõe alguns níveis de análise:

- A **comunicação** é o veículo que permite a compreensão do comportamento humano por meio da relação entre os fatos. Baseada nos estudos de Watzlawick e outros (1973), a autora se refere à comunicação como um instrumento não só que transmite informação, mas que também define a relação. Pensando a família como sistema interpessoal, ela pode ser vista como um circuito de retroalimentação, no qual o comportamento e a comunicação de cada indivíduo afetam e são afetados pelo comportamento de cada um dos outros integrantes. Assim, precisamos pensar a comunicação não só como transmissão formal por meio de código e redundância, mas também por meio do silêncio, do não dito, dos mitos, das lealdades, dos segredos.
- As **regras** familiares podem regular o grupo familiar, pois prescrevem o modo adotado pela família para agir em determinada situação, conforme costumes e princípios definidos ao longo da constituição familiar. De acordo com Cerveny (2011, p. 67), “consideramos regras familiares o conjunto de acordos explícitos ou implícitos que é compartilhado e conhecido por um grupo familiar, que faz parte da história da família e se mantém por meio do uso”.
- Os **mitos** são acontecimentos ocorridos com gerações passadas ou com outros membros da família atual “guardados” no livro da história da família, tornando-os específicos e característicos daquele grupo

familiar: aquilo que o diferencia dos outros. Por meio da comunicação verbal ou não-verbal, alguns segredos familiares vão se transformando em mitos quando já se estabelece em torno deles um sistema de crenças compartilhado e transmitido intergeracionalmente.

- As **triangulações** são relações de aliança ou coalizões entre duas pessoas que se unem contra ou com a exclusão de uma terceira. Seja a triangulação vista como causadora de desequilíbrios familiares ou como um processo que propicia informação e instrumentação para resolução de conflitos, a triangulação é um padrão de interação, cujo modelo tenderá a se repetir nas gerações subsequentes.

A partir do que vimos até o momento, acreditamos que o estudo sobre as relações familiares na contemporaneidade é importante por nos possibilitar compreender melhor as novas dimensões relacionais que o contexto atual nos proporciona, como a complexidade de novos arranjos familiares e o impacto desses desafios nos valores familiares e nas relações de parentalidade.

## MÉTODO

Esta é uma pesquisa qualitativa, tendo em vista ser o tipo de investigação que permite estudar o fenômeno em seu contexto. Portanto, buscamos acompanhar o percurso dos participantes com o interesse de nos aprofundar nas particularidades das histórias de cada um deles e no conhecimento que se produz com elas. De fato, não visamos estabelecer estatísticas ou conhecimentos multiplicáveis, mas dialogar com os dados da pesquisa sobre o assunto estabelecido e as referências bibliográficas. Por se tratar de um trabalho em que o objetivo é compreender a qualidade das relações familiares como fenômeno social, levamos em consideração seu caráter social, assim como aponta Minayo (2002): entendemos que o labor científico caminha sempre em duas direções: numa elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. Ao fazer tal percurso, nós, investigadores, aceitamos os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuímos-nos da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído.

Assim, pretende-se estudar e compreender os significados atribuídos por adultos que cresceram em um contexto de separação dos pais, considerando as dimensões histórica e social da dinâmica familiar, seguindo o pensamento de Minayo (2002, p. 21), de que a pesquisa qualitativa responde a questões que se preocupam com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis.

Denzin e Lincoln (2006) usam a imagem do pesquisador qualitativo como a de um artesão, que precisa juntar os retalhos e recortes para formar uma peça harmônica e bem elaborada. Faz parte da função do pesquisador qualitativo conectar as partes para formar um todo composto e coerente.

Também concordamos com esses autores que o pesquisador qualitativo se desloca do seu posicionamento pessoal para o político, do local para o histórico e para o cultural, assim considerando as trocas entre o leitor e o

escritor. Logo, entendemos que nenhuma interpretação ou busca de conhecimento pode acontecer, a não ser através da lente do pesquisador, sendo a pesquisa uma construção conjunta e colaborativa. Tendo em vista esse cuidado ético, vale ressaltar que a pesquisadora implicada é uma mulher de quarenta anos, separada, mãe de três filhos, branca, de classe social alta, e que, por ter uma experiência de vida intimamente conectada ao tema proposto pelo trabalho, tem um ponto de vista bastante particular que pode alcançar alguns aspectos importantes, e não perceber outros.

### Delineamento

Uma vez definido o caráter qualitativo da pesquisa, o projeto foi delineado como um estudo de casos baseado em entrevistas semiestruturadas. Segundo Yin (2010), o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. Para Stake (2005), o estudo de caso é uma forma de aprofundamento no particular, uma forma de não fazer generalizações sobre determinado algo, mas apreender o que existe de específico em cada situação, processo ou fenômeno.

De acordo com Yin (2010), a investigação do estudo de caso enfrenta a situação tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Como resultado, conta com múltiplas fontes de evidências, com os dados precisando convergir de maneira triangular, e beneficia-se do desenvolvimento anterior das proposições teóricas para orientar a coleta e análise de dados. O autor (p. 49) também se refere ao método do estudo de caso mais apropriado para as questões investigativas voltadas a analisar “como” e “por que”, por isso pode nos ajudar a esclarecer as questões propostas neste estudo sobre as relações familiares ao longo do tempo.

Esse procedimento possibilita escolher cuidadosamente cada participante de forma intencional, com o objetivo de aprofundar e analisar os casos de forma integrada e holística, dando uma qualidade diferenciada ao

estudo, pois nos permite diversificar a amostra a fim de ampliar e acolher diferentes experiências de vida dentro do universo temático desta pesquisa.

Com esse respaldo, o presente estudo buscou dados que permitissem compreender os padrões interacionais entre os filhos adultos e seus respectivos pais biológicos, bem como toda complexidade de relações advindas do universo pós-divórcio. Além disso, a investigação foi conduzida como uma ação conjunta, de responsabilidade compartilhada, como um diálogo entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa. Pretendemos, portanto, refletir sobre aspectos que poderiam contribuir para o conhecimento de valores que norteiam as relações familiares de adultos no contexto contemporâneo, assim como abranger a compreensão das relações afetivas entre os enteados/enteadas e seus respectivos padrastos/madrastas ou pais sociais.

### Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas que pretenderam abranger o máximo de informações possíveis que fossem relevantes para o entendimento da experiência individual de cada entrevistado, a fim de conhecer profundamente suas relações familiares. As questões tinham o caráter aberto e pouco direcionado, para que cada participante pudesse contar sobre a vivência da separação de seus pais até a eventual inclusão de novos membros na família, passando pelos valores adquiridos, intervenções, mudanças na rotina e na qualidade de vida, adaptações e influências nos papéis parentais que configuram a complexidade das novas estruturas de famílias recasadas. As entrevistas foram realizadas individualmente em um ambiente seguro e silencioso.

Além das entrevistas, foi utilizado o genograma familiar como instrumento de pesquisa para visualizar melhor a qualidade da relação dos participantes com os outros membros da família e como forma de obter uma quantidade e visibilidade dos dados mais completa e abrangente da estrutura e dinâmica da família do entrevistado.

Conforme Wendt e Crepaldi (2008), o genograma serve para engajar a família, destravar o sistema, rever dificuldades familiares, verificar a

composição familiar, clarificar os padrões relacionais familiares e identificar a família extensa. Assim, o uso desse instrumento ajudou a ampliar a compreensão da rede familiar entre os participantes.

Por outro lado, Sales (2006) pontua que o genograma pode revelar semelhanças físicas e emocionais entre os familiares, valores e crenças compartilhadas ou até histórias veladas ou segredos de outras gerações. Esses aspectos são importantes para entender a complexidade do contexto familiar que o participante vivencia.

### Participantes

Como esta pesquisa foi delineada como estudo de casos baseado em entrevistas, a escolha dos participantes não foi aleatória. Foram selecionados intencionalmente onze participantes com características diversas que pudessem representar uma amostra significativa e relevante ao objetivo pretendido.

Para os critérios de inclusão foram considerados adultos, homens e mulheres, com nível de educação superior, classe social alta do estado de São Paulo, que tiveram seus pais separados na infância após a lei do divórcio de 1977. Podiam ser casados, solteiros ou separados. Com ou sem filhos. A diversidade da amostra visava garantir que o máximo de aspectos sobre valores e padrões de relacionamento fossem possíveis de serem vistos e coletados. As variáveis, no caso desta pesquisa, foram entendidas como pontos positivos para uma melhor compreensão sobre a abrangência das possibilidades de relações complexas exigidas pelo contexto do pós-divórcio. O número de participantes seguiu o critério de saturação proposto por Charmaz (2009). Ela concorda com Glaser (1998) e Stern (1994): para esses autores, amostras pequenas e dados limitados não apresentam problemas, porque visam à elaboração de categorias conceituais e, dessa forma, a coleta de dados é orientada para o esclarecimento das propriedades de uma categoria e das relações entre as categorias (CHARMAZ, 2009, p. 28). Apesar de a Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), proposta por Charmaz, não ser a metodologia usada nesta pesquisa, nos debruçamos sobre essa proposta metodológica para dar suporte no processo de coleta de dados.

O convite para participar da pesquisa foi feito no estilo “bola de neve”: a pesquisadora abriu a possibilidade, através das suas redes sociais, para que pessoas que cumprissem os critérios acima descritos participassem do estudo e aquelas que se disponibilizaram foram indicando outras, as quais foram convidadas via contato telefônico e aceitaram o convite.

### Análise de dados

Como aporte teórico para análise de dados nos baseamos na proposta de Lester, Cho e Lochmiller (2020) em seu artigo “Aprendendo a fazer Análise Qualitativa de Dados: Um Ponto de Partida” (Learning to Do Qualitative Data Analysis: A Starting Point). Para esses autores, a análise de dados qualitativos é geralmente descrita como um processo interativo não linear. Eles propõem sete fases que criam um processo transparente para o pesquisador e para o leitor de uma pesquisa. Segundo os mesmos,

Essas fases são particularmente adequadas para a análise temática, em que o pesquisador visa produzir declarações descritivas amplas que reflitam sua compreensão geral dos dados e em resposta às suas perguntas de pesquisa. Essas fases incluem preparar e organizar os dados, transcrevê-los, familiarizar-se com o corpus de dados, memorizar os dados, codificar os dados, produzir categorias e temas a partir de passagens codificadas subjacentes e tornar o processo de análise transparente. (p. 98)

A seguir faremos uma breve apresentação das fases para uma melhor compreensão:

Fase 1: Preparar e organizar os dados para análise. Na prática essa fase representa o momento no qual os dados coletados são reunidos em determinadas pastas ou arquivos. Sejam entrevistas, notas, áudios ou qualquer outro documento, essa primeira fase implica em dispor de uma organização do material adquirido.

Fase 2: Transcrevendo os dados. Considerando que muitos pesquisadores qualitativos coletam áudios e vídeos como material de pesquisa, essa fase está direcionada para a transcrição desses documentos. A transcrição serve como uma oportunidade para se familiarizar com um conjunto de dados. Essa familiaridade aprofunda a compreensão do

pesquisador das perspectivas dos participantes e apoia a compreensão do conjunto de dados de uma forma que acelera a análise posterior.

Fase 3: Familiarizando-se com os dados. Pode ser útil pensar nesta etapa como uma análise leve ou inicial, em que os estudiosos tomam nota das ideias ou experiências descritas pelos participantes que aparecem nas entrevistas, registradas em notas de observação ou descritas em documentos. Esses entendimentos iniciais muitas vezes podem informar a análise posterior e mais detalhada de um pesquisador.

Fase 4: Memorando os dados. Conforme os pesquisadores revisam seus dados, pode ser útil gerar memorandos que descrevam as reflexões iniciais sobre os dados, bem como quaisquer interpretações emergentes. Esses memorandos são projetados para capturar entendimentos emergentes, bem como para denotar vieses potenciais que podem influenciar a interpretação dos dados. Memorandos também podem capturar lugares nos dados em que há – ou haverá – declarações ou experiências que são potencialmente de importância analítica.

Fase 5: Codificando os dados. Um código é simplesmente uma palavra ou frase curta e descritiva que atribui significado aos dados relacionados aos interesses analíticos do pesquisador. Um pesquisador geralmente atribui códigos para identificar declarações, experiências e reflexões importantes. Embora as codificações procurem identificar o que estava acontecendo no conjunto de dados, com o objetivo de reduzi-lo em tamanho e complexidade, os códigos conectam essas declarações, experiências e reflexões com ideias conceituais ou teóricas específicas. Por exemplo, uma declaração ou comentário codificado pode ser especificamente destacado como um exemplo de uma ideia conceitual ou teórica.

Fase 6: Mudança de códigos para categorias. Os códigos representam o estágio inicial do processo analítico. Metaforicamente, os códigos podem ser pensados como peças de quebra-cabeça individuais que, como uma coleção, contribuem para a descrição dos dados por um pesquisador. Individualmente, os códigos não contam toda a história. Em vez disso, para que tal processo ocorra, o pesquisador deve compreender como os códigos se inter-relacionam e contrastam uns com os outros. Esses inter-relacionamentos e contrastes são encapsulados nas categorias. As categorias agregam códigos individuais que

estão relacionados analiticamente ou conceitualmente. Essa agregação representa uma importante etapa intermediária na produção dos temas. As categorias são geralmente alinhadas com os objetivos conceituais ou analíticos do estudo e, portanto, são projetadas em resposta às principais questões de pesquisa ou foco do estudo.

Fase 7: Tornar o processo analítico transparente. Uma consideração importante ao conduzir uma análise temática é apresentar informações sobre o processo analítico de forma transparente e verificável.

Seguindo as etapas propostas por esses autores, para a análise dos dados, foi realizada a transcrição integral e literal das entrevistas. Após a transcrição, foram feitas leituras minuciosas das transcrições, com o intuito de nos aprofundarmos no material em busca de codificações que possibilitassem a criação de categorias passíveis de descrever os fenômenos estudados aqui.

As informações das entrevistas foram organizadas em uma planilha, na qual foi possível visualizar o cruzamento dos dados dos participantes e como descreviam seus relacionamentos familiares de acordo com as informações obtidas nas entrevistas, a fim de dar sentido à experiência dos participantes. As categorias dispostas foram: motivações da separação e experiência vivida, relação com o pai, relação com a mãe, relação entre irmãos, meios-irmãos e coirmãos, relação com a madrasta, relação com o padrasto, o papel dos avós, aprendizados e valores familiares.

### Considerações éticas

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa pela instituição Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 16 de setembro de 2021, através do número de inscrição CAAE 48734119.5.0000.5482.

A participação na pesquisa foi voluntária e todos os participantes foram contatados com antecedência à entrevista, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice 2).

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada participante, em ambientes protegidos e silenciosos, com o intuito de preservar a qualidade da entrevista e a identidade dos participantes. Assim

sendo, os nomes aqui relacionados são fictícios pelas mesmas razões acima citadas.

## APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

nome	gênero	idade	Estado civil	filhos	Tempo de casamento dos pais	Idade na separação	Irmãos de pai e mãe	Meios-irmãos e coirmãos
<b>A</b>	Fem	41	Casada (14)	1	14 anos	2 anos	1 irmã + nova	Não tem
<b>B</b>	Fem	46	Casada pela 2ª. vez (3)	1 do 1º. Casa-mento e 2 enteada-os	8 anos	3 anos	1 irmã + nova	2 irmãs do pai
<b>C</b>	Fem	43	Casada (11)	1 e 2 enteada-os	4 anos	2 anos	1 irmã + nova	1 irmã + 1 irmão do pai
<b>D</b>	Masc	43	Casado (12)	2	8 anos	4 anos	1 irmão + novo	2 irmãs do pai
<b>E</b>	Fem	37	Casada (11)	0	1 ano	0	0	2 irmãos da mãe + 4 irmãos do pai (2 casame-ntos)
<b>F</b>	Masc	41	Casado (10)	2	15 anos	11 anos	2 irmãs + novas	2 co-irmãos do

								padrast o
<b>G</b>	Masc	42	Solteiro	0	8 anos	6 anos	0	1 irmã + velha da mãe
<b>H</b>	Masc	43	Solteiro	0	13 anos	7 anos	1 irmã + nova	2 irmãos do pai
<b>I</b>	Fem	41	Casada (10)	3	8 anos	7 anos	1 irmão + novo	0
<b>J</b>	Fem	42	Casada (16)	2	12 anos	7 anos	3 irmãos	0
<b>K</b>	Masc	41	Separa do	2	13 anos	7 anos	1 irmã + velha	0

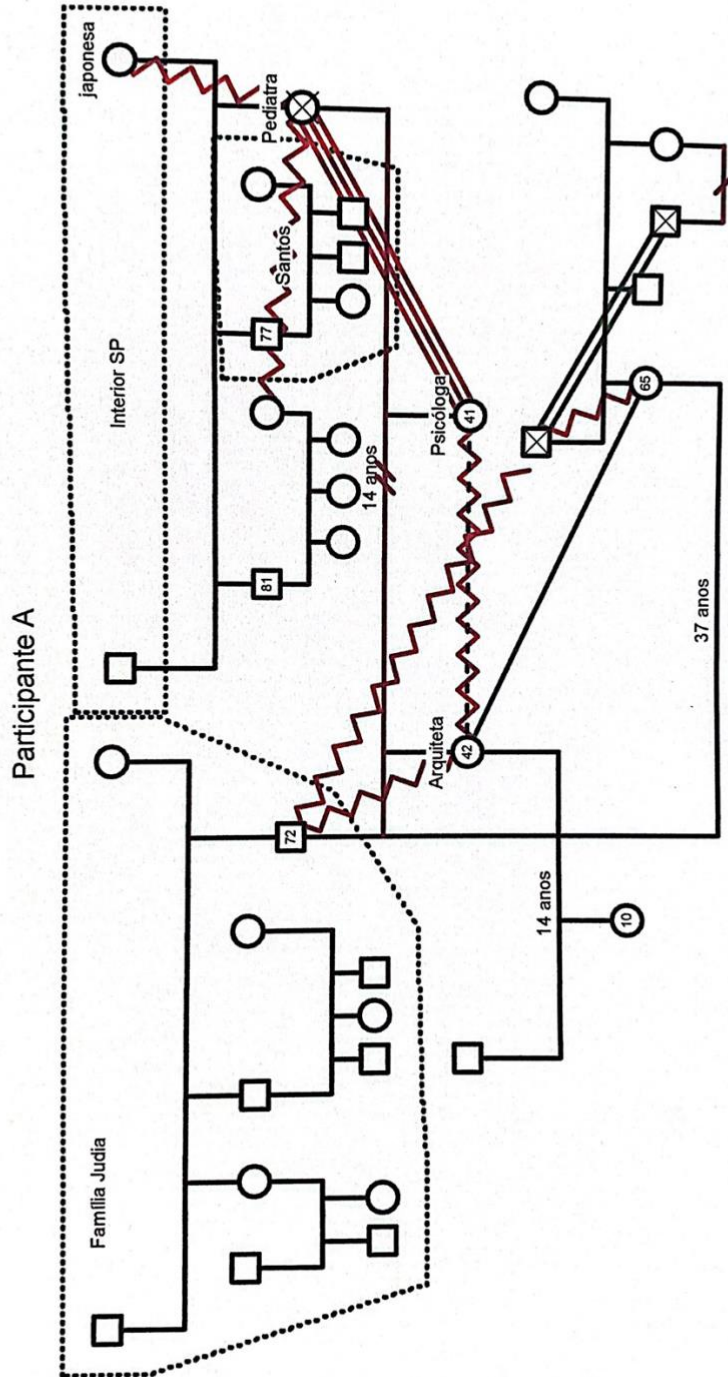
Dos onze participantes desta pesquisa, seis são mulheres e cinco, homens. A idade varia entre trinta e sete e quarenta e três anos. Todos têm uma condição socioeconômica alta. Apenas uma participante casou-se mais de uma vez; dois são solteiros, um separado e sete estão na primeira união conjugal.

Três participantes não têm filhos, oito deles têm ao menos um filho e dois também têm enteados.

Os onze entrevistados têm irmãos, seja de pai e mãe ou de apenas um deles. A idade de cada um à época da separação de seus pais varia de zero a onze anos, e o tempo de duração do casamento dos pais, de um a quinze anos.

### **Genograma dos participantes**

Os dados apresentados são referentes às datas das entrevistas e podem ter sofrido alguma alteração até a finalização deste trabalho.



## Participante A

**A** tem quarenta e dois anos, é casada há catorze anos e tem uma filha de dez anos. Ela tem uma irmã dois anos mais nova e sua mãe faleceu aos setenta anos (dois anos antes da entrevista), de problema respiratório. Foi uma morte inesperada de uma doença autoimune não diagnosticada. Seus pais foram casados por catorze anos e se separaram quando **A** tinha dois anos e sua irmã, nove meses de idade. A mãe nunca teve um segundo relacionamento e seu pai casou com outra mulher logo em seguida, com quem está até hoje, há trinta e sete anos, e não tiveram filhos.

A versão da mãe sobre a separação é de que os interesses entre eles tinham acabado. **A** não se recorda dos dois juntos, mas ela relata que sua avó materna contava que sua mãe sofreu muito, e que ela percebia essa tristeza quando estavam juntas. Apesar de essa informação ainda não fazer menção ao relacionamento mãe e filha, **A** mostra uma certa empatia pela vivência da mãe na separação, principalmente por ter esse papel, hoje, como adulta.

*Ela (avó) falava de eu ter percebido a tristeza da minha mãe e eu, de alguma forma, vivia aquela tristeza junto com ela. E, hoje, sendo mãe, eu fico imaginando... imagina só você se separar com uma criança de dois anos e uma de nove meses? Depois que eu fui mãe estou conseguindo apurar mais o sentimento que ela viveu. Não tinha essa consciência, o que era isso na época. (A)*

Essa mesma empatia ela não teve pelos sentimentos do pai, uma vez que ele apresentou a atual mulher muito próximo da separação, o que configurou um aparente conforto para ele no cuidado das filhas nos dias em que ficavam com o pai. Nesse ponto, vale ressaltar o imaginário coletivo de que devem ser as mulheres as principais cuidadoras dos filhos. Afinal, com outra companheira, o pai não sofria a mesma tristeza que a mãe com filhas pequenas, pois estava compartilhando o cuidado com uma outra pessoa.

*Meu pai nunca foi ausente, ele sempre esteve nas nossas vidas. A gente tinha umas divisões de dias, ele pegava a gente... e aí fiquei pensando como que se passeia com uma criança de nove meses, um pai sozinho... como que era esse começo? E lembro que logo a nova mulher dele apareceu, logo em seguida do divórcio. (A)*

Recentemente, **A** ficou sabendo de uma outra versão da separação, em que a atual mulher do pai já era amante antes do divórcio. **A** conta que essa informação é tão recente que não tem certeza se a mãe sabia. De qualquer maneira, diz que sua mãe fez questão de preservar a imagem do pai para as filhas durante todo tempo e nunca falou nada que desabonasse o comportamento do pai. Nesse trecho da entrevista notamos que existia um segredo de família relacionado à separação que permaneceu até a morte da mãe.

*Acho que a minha mãe, hoje pensando, ela foi muito forte no sentido de preservar a imagem do meu pai. Porque ela podia ter feito a caveira dele... ela ficou super mal, podia ter passado pra gente um pouco desse sentimento de traição, tudo o que ela viveu lá e nunca falou. Não sei se ela sabia...acho difícil... acho que ela sabia. Mas nunca transpareceu, nunca falou isso; essa informação nunca veio à tona nos nossos trinta e oito anos de convivência. (A)*

Na data da entrevista ela tinha acabado de saber algumas informações familiares nunca comentadas antes. Foi no mesmo ano que ela perdeu a mãe, que o pai também perdeu o cunhado, marido da irmã da atual mulher. **A** ficou sabendo que o sogro do pai, já falecido, não falava com a filha e nem com o pai de **A** por causa desse relacionamento dela com um homem “casado”. Mesmo com esse segredo e essa relação conflituosa na família da madrasta, **A** e sua irmã frequentavam a casa dela desde pequenas.

*Era uma relação que foi abalada por muito tempo por conta da relação da madrasta com meu pai. Eu soube recentemente de tudo isso. Quando a gente conheceu a mulher do meu pai, a gente era muito nova. A família dela sempre se encontra, almoça junta todo final de semana... e nossa infância inteira, quando era final de semana do meu pai, a gente ia nos almoços de família lá... (A)*

Segundo a entrevistada, a relação com a madrasta sempre foi melhor com ela do que com a irmã. Talvez porque a irmã lembra mais a mãe fisicamente ou porque **A** se julgava mais disponível a essa relação.

*Era meio senso comum que ela gostava mais de mim. E aí, assim, dentro do nosso imaginário... tem uma coisa que a*

*minha irmã é mais parecida com a minha mãe. Fisicamente... também existe a informação, que é recente também, de que eu me entreguei mais para a relação com ela. Eu fui mais aberta, eu acolhi ela, aceitei ela. Mas lembro da gente sentir sim uma diferença de tratamento, ela me trata melhor do que a minha irmã...*

Ela conta que a relação com a madrasta foi muito importante na vida dela, que a tinha como referência de mulher e de valores. **A** considerava a madrasta muito diferente de sua mãe, e que esse jeito dela muitas vezes até interferia na relação com o pai, porque ela conseguia perceber nas conversas que havia formas do pai se expressar nas quais ficavam claras pontuações da madrasta, como se eles tivessem conversado sobre o assunto antes. **A** fala que esse lado dela de saber conversar ajudava em várias ocasiões, mas o pai, por ser mais tímido e recolhido, acabou não desenvolvendo esse lado. Ela conta que a madrasta tentava aproximar o pai das filhas, mas a ausência dela era pior, porque elas gostavam da madrasta perto para mediar as conversas. Nessa fase, ela tinha por volta dos vinte anos. Aqui começamos a notar alguns conflitos entre **A** e o pai. Apesar da proximidade com a madrasta, e a narrativa de a mulher do pai ser uma pessoa importante na vida de **A**, a interferência dela na relação com o pai criou situações de conflito: na tentativa de ajudar o pai a se aproximar de suas filhas, ocasionou o oposto, o distanciamento.

*A madrasta é uma referência de mulher muito diferente da minha mãe. E ela foi muito importante pra mim, para minha formação enquanto mulher, de valores. E ela é psicóloga, trabalhava com criança... e eu lembro da gente tendo umas conversas onde ela conseguia me acessar. Tinha umas conversas que eu chorava, ela conseguia me tocar... E ela tinha um jeito tão bom com criança, que no fim isso até dificultou um pouco a minha relação com meu pai. Porque meu pai é um cara muito fechado, ele tem um jeito mais tímido, mais fechado, mais reservado... e eu lembro quando tinha algum problema, a gente ficava irritada, as duas (**A** e a irmã), porque ele vinha falar umas coisas que a gente tinha certeza que ele tinha debatido com a mulher antes. Era a frase do jeito dela, que ela falava... e a gente ficava muito irritada com isso - porque não era ele falando, e a gente achava que ela fazia a cabeça do meu pai pra certas coisas... e a gente se irritava com isso. Eu acho que ela supriu o lado de uma demanda, de conversa, contato, interlocuções e tudo, porque era muito boa nisso... mas por outro lado o meu pai nunca se desenvolveu, eu acho... porque ela fazia esse papel e ele nunca desenvolveu muito a relação com a gente. (A)*

Nesse período, ela passou a não se sentir muito à vontade na casa do pai. **A** não se sentia confortável de trazer os amigos. Ela ia para lá porque era obrigada em função das regras judiciais de visitação. Mas, aos poucos, foi deixando de frequentar a casa do pai até entrar na faculdade e ter mais autonomia para escolher onde queria ir.

*Eles se incomodavam com a bagunça, não só quando tinha amigos, mas no geral... era a minha casa, mas no fim eu me sentia muito mais à vontade na casa da minha mãe. A casa do meu pai se tornou um lugar muito chato, uma fase de ruptura... um lugar que eu não queria ir. Eu ia porque era obrigada, e depois que eu passei a não ser mais obrigada, quando entrei na faculdade eu não ia mais. (A)*

**A** não é a única participante que relata sentir-se mais à vontade na casa da mãe do que na casa do pai. Normalmente os filhos passam mais tempo nas casas das mães do que dos pais, e isso pode fazer alguma diferença. Outra influência importante é a relação dos filhos com a madrasta. Na maioria das vezes em que a relação com a madrasta não é positiva, a casa do pai se torna um ambiente hostil. Por outro lado, a regularidade de visitas desde pequena e a boa relação de **A** com a madrasta não foram suficientes para que o pai criasse um ambiente confortável para filha, e ela acabou se afastando da casa dele com o passar do tempo. Muitas vezes notamos que a nova mulher do pai tem uma grande influência na relação do pai genitor com seus filhos. Esse recorte é importante, por mostrar que as variáveis das relações parentais podem ir além daquelas esperadas ou encontradas na literatura.

A relação com a irmã também sempre foi difícil. **A** acha que responsabilizava a irmã, inconscientemente, pela separação dos pais. Sentia raiva e queria distância dela.

*A gente demorou muito pra se dar bem na nossa vida... e eu lembro pequena, minha irmã me amava... e ela queria me beijar, me pegar... e eu tinha uma sensação de nojo, de repulsa, um asco dela... o que acho que aconteceu é que eu relacionei a separação dos meus pais com a chegada dela. Ela nasceu e, nove meses depois, meus pais se separaram. Então ela foi a causa de todos os meus problemas – acho que interpretei assim, conforme fui vendo a nossa relação. Tinha raiva dela, dela ter nascido. (A)*

**A** conta que sempre sentiu a necessidade de se diferenciar da irmã e era egoísta, como se quisesse sempre proteger as suas coisas, não emprestar. Na casa da mãe, sua mãe e irmã eram mais parecidas de jeito e sempre se juntavam contra ela, reclamando do jeito de ser dela. Isso só melhorou quando **A** saiu de casa aos vinte e cinco anos para casar. Até hoje a irmã não saiu da casa da mãe. Para **A** é uma relação de codependência.

*Dentro da dinâmica na nossa casa, quando éramos nós três, sempre tinha aquela coisa de dois se juntam contra o outro, e eu sempre era o outro... as duas sempre se juntavam contra mim: "ah, porque **A** é a chata, que **A** é isso, é aquilo"... elas são mais parecidas de jeito e eu sou a diferente. E aí melhorou quando eu saí de casa... mas já era grande, vinte e cinco anos, fui morar com meu marido. E a minha irmã mora até hoje com a minha mãe num apartamento... ela nunca saiu de casa. Então acho que eu senti uma simbiose das duas. Minha irmã tem medo de deixar minha mãe sozinha em casa, e a minha mãe também não quer que ela cresça... então fica aquela coisa meio de codependência, uma alimenta a dependência da outra. (A)*

Esse trecho também é relevante, porque conta um pouco sobre o sentimento de abandono e exclusão de **A** na casa da mãe. Temos uma triangulação, na qual a irmã e a mãe se tornam aliadas contra **A**, que se sente rejeitada. Essa dinâmica impulsionou **A** a sair de casa para casar-se. Nesse relato, o casamento de **A** pareceu muito mais um movimento de fuga dessa forma de funcionamento do que uma comemoração de sua união amorosa.

Apesar de falar da madrasta na primeira infância como uma referência de mulher, além da mãe, a fase adolescente foi muito difícil e afastou **A** desse relacionamento. Com isso ficaram muitas mágoas da madrasta por ter frustrado a expectativa dela de serem uma família unida, já que ela não pode ter filhos.

*Recentemente a gente conseguiu falar de umas coisas, e dá pra ver que ela tinha muitos planos para a nossa relação. Falou que sempre cuidou da gente... que queria que a gente fosse uma família, família da cabeça dela lá, que ela acha que tinha que ser... ela tem muita mágoa, tinha muita expectativa também... de nunca ter podido ter filhos, e nós como filhas e o que ela imaginou construir. (A)*

Apesar de **A** ter convivido mais com a família e parentes da mãe, ela conta que as relações familiares eram muito conflituosas. A família da mãe nunca ajudou muito e as relações ficaram distantes. **A** relata que sua mãe tinha muita mágoa de todos e de sua avó também. De origem japonesa, a mãe de **A** sempre teve muita dificuldade de falar dos sentimentos, e isso também pode ter gerado um distanciamento das relações parentais.

*Minha mãe tinha muita dificuldade de falar de emoção, do que tava sentindo... meu pai também... acho que a mulher do meu pai que me deu um pouco mais de linguagem dessa área. (A)*

A família do pai é de ascendência judaica e seu pai foi o único que casou com uma mulher não judia e que se separou. A convivência era mínima e se reduzia a algumas visitas eventuais. Portanto, **A** teve sempre muita dificuldade de criar laços de proximidade tanto com a mãe como com seu pai. Ela avalia a própria história como sendo desapegada dos relacionamentos. Para ela, o amor está ligado a “*ser quem você é, falar abertamente do que está sentindo e vivendo, uma coisa de poder se mostrar*”. Ela fala que não teve isso com seus pais e isso traz a sensação de que eles não se conheciam de verdade. Ela não se sente pertencente e transfere esses sentimentos para as relações de amizade.

*... ah, você ama seu pai e sua mãe... eu amo, mas assim, amor pra mim tá ligada a outras coisas que eu não tenho, não tive com eles... amor pra mim tá ligado a uma coisa de ser quem você é, de você falar abertamente das coisas que você tá sentindo e o que tá vivendo, uma coisa de você poder se mostrar. E eu não sentia isso com minha mãe e meu pai, é como se a gente não se conhecesse de verdade... Esse sentimento que as pessoas tem de família, eu acho que tenho com amigas. (A)*

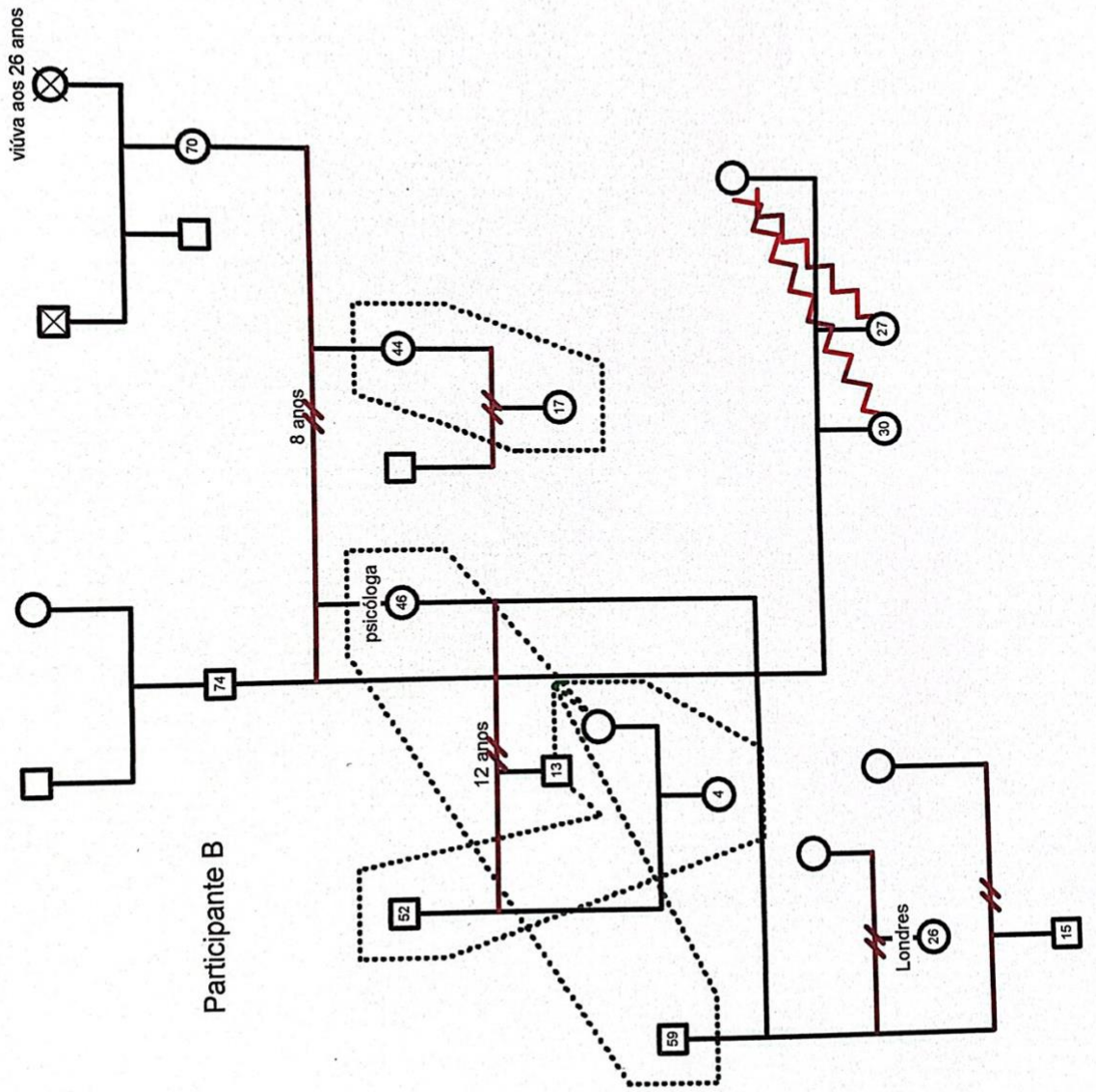
Da experiência vivida, **A** fala que sempre quis se casar e de precisar ter alguém. Ela acha que foi do tanto que viu sua mãe sofrer de estar sozinha e ter que dar conta de tudo. E o exemplo do seu pai ter dado certo em uma parceria.

*Eu lembro que, muito nova, queria um namorado, só pensava nisso... até a influência das minhas experiências, acho que tem uma coisa de buscar o prazer nisso, sempre teve essa*

*coisa de precisar ter alguém. Foi de ver o quanto minha mãe sofreu de estar sozinha, de dar conta de tudo sozinha... e meu pai e a mulher, por mais todas as dificuldades, estão juntos, deu certo. Não deu com a minha mãe, mas deu em outro lugar. Então acho que tenho uma coisa muito forte de ter alguém. (A)*

**A** parece ter vivido o sentimento do abandono na separação dos pais, apesar de ambos terem cumprido com a parte de cuidadores designados para cada etapa do desenvolvimento. Na casa da mãe, não se sentia pertencente, alienada das alianças de sua irmã e sua mãe. Na casa do pai, teve maior proximidade com a madrasta, por quem criou uma relação de afeto significativo, mas não suficiente para sentir-se confortável e parte da família. Ambos, pai e mãe, sempre tiveram muita dificuldade no diálogo, e um segredo de família, relacionado à separação, foi revelado apenas quase quarenta anos depois, após a morte de sua mãe. **A** está casada há mais de catorze anos e tem uma filha dessa união. Será que a escolha por uma filha única pode estar relacionada à vivência difícil da relação com a sua própria irmã na infância? Existe um “medo” iminente de ficar sozinha quando ela relata o sofrimento da mãe na criação das filhas, e na crença de que o prazer está nas relações afetivas. Seria possível ser feliz sozinha para **A**?

Nessa família o patriarcado prevalece. A mulher, traída, esconde esse segredo até a morte, para proteger o pai das filhas, e não o contrário; é levada a superar questões profissionais, financeiras, emocionais e familiares sozinha, mas ainda assim leva mágoa até o final da vida, não consegue nem ser feliz sozinha e nem encontrar outro parceiro, passando adiante o legado de um casamento frustrado.



## Participante B

**B**, quarenta e seis anos, psicóloga, foi casada doze anos com o primeiro marido, que tem cinquenta e dois anos e é músico. Eles têm um filho de treze anos. Se separaram antes de o filho completar três anos. Atualmente, é casada com o segundo marido, que tem cinquenta e dois anos e é jornalista. Esse é o terceiro casamento dele. Com cada uma das mulheres anteriores teve um filho: uma menina de vinte e seis e um menino de quinze.

Na sua família de origem, a mãe, setenta anos, professora, se separou quando **B** tinha três anos e nunca recasou. A avó da **B** ficou viúva aos vinte e seis anos e criou dois filhos sozinha (a mãe da **B** tinha sete e o tio, dez anos). O tio de **B** teve várias mulheres (mais de oito), teve filhos com duas delas. Com a primeira teve três filhos, e com a segunda teve mais um.

O pai de **B** tem setenta e quatro anos, é recasado e tem duas outras filhas, que moram com ele e a esposa atual. Ele traiu a mãe de **B** diversas vezes antes da separação. Essa foi a motivação para o divórcio. **B** tem apenas uma irmã mais nova (44) que teve uma filha do primeiro casamento e também se separou quando a menina era pequena, aos quatro anos.

A madrasta sempre esteve presente, e a relação com o pai parece estar sempre mediada por essa relação, apesar de **B** falar dela como sendo uma pessoa “difícil”, que tem sempre razão. Mas, com o pai, a relação era ruim, principalmente enquanto eram crianças. Ela fala de um pai “imaturo” com quem não conseguiu construir intimidade.

*Meu pai nunca teve intimidade com a gente... Eu nasci e ele tinha vinte e oito anos, era um moleque, e ele é ainda um moleque, até hoje com setenta e um anos... mas ele amadureceu um pouquinho... mas naquela época ele tinha medo de ficar com a gente. Era um caos. As minhas principais lembranças das visitas ao meu pai quando criança era com a mulher do meu pai, e na casa da mãe dela. (B)*

Apesar disso, e do pouco tempo que passava com o pai, **B** relata que gostava de estar com eles. A madrasta era uma boa companhia e ela gostava da presença dela. Ao mesmo tempo, vivia em conflito, porque a mãe tinha raiva da relação atual do pai e **B** se sentia culpada, inclusive passando mal fisicamente. Para evitar esse sentimento de achar que não poderia gostar de

estar com o pai, **B** dizia que não queria voltar para a casa do pai para não repetir a experiência.

*E ela é muito legal; ela com criança é um espetáculo, ela não cansa nunca, é super animada, não tem filtro, não tem trava, então ela topa tudo, ela faz mais bagunça do que a criança. E era um grande conflito, porque eu amava estar com ela, e eu não podia gostar... porque a minha mãe odiava ela; a minha mãe odiava meu pai, odiava a mulher dele, e ela deixava isso bem claro, bem explícito. Na minha casa, a palavra pai eu não falava nunca, eu me referia a ele pelo nome dentro de casa. E chegou um tempo em que ele era O desgraçado e ela era A barata, tamanho o nível de hostilidade. Então eu amava ela, mas não podia gostar. Então, eu chegava em casa passando mal, com febre, vomitando, com dor de barriga... e eu nunca queria repetir os programas que eu tinha adorado fazer com meu pai. (B)*

Esse relato é muito significativo, porque retrata um caso de alienação parental evidente. A mãe de **B** contava para filha sobre as inadimplências do pai em pagar as escolas e a pensão. E falava claramente para as filhas que o pai era irresponsável e que elas não podiam apoiá-lo em nada. Inclusive, muitas vezes, a mãe envolvia **B** para cobrar que ele pagasse as contas devidas. E todo esse clima teve um impacto importante na relação de **B** com seu pai. A mãe sempre colocava **B** como intermediária da relação conjugal e falava mal do pai.

*Então era muito complicado, pois eu me sentia na obrigação de hostilizar eles, e no fundo eu estava adorando. Minha mãe sofria, minha mãe chorava, ela estava sozinha, estava sem dinheiro, porque meu pai não pagava pensão direito. Inadimplente na escola; e eu não recebia o boletim, porque meu pai estava com a mensalidade atrasada... mas eu adorava estar com ele... mas não podia, porque minha mãe tinha que fazer o diabo pra alimentar a gente, vestir a gente, pra pagar a dívida da escola. Então era super complicado. (B)*

A relação da **B** com a mãe era simbiótica. **B** era cuidadora de algumas crises histéricas da mãe. Isso aconteceu até a mãe dizer que seu pai ameaçou tirá-la da mãe e **B** acabou nunca mais querendo ver o pai. (Provavelmente uma mentira que **B** acreditou enquanto criança).

*Ela tinha crise de anorexia nervosa. Eu tinha 8 anos, e minha mãe pesando 39 kg... Eu alimentava ela na sonda*

*nasogástrica. Ela tinha várias estrias de conversão; ela acordava e tava cega...e por outro lado era super afetiva, super amorosa, ela fazia tudo pra gente. Ela não brigava porque não precisava também... a gente obedecia tudo... A gente era muito próxima: eu sentia que sem ela eu morria. Eu comecei a acreditar que eu não queria ver meu pai, porque meu pai era uma ameaça. E ela falou uma vez: "seu pai ameaçou tirar vocês de mim". Aí acabou, nunca mais quis ver ele. (B)*

Antes disso o pai só vinha visitá-la quando ela ligava e chamava. Ele não cumpria com as visitas semanais. Então **B** deixou de ligar e eles passaram anos (aproximadamente dez anos) sem se encontrar. **B** e o pai ficaram sem se falar até ela completar vinte dois anos, quando sua mãe teve um surto psicótico e a expulsou de casa.

A relação com a família de origem da mãe sempre foi boa e ela cresceu bem próxima dos primos, mas também conta que tiveram muitas histórias de traição na família e ela foi a única mulher da família que recasou. Ela acabou se afastando dos primos depois que casou com o primeiro marido. Nessa época, sua mãe tinha surtado e ela estava morando na casa de uma amiga da mãe, bem desconfortável. Foi quando seu pai começou a ajudá-la com um pouquinho de dinheiro e ela resolveu ir morar com o ex-marido, que era seu namorado na época. Entre o início do namoro e a expulsão da mãe de casa se passaram dois anos.

O pai se reaproxima de **B** um dia que ela passa mal, e liga para o pai para pedir ajuda. Foi assim que, aos vinte e três anos, **B** relata que começou a ter um novo olhar sobre a relação com o pai. Ela faz uma releitura da separação, os motivos pelos quais a relação de seus pais não deu certo.

*Minha mãe falava pra mim: "você é igual ao seu pai, você é igual a ele". E eu pensava "não sou tão ruim assim, então ele também não deve ser". E foi quando eu comecei a olhar pra minha história com o olhar de adulto. Porque até então era o olhar da criança que aceitava o que a mãe falava e aquilo era verdade e pronto. Foi quando comecei a olhar pra minha história. E aí eu fui conhecer o meu pai de verdade. Porque até então eu aproveitava o tempo que eu tinha com ele, mas sempre tinha o filtro da minha mãe... E eu acho que minha relação com meu pai começou quando eu tinha vinte e três anos. (B)*

**B** também faz uma releitura da personalidade do pai em consideração à história de vida dos seus avós paternos sobreviventes da segunda guerra.

*Foram dois sobreviventes de guerra criando uma criança num país estrangeiro, não tinha como ele sair muito diferente do que ele saiu também, né? E meu avô militar, minha avó com problemas psiquiátricos gravíssimos em decorrência da guerra. (B)*

**B** considera a reaproximação com a mulher do pai bastante importante. Aparentemente **B** encontra um significado para justificar o comportamento do pai: “*Meu pai não cuida de ninguém, minha mãe quer atenção o tempo inteiro. Não tinha como funcionar.*” (B)

Dar sentido a essa história vivida parece reconfortar as possibilidades de refazer a relação em um outro lugar e abrir espaço para novas experiências de paternidade.

A relação com a madrasta parece ter feito uma grande diferença na reconstituição dessa relação. É como se **B** encontrasse nela uma referência de feminilidade positiva e alternativa às referências ligadas à família maternal. Como a relação com sua mãe, irmã e avó sempre foi muito difícil e permeada de conflitos, a madrasta representa uma possibilidade diferente de relação amorosa, mesmo que o ciúmes das meias-irmãs prevaleça em alguns momentos.

*É uma pessoa querida, que eu adoro, difícil pra caramba...de vez em quando a gente rosna uma pra outra, a gente se estranha, mas a gente se respeita... minhas irmãs morrem de ciúmes, a Cana e a Juliana morrem de ciúmes, porque eu e a mãe delas nos damos bem, e elas não se dão bem com a mãe. (B)*

Ela relata que um dos aprendizados da história de vida dela é tentar não repetir o padrão de falar mal do pai para seu filho. Ela diz que se sentiu “amarrada” a vida inteira. E que, mesmo com todos os anos de separação dos pais, eles ainda não gostam que falem de um para o outro. Por “amarrada” ela se refere a ter um comportamento diferente na presença de cada um, para não desagradar nenhum dos dois. Embora relate que não sofria preconceito, sentia que outros pais não queriam sua mãe solteira por perto.

*“Eu tinha muito medo de desagradar. Eu era muito certinha, era a*

*melhor aluna da sala, eu queria que tivessem orgulho de mim, queria que gostassem de mim.”* (B). Essa é uma frase de impacto que reflete bastante a visão de **B** sobre o que ela viveu desde a separação até os dias atuais. Enquanto os pais estavam preocupados em resolver suas vidas particulares, **B** lutava para se sentir pertencente em algum contexto, nem que fosse o escolar.

Quando pensa na relação do seu filho com a atual mulher do pai, acha bom que eles se gostem, desde que saiba que ele está sendo bem tratado. **B** também acha bom ele ter contato com a meia-irmãzinha dele. Da mesma forma, ela tenta ter um relacionamento bom com a ex-mulher do atual companheiro, mostrando a importância de todos se sentirem à vontade em eventuais ocasiões, como aniversários ou encontros.

Sobre o próprio divórcio, **B** fala de ter crescido com o sentimento de abandono e achar que não era merecedora do amor de ninguém. Por isso, seu primeiro casamento foi um erro desde o começo, pois ela teria se casado para ter um lugar para morar. O nascimento de um filho homem trouxe a realização de espaços diferentes, pois foi criada entre mulheres que dividiam tudo, e agora, poderia construir espaços de convivência diferente com um menino dentro de casa.

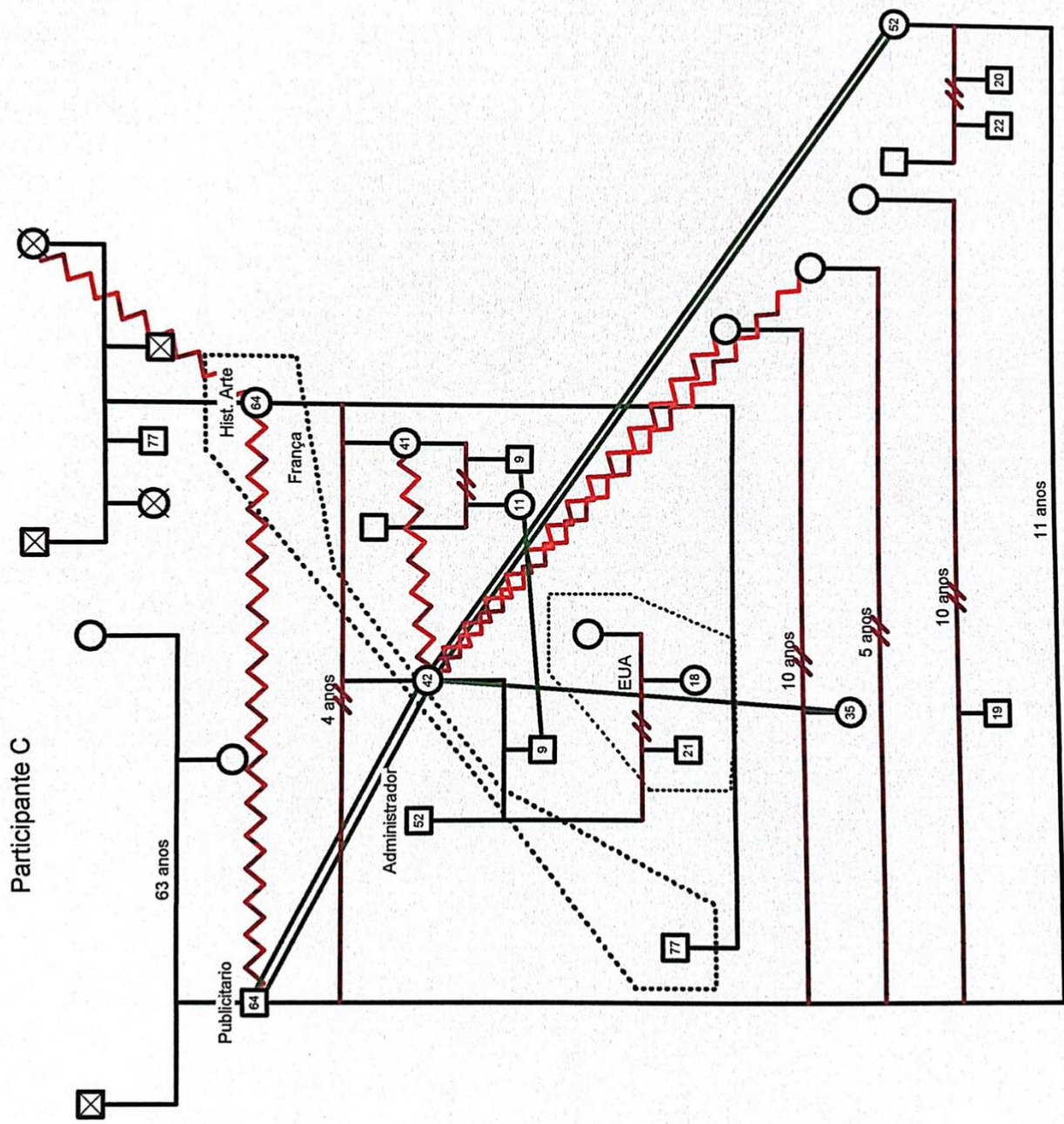
*Minha mãe casou pra sair de casa, eu casei pra ter uma casa. Minha mãe achava que ninguém nunca iria querer ela se não fosse meu pai; eu tinha essa mesma sensação, pois eu não era digna de ser amada por ninguém. Então, eu acho que muitas coisas de não se sentir merecedora, e de comprar muito o que a minha mãe falava, de que ninguém ia gostar de mim, que ninguém nunca ia me aguentar... e meu pai já não me queria, já tinha me abandonado...eu cresci com esse sentimento de abandono, de não ser merecedora de um investimento afetivo. Meu primeiro casamento foi um bote salva vidas, só que ele estava furado. Eu lembro que quando eu soube que estava grávida de um menino, eu fiquei super feliz, porque só tem mulher na minha família. Finalmente eu vou fazer alguma coisa diferente, porque era tudo tão igual... na casa da minha mãe era tudo tão embolado... eu não tinha nem roupa que fosse só minha, não tinha espaço pra existir a individualidade. E acho que isso é fundamental, ter espaço pra ter o coletivo e ter o individual... não dá pra você se fundir, família não é fusão.* (B)

No novo casamento, o desafio é fazer diferente dos relacionamentos anteriores, considerando os filhos, educação e “cartilhas” diferentes. A partir

dessa experiência, faz uma referência à validação do atual marido como padrasto e a importância desse relacionamento na vida deles como família. Como madrasta, ela tenta dar algumas orientações, mas tem a certeza de que não ocupa o lugar da mãe, diferente do atual marido em relação ao filho.

*Eu não sabia o que era ter pai. Eu não sabia como era um pai, até que o João entrou na vida do meu filho. É muito diferente eu construir a relação com meu pai depois de adulta. Então eu não sei o que é um pai ensinando, impondo limite, organizando. E acho que só me dei conta agora disso, de que eu nunca soube o que era um pai dentro de casa até ver meu marido com meu filho. Ele não é o pai, mas é ele quem faz essa função. E aí é mais uma coisa que eu faço diferente. Eu deixo o meu filho ter uma referência de pai. (B)*

A história de **B** nos revela as complexidades de relações nas novas estruturas familiares contemporâneas, de vivenciar a separação dos pais na infância, sofrer alienação parental e ter rompido relações com o pai, a experiência de ter repetido o padrão da mãe em casar-se com um homem que não participava como pai na criação do filho. O recasamento de **B** parece trazer a possibilidade de reformular as relações de parentalidade e os papéis de madrasta/padrasto na vida familiar atual.



## Participante C

**C** é casada e tem um filho de nove anos. O marido tem dois filhos do primeiro casamento. Um menino de vinte e um e uma menina de dezoito anos. **C** tem uma irmã mais nova separada com dois filhos, de onze e nove anos. Os pais ficaram casados apenas quatro anos e se separaram quando **C** tinha dois anos.

O pai é publicitário e sempre trabalhou muito. **C** lembra de terem passado boa parte da infância com os pais juntos, mesmo estando separados. O pai teve outras quatro mulheres. Está no quinto casamento. Ele teve uma filha (35) do segundo casamento e um filho (19) do quarto casamento. Além disso, **C** ainda tem bastante convivência com dois enteados do casamento atual do pai.

Ela conta que a relação com as duas primeiras madrastas foi bem ruim, que elas tinham mais interesse no dinheiro do pai e a usavam para pegar informações.

*Quando meu pai começou a namorar a outra, meu pai ficou meio diferente... e um dia a ex-mulher dele me chamou como enteada pra conversar, e eu sou meio ingênua, e me abri... falei "ah, meu pai tá esquisito mesmo". Tanto que é uma lição de vida. E ela usou as minhas palavras para argumentar com meu pai e pra dar a entender que ia por um processo, que inclusive as filhas achavam isso dele. Muita falta de sensibilidade, de respeito, e aí fiquei muito mal... e meu pai me ligou, "meu, que você foi falar com ela?", falei "pai, minha madrasta me ligou pra conversar... desde quando eu não posso falar com ela?" – aí esse dia que eu fui ter noção, "ah, ela é do mal?". Aí eu aprendi que tenho que ficar meio quieta, e falei pro meu pai "nossa, desculpa, como é que eu ia imaginar que essa mulher ia fazer isso?". (C)*

A quarta separação, com quem ele teve um filho, foi mais tranquila e a ex-mulher conviveu bastante na família, inclusive viajando junto com todos. A convivência com a quinta e atual mulher (52) do pai é bem mais amigável. Elas mantêm uma relação próxima por ela ter a mesma idade do marido da **C** e um filho que tem a mesma idade que o enteado e o irmão mais novo da **C**. Todos estudam na mesma escola e se veem diariamente.

*A gente é isso: trabalha na mesma área, tem uma vibração... como assim, como amiga mulher, é a que eu mais gosto. Me*

*dou muito bem com ela, ela é muito querida. E eu até converso com ela assim: a gente tem umas semelhanças de jeito... ela é super paciente com meu pai, ela é muito dedicada aos netos do meu pai, meu filho. (C)*

**C** conta da experiência de ter sido madrasta antes de ser mãe e fala do carinho da atual madrasta com seu filho. Ela fala que foi um aprendizado a dedicação e o amor no cuidado dos filhos pequenos de outra mulher e de como ela entende melhor o papel das madrastas e do amor na vida familiar. Ela também conta dos conflitos de receber os enteados na casa dela quando eles foram morar juntos e de como ela, às vezes, gostava e, às vezes, se irritava com a situação. Ela conta de cenas de ciúmes em aniversários e da dificuldade de se relacionar com a ex-mulher do marido.

*Eu já podia casar, podia ter filho, podia morar junto... só que não... espera pra morar juntos, espera pra casar, espera pra transar... tudo com filho pequeno... a menina começa a chorar, vocês estão se beijando, ou se estão brigando... pra mim o lance era assim: não podia brigar com o marido. Aí eles iam dormir e a gente brigava, ou eu ia tomar banho nas horas que eu estava brava e entrava a filha menor no chuveiro comigo "posso tomar banho com você?".... sabe? Com filho a gente é super sério, mas eu tinha vinte e nove anos. (C)*

Há três anos, a mãe dos enteados foi transferida para os Estados Unidos e os filhos foram morar junto com ela. Isso foi motivo de conflito no casamento de **C**. Ela não queria deixar de ter a convivência com os enteados e também não queria que eles se afastassem do meio-irmão. **C** sempre desejou ter família grande, se dedicou a isso e viu seus planos acabarem com a ida da ex-mulher do marido para fora do país. Ela assume que a convivência aproxima, cria vínculos e gera amor.

*Eu sempre falei para meu marido: eu sempre me esforcei muito com as crianças, muito. Eu gostava deles, eu gosto. Mas tinha um esforço – eu sempre quis ser a amiga. E o nosso filho, desde que ele nasceu eu fazia questão de ter uma super convivência e mostrar que eles eram irmãos... quando não convive, tem amor, tem um vínculo, mas distancia... (C)*

**C** conta que o pai tem uma fazenda que é um lugar de encontro familiar e a convivência entre todos da família paterna é muito próxima. Tem uma irmã

da avó que casou com o irmão do avô, então muitos primos sempre estiveram bem próximos.

A mãe recasou vinte anos após a separação e mantém essa relação há aproximadamente dezoito anos. Antes desse recasamento, **C** conta ter uma relação de convivência difícil com a mãe. Fala que é mais parecida com o pai e a irmã com a mãe. Caracteriza a mãe como baladeira, irresponsável, mal sucedida.

**C** fala que não se sentia muito bem na casa da mãe, preferia estar com o pai. Ela conta que a mãe tinha um jeito meio sexual e levava homens para casa com as filhas lá para transar e ela escutava tudo. Também conta de um protecionismo da mãe com a irmã. Diz que a mãe ajuda mais a irmã, convive com os netos da parte dela e não faz questão de estar com o filho dela.

*Minha irmã e minha mãe tinham muita afinidade, brigam, ficam juntas... e eu meio diferente delas... me identificando mais com meu pai. E na minha família sempre teve algo meio ridículo que era: a minha irmã é filha da mãe, e eu, sou filha do pai, sabe? Sempre fizeram essa divisão, pro bem e pro mal. Meu pai é um cara bem sucedido, então eu sempre fui a inteligente. A minha mãe é uma pessoa mais enrolada, menos bem sucedida, e minha irmã carrega essa energia. (C)*

Nesse trecho, encontramos novamente a questão da triangulação, na qual a irmã e a mãe formam uma aliança, fazendo com que **C** se sinta diferente delas. O sentimento de não pertencimento na casa da mãe aciona a identificação com a inteligência do pai e a proximidade da relação. Ela fala que o pai tem mais dinheiro que a mãe, mas faz questão de proporcionar momentos de encontros e convivência, diferente da mãe.

*Eu tenho uma afinidade com meu pai, que eu não tenho com a minha mãe e a minha irmã. De jeito, de gênio, de ficar junto... eu vou na casa da minha mãe eu não me sinto à vontade, na do meu pai sim. Com a minha irmã, vou na casa dela e me sinto mal. Eu não gosto da energia, do jeito. Mas eu morava numa casa que era essa a energia, então eu sempre me achava estranha – e era isso... era meio esquisito... e as duas eram grudadas, e eu sempre fui independente... o que era bom de um lado, mas eu ficava meio carente. (C)*

A convivência com a meia-irmã também é complicada e **C** acha que ela tem sérios problemas emocionais. **C** também se refere ao carinho com os

sobrinhos, filhos da irmã, e da vontade de ter o filho dela mais próximos dos primos.

Conta que sempre quis casar, mas não imaginava que se casaria com um homem separado. Por outro lado, ela reflete que o fato de ele já ser pai os aproximaram. Para ela, a experiência dos outros casamentos do pai a ensinaram a conviver com outras pessoas e a aprender a ser uma madrasta legal. Isso ela pensa em ensinar para o filho, respeitando a história da família de todos eles.

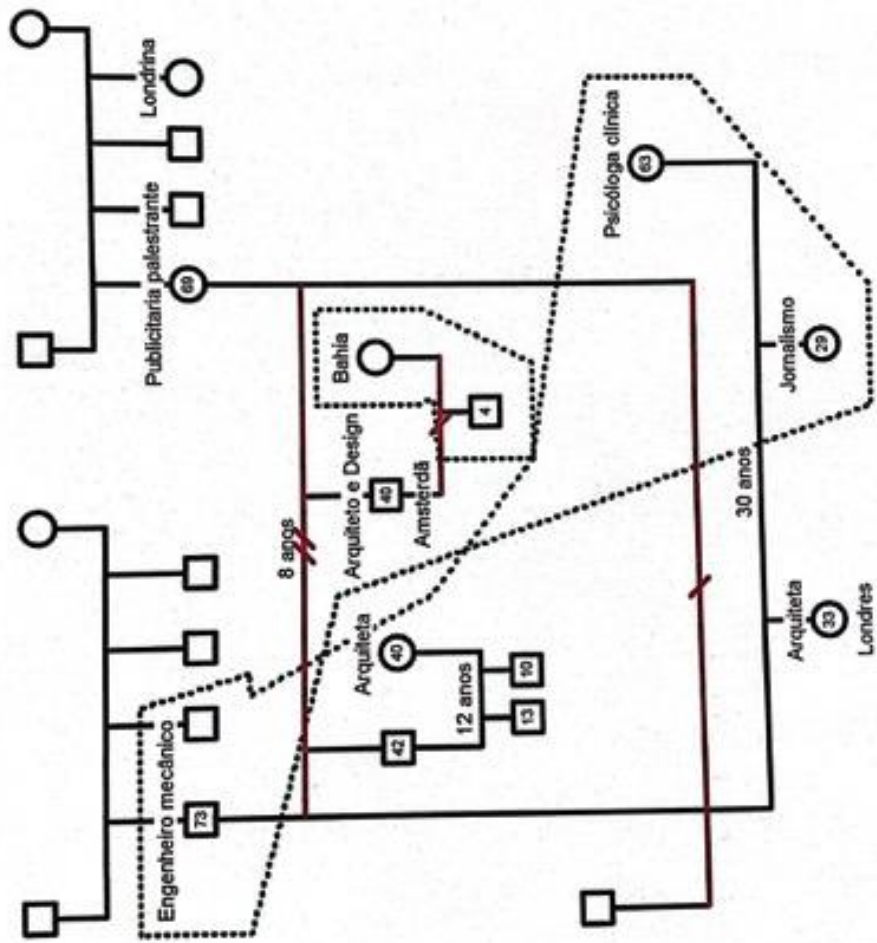
Seu pai está com a atual mulher o mesmo tempo que ela está casada.

Sobre valores familiares, ela fala de cumplicidade e honestidade no casamento, bem como da importância da convivência. A fazenda do pai e os encontros são referência de cuidado e atenção.

*Eu sempre sonhei casar. Então mudei meu nome... e na nossa geração ninguém muda o nome. Acho que é uma unidade familiar. Eu nunca imaginei que me casaria com um homem separado – hoje em dia eu até acho que minha sexualidade passa por esse lugar desse homem que é pai – então essa atração por um cara que desde sempre foi pai. Até conheço o meu marido desde antes dele ser pai, mas a gente se aproximou e ele já era pai... então sempre esse registro de família. (C)*

As referências de valores familiares parecem ter sido construídas para **C** na convivência com seu pai. Na casa da sua mãe, as relações eram mais difíceis, principalmente pelas alianças da irmã com sua mãe. Por outro lado, apesar de o seu pai ter tido várias outras mulheres e filhos de casamentos diferentes, **C** sempre se sentiu acolhida e bem recebida na família do pai. Aparentemente, esses exemplos de respeito às diferenças e de convivência com diferentes tipos de pessoas ajudaram **C** a desenvolver seu papel de madrasta. Inclusive, quando **C** afirma sentir-se atraída por homens divorciados, é como se ela se identificasse com o papel da madrasta, confirmando que ter passado por essa experiência ao longo de sua vida foi enriquecedor.

Participante D



## Participante D

**D**, quarenta e dois anos, é casado há doze anos e tem dois filhos, um de treze e outro de dez anos. Ele tem um irmão (40) que mora na Europa, é separado e tem um filho de quatro anos que mora com a mãe na Bahia.

Os pais se separaram quando ele tinha quatro anos. O casamento durou oito anos. Os dois tiveram outros relacionamentos depois da separação. O pai casou-se de novo e teve outras duas filhas, atualmente com trinta e três e vinte e nove anos.

A mãe também teve um segundo casamento, mas se separou de novo. Esse segundo marido da mãe acabou casando com uma amiga da madrasta. E as filhas dessa mulher do primeiro casamento dela foram bastante presentes na vida de **D** durante a infância. Eles têm idades próximas.

Ele conta que sempre teve muita dificuldade para ir à casa do pai, principalmente depois que o pai casou com a segunda mulher. **D** não se sentia à vontade, achava o ambiente “escuro” e a madrasta falava muito alto e o criticava o tempo todo. Isso deixava **D** irritado e ele escolheu ir se afastando. Hoje reflete que talvez não tenha sabido aproveitar alguns ensinamentos que o pai e a madrasta tinham para oferecer.

*A casa dele tinha muitas regras, aleatórias assim... o espaço era um pouco mais escuro... eram muito críacas... implicavam com tudo. Então era sempre muito desgastante... Eles implicam com tudo até hoje. Depois comecei a ver que são muito sensíveis, do tipo de ficar meio irritado/bravo com as coisas. Então ela é uma pessoa que estoura muito, fala muito, fala alto... e eu tinha dificuldade de lidar com isso. Hoje vejo que ela tinha muita coisa pra ensinar, sendo uma relação em que eu poderia aprender mais coisa em vez de me omitir e me fechar e querer cada vez menos contato com a família do meu pai. (D)*

A relação com a madrasta sempre foi difícil, segundo **D**, pela postura dela em relação a ele, o que proporcionou um distanciamento da família do pai. Embora **D** reconheça o afastamento, ele nunca se reaproximou do pai. Na casa da mãe tinha mais conforto e era mimado, mesmo vendo pouco a mãe, que trabalhava muito. A mãe ainda trabalha muito viajando e dando palestras sobre futurismo.

Os conflitos com o pai permearam a vida toda até a fase adulta. Para **D**, o pai sempre foi grosseiro. Por exemplo, desmereceu o filho quando passou no vestibular, como se ele não tivesse capacidade para isso, ao invés de parabenizá-lo: *"Ele ficou surpreso por eu ter passado. Ele não falou parabéns e nem me deu um sinal assim (jóia)... e isso me irrita muito"* (D).

Uma outra situação que representa essa relação foi quando **D** completou vinte e cinco anos e ele e o irmão tiveram que ir a um advogado assinar que o pai não devia mais pensão e o pai teria dito que, por ele, nunca teria pago. **D** achava horrível essa postura paterna e sentia como se ele não fosse da família. O desmerecimento do pai pelas conquistas de **D** marca uma relação de paternidade com distanciamento e desapego.

*Então tive que eu, meu irmão e meu pai ir num advogado dele pra assinar um negócio pra falar que a gente não precisava mais receber a pensão... e no meio disso ele falava "se eu pudesse eu não teria pago". Era ruim, eram sempre as coisas da grana... era tipo "não é mais minha família". E eu achava horrível. (D)*

Sobre a interpretação dele a respeito da separação, é como se ele se sentisse uma visita na casa do pai. As questões financeiras também foram sempre presentes e muito difíceis. O pai não quis ajudar nem no casamento do **D**, sabendo que o filho não tinha dinheiro e ele sim. **D** tentou falar com o pai sobre esse assunto do casamento no ano da entrevista, mas a conversa não foi produtiva e eles continuam se desentendendo. Para **D**, a separação dos pais indicava que, a partir do momento que o outro começa uma nova família, com outros companheiros, as relações de paternidade com os filhos anteriores ficavam restritas apenas a interesses financeiros e não abarcava laços afetivos. *"Mas a sensação que eu tenho, tendo meu pai como exemplo, é que o cara separa e ele quer apagar aquilo lá, e se tem uma família nova, é a única família dele"* (D).

A avó paterna, antes de morrer, falou para o neto que seu pai sempre fora assim. **D** entendeu que ele tem esse jeito crítico na sua personalidade que se reflete principalmente no lado profissional. A identificação com a personalidade do pai ajuda a justificar a ausência dele depois da separação. É como se, de alguma maneira, ele entendesse o comportamento do pai: *"Ele*

*critica muito, ele critica antes de falar qualquer coisa. E isso é uma coisa que existe em mim, faz parte da minha personalidade também” (D).*

Esse distanciamento não trouxe momentos de convivência com as meias-irmãs, com quem mantém contato, mas não nutriu laços de afetividade. **D** também não tem proximidade nem com seu irmão de sangue.

Com o padrasto, enquanto a mãe estava casada, a relação era boa e carinhosa. **D** fala desse padrasto como uma referência diferente e boa de paternidade.

*Foi uma figura paterna muito legal, porque a gente viu o outro lado da figura paterna, e acho até pela responsabilidade que ele não tinha também... pois ele tinha essa liberdade, e isso foi bom. Mas tinha uma coisa muito mais divertida assim de estar com ele... e eu lembro que, logo depois que meus pais se separaram, eu tinha mais vontade de ficar com meu pai, e isso foi mudando. É lógico que com o tempo uma bronca, morando com o padrasto, eu ia levar... eu tive todos esses pais... porque fui morar fora e falo com eles até hoje, meus pais americanos. Eles são super carinhosos também, e foi uma outra referência... é um casal que tá junto até hoje. E meu filho disse "olha, tenho 3 avós"... e falou disso como uma coisa legal. (D)*

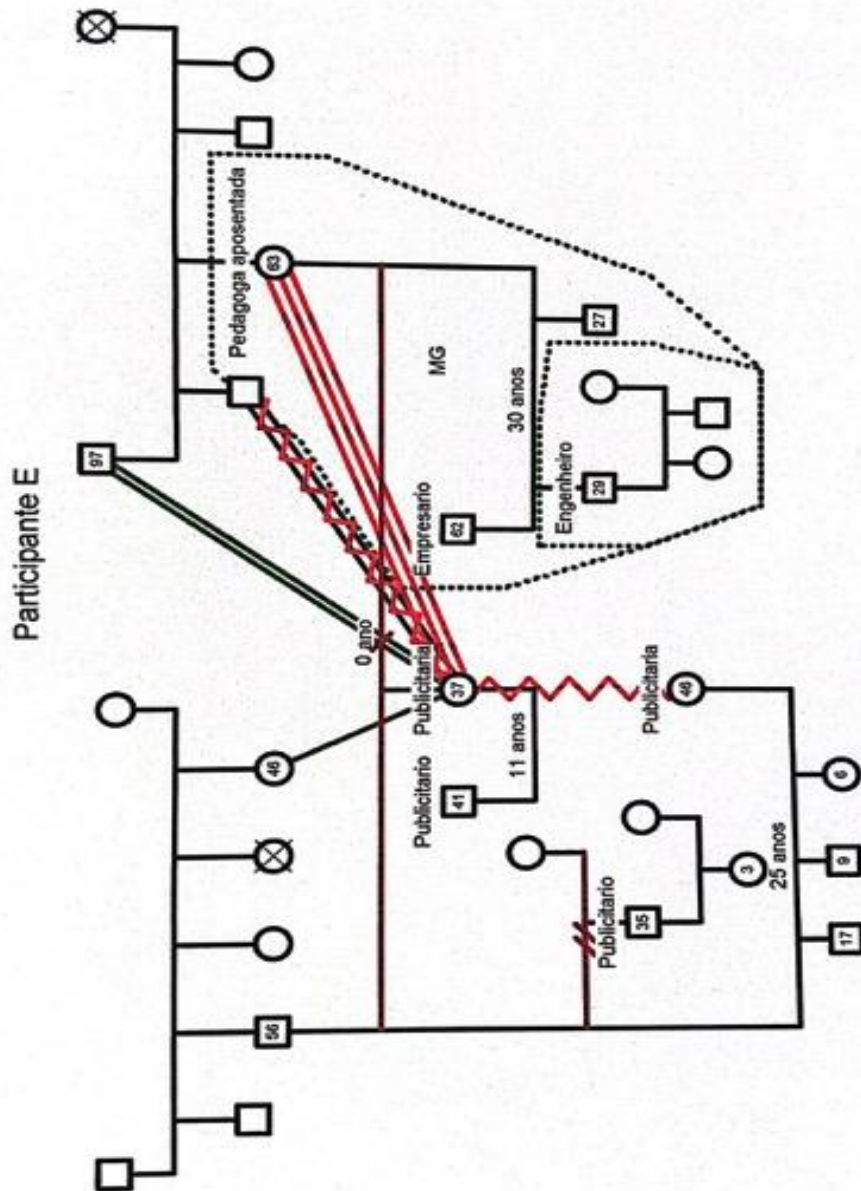
**D** quase não se refere à mãe, nem quando questionado. Fala que ela teve alguns namorados, mas mora sozinha e provavelmente se sente solitária algumas vezes, embora, para **D**, ela se vire bem sem namorado. Ele acredita que o irmão é mais próximo dela por ter tido mais tempo de convivência em casa, mas não fala quase nada da relação entre eles.

A única coisa que conta sobre a mãe é que via ela chorando quando se encontrava com o pai enquanto eles ainda eram pequenos. **D** sabia que ela teve depressão, achava que seu pai estava sendo injusto com sua mãe e que precisava protegê-la e a seu irmão, mas não sabia como. Depois comenta que isso passou e não tem traumas desse momento.

*Quando eu era bem pequeno, toda vez que meus pais se encontravam, eles brigavam. E minha mãe chorava. E eu achava tudo mais injusto com o lado da minha mãe, pois eu morava com ela, e ela era sozinha. E minha mãe teve depressão na época, e eu não sabia o que fazer. E isso foram épocas que eu não falei muito com meu irmão, e ele era novo também, a gente era adolescente. E quando meus pais se separaram, meu irmão era muito novo, tinha dois anos... então eu não conseguia proteger o meu irmão, e eu achava que tinha que proteger e não conseguia... eu não sabia o que estava*

*acontecendo e tal. E a mesma coisa acontecendo com a minha mãe, eu não sabia muito o que fazer quando ela ficou doente. Você também não vai resolver muita coisa, mas sei lá... e isso acho que melhorou. (D)*

Para **D**, as relações familiares são difusas. Ele conta poucas histórias de carinho e afeto tanto com a mãe, quanto com o pai, irmãos, meios-irmãos, ou até mesmo com os avós. Parece ter crescido em um ambiente no qual a individualidade das escolhas tinha que ser preservada e os conflitos abafados pelas circunstâncias. Apesar disso, ele teve referências de outros modelos de paternidade com um padrasto e seu “pai americano”. Mesmo com essas experiências, escolheu casar e segue firme nessa relação há doze anos.



## Participante E

**E** é filha única de pai e mãe. Os pais se separaram quando ela ainda era recém-nascida. Ela é casada há onze anos e não teve filhos por enquanto. A mãe é pedagoga aposentada e o pai é empresário. Quando **E** tinha aproximadamente dois anos, sua mãe conheceu o padrasto e casou-se com ele três anos depois. Eles estão casados há trinta anos e tiveram dois filhos dessa união. **E** considera o padrasto seu pai. Ela não teve nenhum contato com o pai biológico quando era pequena. **E** conta que não tinha vontade de conhecê-lo e, na sua fantasia, achava que o pai podia querer tirá-la da família da mãe. Embora conte que a família do pai sempre quis se aproximar, e que a relação da mãe com seu pai biológico era boa, eles só vieram a se conhecer quando **E** tinha sete anos.

*Na minha cabeça, eu não queria. Eu não quis conviver e conhecer a família do meu pai. Eu meio que sabia que eles existiam, minha mãe me falava deles – nunca falou mal, nada desse tipo. Pelo que eu entendo era uma decisão muito minha que de alguma forma minha mãe respeitava. (E)*

Esse encontro tardio de **E** com seu pai dificultou que eles criassem uma relação afetiva, mesmo com os encontros que tiveram depois de se conhecerem. Até hoje, **E** chama seu pai pelo nome próprio. A conexão de paternidade **E** teve com o padrasto, e é com ele que ela reconhece esse amor de pai.

*Não me conecto com meu pai como figura paterna de primeira, na verdade demorou muito, e ainda se eu falar que somos 100% conectados como pai e filha e que eu tenho uma liberdade de filha, é mentira. Nunca me conectei emocionalmente, de verdade, 100%. – porque eu tenho essa conexão com meu padrasto. Foi ele que me criou, foi ele que segurou meus perrengues. O amor de pai, aquele de abraço de verdade, aquele que deita no colo, é com meu padrasto. (E)*

Essa passagem é bastante importante, porque retrata como as relações afetivas podem ser construídas e desconstruídas a partir do quanto cada um se dispõe àquela relação. Isso retrata o quanto a conexão consanguínea não garante a parentalidade. Pelo contrário, demonstra que, muitas vezes, outras pessoas, independente da genética, são capazes de criar

relacionamentos seguros, de amor, carinho e confiança. Para **E**, o padrasto ocupou o lugar de pai para ela desde que ela era pequena e ambos conseguiram cuidar dessa relação para que isso acontecesse. E mesmo com o investimento do pai biológico, ainda que tardio, na filha, a relação foi reconstruída em um lugar mais de amizade e respeito, do que realmente de paternidade. Além desse agravante, **E** também não tinha um bom relacionamento com a atual madrasta, que, segundo **E**, tinha muito ciúmes dela e da possível relação dela com o pai. **E** confidenciou uma história íntima para ela que acabou afastando seu pai de falar com **E** por mais seis anos. “Eu fui procurar meu pai algumas vezes, pedia pra gente conversar, pra ele me ligar... e ele simplesmente ignorou todas as minhas tentativas de reconciliação” (E).

Esse segundo afastamento do pai biológico de **E** acabou a impedindo de ver seus meios-irmãos menores, que nasceram e ela não participou do crescimento deles por um bom tempo, até que a própria madrasta resolveu reatar a convivência de **E** com a família do pai. Mais uma vez vemos a interferência da madrasta na relação dos filhos com seus pais. Não importa se a madrasta é considerada boa ou ruim, carinhosa ou ciumenta, de alguma maneira, na maioria dos casos vistos neste estudo, ela acaba interferindo no quanto o pai se aproxima ou se afasta dos filhos do primeiro casamento.

*Ele tentar ficar mais próximo hoje em dia acho que também é um esforço pelos meus irmãos. Mas sou adulta, né? Acho que hoje isso não me pega mais... a relação dele comigo depois dessa briga mudou muito. Ele ficou mais preocupado comigo, em como se dá essa relação em si. De alguma forma deve ter se sentido culpado. Mas, eu que cheguei nessa conclusão, ele nunca me falou nada. (E)*

E com os outros meios-irmãos, mais novos, a convivência do pai biológico de **E** trouxe uma referência diferente. Aqui também notamos que o tempo de convívio com os filhos promovem uma relação afetiva mais próxima e cuidadosa dos filhos com seus pais.

*Com meus irmãos ele tem a relação de pai, porque eles moram sob o mesmo teto – ele educa os meus irmãos. Coisa que ele nunca faz comigo – ele não foi a figura que educou, que conviveu, enfim... para meus irmãos ele é, são uma família – papai, mamãe e filhinhos. (E)*

No que diz respeito à relação de maternidade, **E** fala de uma mãe intensa, protetora e ansiosa. Ela se identifica com algumas características e fala com tranquilidade sobre o assunto. O interessante é notar que, o padrasto, diferente da madrasta, sempre foi apaziguador e respeitava a relação de maternidade independente do seu espaço de homem na casa.

*Minha mãe era muito protetora, muito ansiosa... muita coisa que eu sou hoje, ela também era. E acho que hoje eu consigo entender o jeito dela. Meu padrasto no meio disso sempre tentou ser o apaziguador - ele nunca brigou comigo. Na hora da briga ele sempre deu lugar pra minha mãe brigar, e isso pros meus irmãos também. (E)*

Até que um dia, um dos filhos do segundo casamento resolveu mudar para Minas Gerais com a namorada e, pouco depois, ela engravidou. A mãe, junto com o padrasto e o irmão de **E** decidiram então se mudar para Minas Gerais também, e deixaram **E** sozinha em São Paulo. O sentimento de **E** foi de abandono e esse episódio teve um impacto significativo na relação das duas.

*Minha relação com a minha mãe aí, até hoje... foi um sentimento de abandono total... por mais que eu tivesse 100% de condições de morar sozinha ou morar com meu namorado. Eu sempre fui a filha um pouco mais resolvida nesse sentido. (E)*

Mas, vale ressaltar que **E** parecia ser uma filha bem resolvida. De uma outra forma também notamos aqui o empoderamento da frente feminina na tomada de decisões familiares.

A partir da mudança da família materna, **E** vai morar com o atual marido, com quem está casada até hoje. Mas a relação com sua mãe estremeceu e **E** chega a comparar o sentimento de rompimento, como com a relação com o pai biológico, para quem não consegue mais dar abertura ou confiar no sentimento.

*Depois de um tempo minha mãe ficou me ligando, como se ela tivesse percebido o que ela fez, quisesse resgatar isso... mas eu não conseguia dar essa abertura, não conseguia... o sentimento era muito parecido com o que eu tinha com meu*

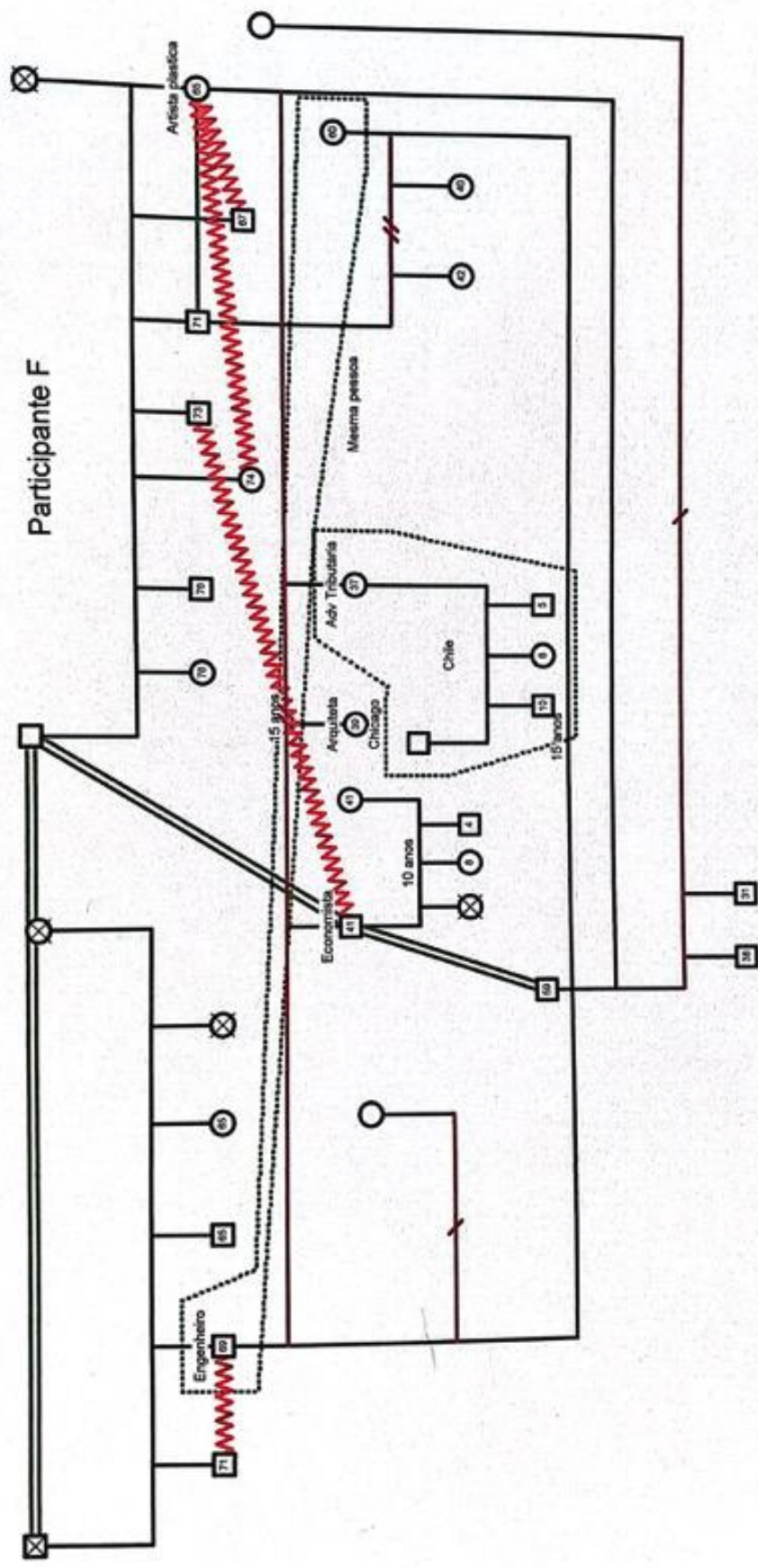
*pai. Não consigo dar nem um abraço mais de verdade, sabe aquele abraço de mãe?! Perdi a paciência com a minha mãe nos primeiros 5 minutos de conversa. (E)*

A ida da mãe para Minas Gerais foi vivenciada como uma repetição do padrão de abandono que **E** viveu com o pai durante a vida toda. Naquele momento, a preocupação da mãe em cuidar dos outros dois filhos foi maior do que a preocupação com cuidado por **E**, de maneira que essa experiência a fez reviver a perda do pai na relação com a mãe. Seguindo os recursos usados na infância de afastamento para superar a perda, **E** segue seu caminho rompendo a relação com a mãe.

Depois de algum tempo, **E** vem investindo no resgate de confiança na relação com a mãe e tem se aproximado mais do pai biológico. Como adulta, ela está sendo capaz de rever esses encontros e lidar com suas frustrações nas relações de uma outra maneira. Construiu para si os valores de respeito e confiança, adquiridos na família da mãe com o padrasto e o imaginário de como teria sido se tivesse tido o pai biológico mais presente em sua vida quando era criança.

*As relações estão ficando cada vez mais redondinhas. A relação com a minha mãe vem melhorando, mesmo à distância, estou me esforçando para que isso aconteça. Meu pai a mesma coisa; reconstruindo laços de amizade; sempre fui muito dura comigo mesma - de me auto criticar. Por muito tempo me senti culpada por várias coisas que aconteceram e hoje consigo entender que não, que eu fiz o que deveria fazer, e não tem culpa em nenhuma das minhas decisões que tome. (...) Eu queria entender como teria sido a minha relação genuína de pai e filha... se ele tivesse sido presente desde o início. (E)*

O imaginário de que quando escolhemos não estar perto do outro fisicamente é o mesmo que um abandono prevalece, mas pode ser ressignificado com tempo e abertura para construir momentos de cuidado, carinho e atenção.



## Participante F

F tem quarenta e um anos, é casado há dez anos e tem dois filhos desse casamento. Seus pais foram casados por dez anos e se separaram quando ele tinha onze. Ele é o filho mais velho de uma família de três, sendo que suas duas irmãs mais novas moram fora do Brasil. Uma delas nunca casou e a caçula é casada e tem três filhos. F vem de uma família grande de ambos os lados. Sua mãe é a filha mais nova de sete irmãos e seu pai é o segundo de cinco filhos. O avô materno e o avô paterno eram bem próximos e, por isso, as famílias tinham bastante convivência até a separação de seus pais. Seu pai, depois do fim de um segundo relacionamento após o divórcio, acabou casando com a ex-mulher do seu cunhado (irmão da mãe), com quem mantém um relacionamento há quinze anos.

A família de F vem de uma linhagem em que pelo menos um dos filhos das últimas três gerações carrega o nome do avô que teve uma história de sucesso profissional. Por conta disso F teve seu nome em referência a essa tradição e, refletindo sobre o impacto desse padrão na sua vida pessoal, escolheu não dar continuidade a essa tradição quando teve seu primeiro filho homem.

*Quando você tem o mesmo nome do seu pai, você nasce com uma carga, ainda mais quando seu pai é um cara brilhante, bom, bacana... você tem que superar as expectativas o tempo todo. Porque sofri com isso quando era pequeno. Na faculdade, por exemplo: quando decidi que não queria fazer engenharia – minha família inteira é de engenheiro, dos dois lados. Todo mundo falou: "você é filho do seu pai e não vai ser engenheiro?" – então, vou esquecer esse nome, vou chamar meu filho de outro nome – pra vida dele ser a vida dele. (F)*

Essa questão com o nome e com ter vida própria é um ponto muito importante na história de F, pois as relações familiares entre seus pai, mãe, tios e avós sempre foram muito próximas e regidas pelo sucesso profissional e por dinheiro. Os avós de ambos os lados fundaram grandes empresas na área de construção civil e ganharam muito dinheiro ao longo do tempo. Porém, um dos irmãos do pai acabou se envolvendo com jogo e quebrando a empresa do pai em apostas. Essa situação causou uma grande desorganização e

muitos conflitos familiares, uma vez que, de um dia para o outro, o pai de **F** perdeu tudo que tinha e não poderia mais manter o mesmo padrão de vida anterior. Por conta disso, e para manter a qualidade de vida dos filhos, o pai de **F** fez um acordo com o sogro e acumulou uma dívida financeira com a família da ex-mulher que só terminou de ser paga no início de 2019, vinte anos depois.

*Meu pai, um dia, era milionário, tinha barco de 60 pés, casa em Campos do Jordão, Ilhabela, Guarujá... e no dia seguinte não tinha dinheiro para comprar uma camisa. Se não fosse o meu avô, pai da minha mãe, que sempre foi um cara muito bem de vida... meu avô pagou anos a minha escola, clube, tudo. Meu pai fez um acordo com meu avô, e meu avô emprestou um dinheiro pra ele poder manter a gente, depois meu pai pagou meu avô tudo. Real por real. (F)*

E essa foi a motivação da separação dos pais de **F**, pois sua mãe passou a não dar mais credibilidade às escolhas de seu pai, o chamando de passivo e o culpando pelo ocorrido. De fato, **F** fala de um pai mais carinhoso, companheiro e participativo, enquanto a mãe era mais distante.

*Minha mãe fala até hoje que a culpa de tudo isso ter acontecido foi do meu pai – que meu pai é muito passivo. A separação do meu pai foi muito traumática... ele é muito ligado com a gente, é ele que fazia tudo. Minha mãe nunca fez nada em casa, nunca, nunca, nunca... Minha mãe nunca brigou comigo, ela nunca me deu uma refeição – meu pai que fazia tudo pra gente. (F)*

A mãe de **F** conheceu seu atual marido pouco tempo depois da separação, e a conexão de **F** com o padrasto foi rápida e imediata. No entanto, a questão financeira continuava sendo algo aparentemente muito importante para manter a relação. Então, apesar da empatia pelo jeito dele, **F** não deixou de demonstrar sua preocupação com isso, repetindo o padrão familiar da conexão através do dinheiro.

*Eu sou muito parecido com ele no jeito de pensar. Eu nunca quis ser do jeito passivo como meu pai – eu me joga nas coisas. Foi uma conexão instantânea que eu tive. E a primeira*

*pergunta que fiz (para mãe quando foi apresentado ao padrasto) foi "que carro ele tem?" Eu queria saber se ela tava namorando um cara, o que esse cara faz da vida, tem dinheiro pra sustentar, qual que é... eu sempre tive muito essa cabeça. (F)*

Por outro lado, as irmãs de **F** nunca aceitaram o fim do casamento de seus pais e tentavam bravamente atrapalhar as outras relações de seus pais com os parceiros que vieram em seguida. Uma das irmãs nunca casou e nunca apresentou nenhum companheiro. **F** até suspeita que ela possa ser homossexual, mas, mais uma vez, questões que fogem do parâmetro de uma família tradicional parecem não ter muito espaço para serem conversadas.

*A minha irmã do meio fazia de tudo pra melar o relacionamento da minha mãe com meu padrasto, fazia de tudo pra melar o relacionamento do meu pai com as namoradas dele. Eram anos a fio... ela lutando contra os relacionamentos. Essa irmã nunca foi uma pessoa de relacionamentos, é uma pessoa muito difícil. A minha outra irmã tem certeza que ela é gay, mas eu não sei, não posso dizer isso. E ela tem medo de falar... o meu padrasto é um cara extremamente conservador, que só de escutar falar algo desse tipo ele tem um troço. Meu pai hoje em dia já é mais cabeça aberta, mas meu padrasto ia ter um colapso. (F)*

A relação de **F** com os avós de ambos os lados tem uma grande importância na vida dele. Os avós se conheceram através do relacionamento dos seus pais, quando se casaram, mas seu avô materno manteve proximidade com o pai até os dias atuais. É interessante notar que, quando **F** fala da história de suas avós, também faz referência à sua linhagem tradicional, à aristocracia, reiterando que os valores morais sempre passaram pelo poder aquisitivo e como isso sempre fez parte da sua família.

*Minhas duas avós eram pessoas fora de série. Muito diferentes: uma avó era muito antenada, da realeza inglesa, que foi abdicada dos títulos dela quando casou com meu avô, que era plebeu. E a minha outra avó, que foi uma mulher totalmente diferente – foi filha de um dos maiores barões do café do Brasil, e uma menina temporona. Eram treze filhos, e ela a décima terceira... Nasceu na fazenda e até os oito anos ela nunca tinha se trocado na vida. As pessoas que trocavam ela, faziam as coisas pra ela... foi estudar no internato... a vida inteira programada pra ser mulher de família, criar uma família... um negócio que ela fez com maestria – era uma*

*dama de ferro, uma mulher super... presença fora de série...  
tocou a família até o dia que ela morreu. (F)*

As mulheres na família de **F** foram criadas para serem donas de casa, sustentadas pelos maridos. Esse papel nunca foi questionado, talvez pelo fato de terem vindo de lares muito ricos e de famílias aristocratas. Por outro lado, uma das avós ainda fez um movimento arriscado. **F** conta que ela abriu mão do seu título de realeza para ficar com seu avô, o que nos sugere que foi um casamento escolhido e não imposto ou arranjado, como se via antigamente. De qualquer maneira, vale ressaltar que dinheiro representa uma grande questão nessa família.

**F** descobriu aos quinze anos de idade que tem uma doença autoimune muito grave chamada doença de Still, uma doença sistêmica, que parece uma artrite reumatoide com algumas outras peculiaridades. Ele chegou a ficar quarenta dias na UTI e perdeu quarenta quilos até conseguirem descobrir como parar a inflamação. Ele teve outras crises aos dezessete e aos dezenove anos. Os médicos acreditavam que, depois dos vinte e dois anos, as crises desapareceriam, mas, após um estresse intenso com seu tio por causa de dinheiro, a doença voltou à tona. E aos trinta anos teve outra crise, também gerada pelo estresse no trabalho no negócio de família e por de ter perdido a primeira filha do seu casamento, no parto.

*Depois eu tive outra crise com trinta anos, logo antes da gente perder a bebê – minha mulher estava com um barrigão – mesma história. Outra refinaria, contrato de R\$ 75 milhões, fornecedor quebrou, tive que assumir o problema, estresse monumental... fiquei doente de novo, daí me cortaram... fiquei proibido de trabalhar, fiquei quatro meses em casa totalmente à parte de tudo. Eu estava muito debilitado, inflamação no quadril, no braço, não conseguia digitar nem escrever, não conseguia fazer nada... não conseguia ir mais pras obras e tive que ficar fazendo trabalho de escritório. Eu não conseguia mais andar... fiquei com punho inflamado, com braço engessado por quatro meses... só andava de cadeira de roda. E cheguei pro meu tio e falei que não dava mais pra mim, não tava conseguindo cumprir meu papel, não tinha o menor sentido. (F)*

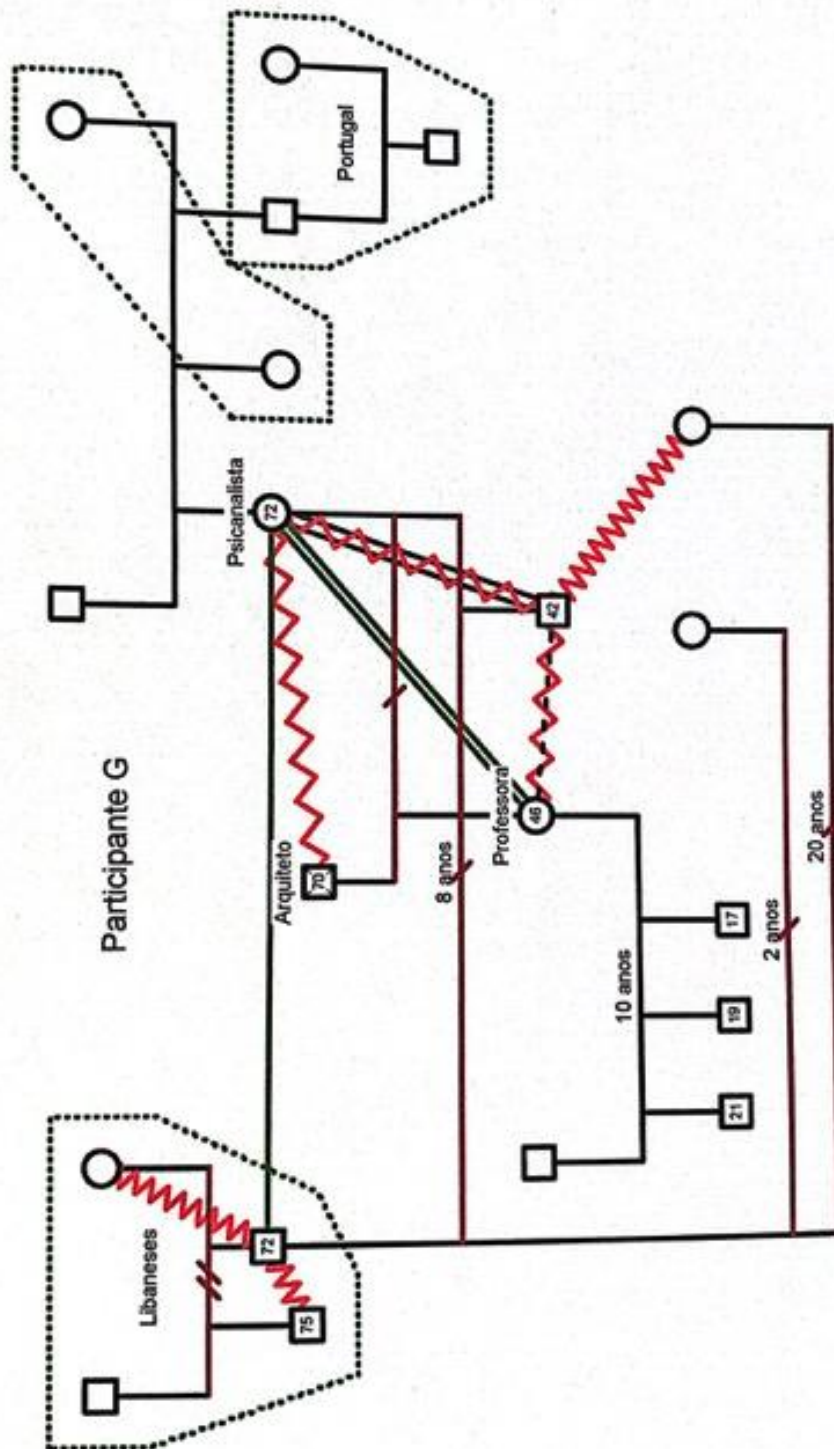
É possível perceber as repercussões de tanto estresse, pressão e expectativas geradas pela necessidade de dar continuidade ao negócio da família, ser participativo e mostrar eficiência e excelência, assim como o nome

que ele carregava e representava há três gerações. **F** tem perfil empreendedor e sempre buscou se envolver nos negócios da família. Mas o corpo fala e **F** tem tido que fazer escolhas que o ajudem a não elevar seu nível de estresse e pressão a ponto de ter outras crises que o paralisem.

As relações familiares de **F** sempre tiveram os avós como ponto de referência, valores e convivência. No momento que, do lado do pai, acontece um rompimento entre os irmãos e acaba o patrimônio, e do lado da mãe, a matriarca morre e os irmãos disputam o poder pela herança, as relações começam a ser conflituosas e acaba a convivência e proximidade entre os tios e primos.

*Mas depois do rolo com a família do meu pai, as coisas que a gente fazia todo mundo junto – que era ficar no barco, em Ilhabela, Campos do Jordão, no Guarujá etc... teve que vender todas as casas, tudo. Acabou isso. Essa relação de ficar tudo junto acabou. A família, até minha avó morrer, era muito unida, muuuito unida. Todo domingo tinha almoço na casa da minha avó, ia todo mundo pra lá. Natal... Fazenda... muito juntos. Quando a minha avó morreu, a família se despedaçou também; porque daí meus dois tios perderam a vergonha de brigar. (F)*

A partir dessa experiência e da doença, **F** tenta ressignificar essa vivência, encarando a vida com otimismo. Ele leva o ensinamento da avó como guia: “Deus não dá um fardo maior do que você pode carregar”.



## Participante G

**G** tem quarenta e dois anos, é solteiro e sem filhos. Ele é filho único do segundo casamento da mãe e tem uma meia-irmã, quatro anos mais velha, do primeiro casamento da mãe. Sua mãe não teve outro relacionamento sério depois da separação com seu pai. O pai de **G** teve dois outros casamentos depois da separação com sua mãe. O primeiro durou aproximadamente dois anos e o segundo, vinte anos. O pai havia falecido recentemente na ocasião da entrevista por questões de saúde. Quando morreu, estava namorando há dois anos outra pessoa. A mãe é psicanalista e não segue nenhuma crença religiosa, já o seu pai tem origem libanesa. O primeiro marido da mãe era melhor amigo e sócio do pai de **G** e foi assim que eles se conheceram na época da faculdade. Depois que a irmã de **G** nasceu, sua mãe entrou numa crise no casamento e acabou se separando. Pouco tempo depois, a mãe assumiu o relacionamento com o pai de **G**. Isso marca o início de uma traição de amizade e o fim da sociedade profissional também.

**G** não teve muita convivência com o pai de sua meia-irmã, mas tem uma relação de amizade atual que se estabeleceu pelo interesse de **G** em descobrir suas origens, principalmente depois da morte do seu pai. Ele fala de uma mãe “difícil” depois da primeira separação e de como deve ter sido complicado para o primeiro marido aceitar o casamento de sua mãe com o seu pai. *“Minha mãe é barra pesada. Sempre foi barra pesada. Não barra pesada de litígio, de briga, essas coisas do tipo, mas de encher o saco... de falar ‘não quero que você venha aqui’” (G).*

Para **G**, sua mãe gostou de seu pai até a morte. Foi o pai quem pediu a separação e, na visão de **G**, sua mãe nunca conseguiu se recuperar.

*Minha mãe gostou do meu pai até praticamente meu pai morrer... E isso foi a coisa mais barra pra mim, de entender isso muito recentemente. E minha mãe nunca conseguiu se recuperar. (G)*

**G** entende que o sentimento da mãe era provocado pelo temperamento de seu pai, que muitas vezes fingiu estar interessado em voltar o relacionamento com a mãe, mas acabava não assumindo e deixando sua mãe confusa por muitos anos.

Quando **G** reflete sobre o pai, justifica esse comportamento pela história de vida do pai com seus avós. Ele teve uma avó paterna com Transtorno Bipolar e um avô muito fechado, que não falava com os filhos. Seus avós também se separaram quando seu pai tinha seis anos e seu tio mais velho é homossexual e nunca se casou. **G** conta que seu pai e seu tio foram criados por uma babá considerada uma mãe afetiva e, para **G**, uma avó: “Então eles foram criados por uma babá, que eles, na verdade, consideravam como mãe. Mãe afetiva. E eu passei a considerar ela como vó”.

A avó biológica não teve convivência com os filhos e **G** a conheceu no final da vida, internada em um asilo. **G** compara o comportamento de seu pai com o de seu avô e fala das dificuldades do pai em lidar com os sentimentos e de ser uma pessoa mais fechada.

*Meu pai era uma reprodução do meu avô, em vários aspectos. Uma incapacidade gigantesca de lidar com as próprias emoções, sentimentos. Super avesso a qualquer tipo de tratamento: psicologia, psicanálise, etc e tal. Embora tenha tentado, mas de fato não acreditava. E um cara que era muito estourado. (G)*

Na família da mãe, **G** também encontra vários aspectos que dificultavam a compatibilidade do casamento de seu pai com sua mãe. Entre eles, uma tia bissexual dependente financeira e emocionalmente da avó e um tio caçula psicótico. Até determinado ponto, a família da mãe abastecia o pai com uma referência de acolhimento que ele não teve na sua família de origem. No entanto, **G** fala de um pai ambicioso e que, em determinado momento, começou a se estranhar com essas referências.

*Quando eles estavam juntos, meu pai era uma pessoa, meu pai era um cara doce, sensível, sorridente... que dava risada, alegre... que bebia dessa fonte aqui. Família italiana, todo mundo meio hippie e com muito amor pra dar. Então uma coisa super diferente do que ele tinha tido, totalmente o oposto. Só que num determinado momento, entre eu e meu pai, a coisa não começou a dar certo, porque meu pai queria dar outros passos na vida, em termos de grana, acesso etc e tal, e ele percebeu que a minha mãe estava bem do jeito que ela estava. E ele tinha essas referências, de uma irmã que morava com a mãe, e um tio que não queria nada com nada, rolava na*

*grama... e ele olhava que tipo “essa mulher não é pra mim”.  
(G)*

**G** não tem muitas lembranças do fim do casamento de seus pais quando criança, mas, a partir do momento que o pai começa o relacionamento com a mulher com quem ficou vinte anos, o cenário muda bastante. Ele fala de uma madrasta que acabou com a relação de **G** com o pai. Era uma pessoa muito ambiciosa, muito conectada com dinheiro e com quem ele acredita que seu pai se associou para crescer o patrimônio familiar.

*Um tempo depois ele acabou conhecendo outra mulher com quem acabou se casando. E ficou 20 anos com ela, até a morte. E essa mulher fodeu com nossa relação. Fodeu... ela era o oposto da minha mãe. Ela trabalha em editora, mundo da moda. Super materialista: só ligava para quem tinha dinheiro, tinha poder. Transitava nesse mundo fashion da noite, das festas, do glamour. E meu pai viu nisso a mulher que ele queria, de juntar e construir essa força de gerar patrimônio. Quando eles se casaram, ela era bem mais bem-sucedida do que o meu pai. Ela tinha uma carreira já, ela ganhava uma grana legal, morava numa casinha charmosa no meio de uma rua estreitinha do Jardim América. E meu pai tava tentando fazer com o que escritório desse certo, mas já contava com umas 15 pessoas no escritório dele... Mas ele acabou se deixando levar pelo jeito dela, então acabou virando esse cara mais materialista, esse cara mais duro. (G)*

A relação de **G** com a madrasta foi marcada pela rivalidade e nunca mais ele conseguiu se aproximar do pai como anteriormente. Este é mais um relato da influência da madrasta nas relações paternas:

*Minha relação com a madrasta foi muito difícil, porque de cara ela quis deixar bem claro que eu era um corpo estranho entre eles, então existia uma rivalidade entre ela e eu. E ela me viu crescer, dos dez aos trinta. E ela quis deixar bem claro que na casa deles eu era um visitante, então tenho uma memória do jeito que me tratava na casa deles, e eu nunca consegui dormir na casa deles. Me sentia mal, tinha medo. (G)*

A repercussão dessa vivência na vida de **G** foi um sentimento de solidão. Ele relata ter desenvolvido esse aspecto de ser uma pessoa solitária a partir desse momento.

*Eu sempre me senti sozinho. Sempre. Começou a se formar ali um aspecto da minha personalidade, que eu carrego até hoje, que é assim... eu nunca fui de um grupo, eu fui de todos os grupos. Eu era aquele cara satélite... eu não tinha uma turma específica e nem era inimigo de ninguém. (G)*

**G** compreende esse aspecto da sua personalidade como uma dificuldade para manter relacionamentos duradouros, tanto afetivos, amorosos, como na sua carreira profissional. **G** não consegue pensar em casamento e também nunca conseguiu ter um emprego fixo.

*Eu tive muitas namoradas, mas nenhum relacionamento longo. E nunca achei que conseguiria casar, e até hoje não sei se conseguiria... a não ser que fosse numa modalidade totalmente diferente. Sem dividir o mesmo teto com alguém, nem acordar todo dia com alguém do meu lado. E da mesma forma no trabalho, e acho isso que vale a pena expressar um pouco mais a fundo, pois é o que tem tudo a ver com meu pai: eu nunca me fixei num emprego. (G)*

Ele relaciona essa dificuldade com o pai, porque, desde o segundo casamento, profissão e dinheiro caminhavam sempre juntos e eram extremamente importantes. Para a mãe, era o oposto e valia que **G** seguisse seu desejo. Mas quando chegou o momento de escolher uma faculdade, foi muito difícil seguir a sua vontade, pois **G** acreditava que, fazendo a escolha que seu pai achava melhor, ele talvez conquistasse a proximidade com ele. Mas quando **G** decidiu seguir um caminho que o pai não estava de acordo, seu pai ameaçou abandoná-lo. Então **G** acabou procurando uma faculdade que o pai acreditasse, mas que não era sua primeira escolha. Uma relação permeada por ameaças financeiras, vaidades e distanciamento.

*Meu pai era o cara que me provia, era o cara que me dava tudo: roupa, viagem etc. Eu tinha uma referência clara dele, de alguém que conseguiu me dar coisas que eu sonhava, desejava... sonhava em fazer o que eu queria, ao mesmo tempo que sonhava em ter aquelas coisas. Eu queria que ele me desejasse. Eu cheguei a prestar o Mackenzie, só pra ver como era a prova e quando eu falei pra ele "pai, eu vou começar o cursinho então e fazer pra arquitetura", ele então falou "Filho, se quiser fazer isso estará por conta na vida. Esqueça de mim". (G)*

A partir desse momento, a relação de **G** com seu pai foi se distanciando cada vez mais, porque **G** ficava em conflito entre se submeter às vontades do pai para ter algum conforto financeiro e ajuda até terminar a faculdade ou abrir mão da ajuda do pai e se afastar completamente da relação. Acabou fazendo uma faculdade que não era sua primeira escolha, mas seu pai aceitava, já que sua mãe não teria condições financeiras de ajudá-lo, apesar do apoio emocional. Mesmo depois de onze anos trabalhando numa profissão que não se reconhecia, as brigas com seu pai continuaram acontecendo e **G** decidiu sair do país. Seu pai demorou quatro meses até descobrir que ele não estava mais no Brasil. Eles ficaram um bom tempo sem se falar nesse período.

*Fui perdendo o afeto, fui perdendo o carinho, fui sendo mais incapaz de conseguir demonstrar certos sentimentos pra ele – ao mesmo tempo minha relação com ele ficou sendo pautada por praticamente dois temas: minha carreira/minhas escolhas profissionais/o que eu vivia no trabalho e meus romances. Eram os dois únicos temas dos quais conversávamos. (G)*

A relação com a mãe na infância também não foi fácil, não apenas pelo temperamento da mãe, mas porque ela e sua irmã se aliavam contra ele.

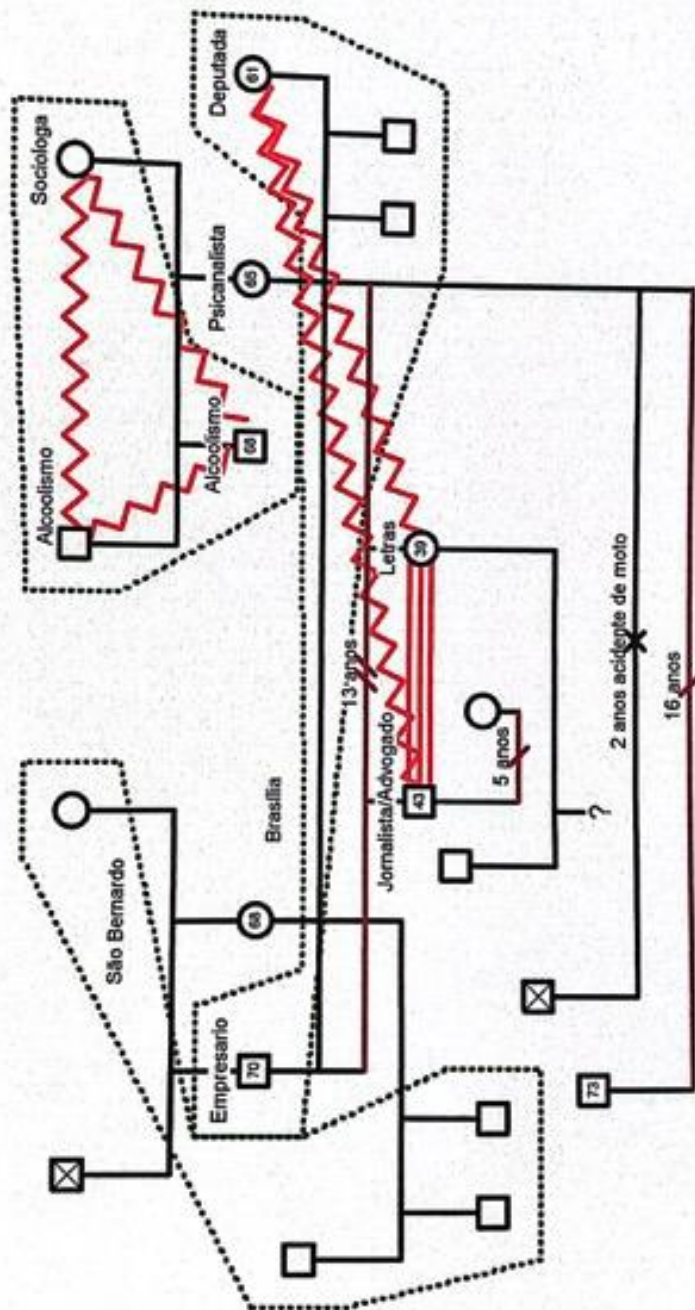
*A relação com a minha mãe, por um outro aspecto, também foi uma relação difícil. Minha mãe tem também um gênio superforte, e eu também tive uma infância com ela e com a minha irmã dentro de casa bastante complicada – no sentido de que as brigas com a minha mãe eram sempre brigas com ambas. Minha irmã, em 100% das vezes tomava partido da minha mãe. (G)*

**G** faz questionamentos sobre como as relações parentais tiveram influência na pessoa que ele é atualmente. Não parece que **G** tenha se sentido abandonado, como vimos em outras entrevistas. Ele teve uma vida boa e se sentiu amado. Mas, de uma certa maneira, **G** não se sentia pertencente nem na família da mãe e nem do lado do pai. Por motivos diferentes, ele sempre teve o ímpeto de se afastar e viver solitariamente, o que se reflete em sua vida amorosa e profissional. Da parte do pai, como vimos outras vezes, o lado do dinheiro teve um impacto grande em suas escolhas ao longo da vida. Da parte da mãe, o suporte emocional não pareceu ser suficiente para acolher outras necessidades que indicassem um caminho de segurança.

*Por razões diferentes eu tive um afastamento de ambas as partes, e não quero dizer que não teve afeto, não quero dizer que não teve coisas boas... teve! Não posso reclamar: meu pai deu tudo o que eu queria, e tentou fazer as coisas da melhor maneira. Me amava ao seu jeito. Tentou e quis o melhor pra mim sempre. Minha mãe me ensinou a ser sensível, me ensinou a delicadeza das coisas, a simplicidade das coisas. Com ambos eu tive dificuldades, e essas dificuldades, elas foram aos poucos se materializando em mim, se concretizando em mim com uma certa remoção minha à família. E isso foi alimentando a minha vontade de sair do Brasil. (G)*

Quando seu pai ficou doente, **G** estava morando fora do Brasil. Ligaram para ele dizendo que seu pai estava internado e provavelmente não sairia vivo. Depois que **G** chegou ao Brasil, o pai veio à óbito cinco dias depois. De lá para cá, **G** vem enfrentando vários processos judiciais, reunindo informações sobre imóveis, empresas e o patrimônio do pai. As duas ex-mulheres do pai estão exigindo parte da herança e entraram com advogados pedindo parte do dinheiro. **G** é filho único, e seu pai tinha se separado da madrasta com quem ficou vinte anos e estava namorando outra mulher nos últimos dois anos de vida. As duas entraram contra **G** para barganhar uma parte do patrimônio e esta era a situação em que ele se encontrava no momento desta entrevista. Uma situação bastante inusitada e difícil para alguém que não tinha muita proximidade com o pai, mas que agora teria que enfrentar todos que estiveram por perto, entre sócios, amigos e ex-mulheres interessados em uma parte de sua herança.

Participante H



## Participante H

**H** tem quarenta e três anos e é separado de um relacionamento de cinco anos, mas não tem filhos. Seus pais se separaram depois de uma relação de treze anos, quando ele tinha sete anos e a irmã mais nova, quatro anos. Ele também tem dois meios-irmãos do segundo casamento de seu pai, que mora com essa família em outro Estado.

A família por parte de mãe sempre trabalhou junta em uma empresa de pesquisa de mercado, até que, em determinado momento, seu pai começou a fazer outro negócio em Brasília. Como **H** era muito pequeno, as lembranças dele passam pelo sentimento de ausência do pai por longos períodos. Agora, adulto, como jornalista e advogado, ele julga que esses negócios eram ilícitos, mas não tem certeza. Foi assim que seu pai começou a se afastar da empresa do sogro e começou a ter uma nova vida. Sua mãe tentava preservar os filhos dos problemas conjugais e nunca gostou de falar sobre os problemas que tinha com o ex-marido. Segundo **H**, era uma tentativa de protegê-los.

*A minha mãe demorou muito tempo para começar a soltar informações. Ela tinha uma coisa assim – de ter problemas muito graves com meus pais, e de preservar muito os filhos. Blindava a gente sobre as coisas que meu pai fazia. Por isso que só mais velho eu fui começando a sacar o que estava acontecendo. (H)*

Sua mãe teve um namorado que foi bastante significativo na vida de **H**, a ponto de ser considerado uma figura paterna. Infelizmente ele morreu em um acidente de moto no dia do aniversário, mesmo dia que iriam anunciar o casamento deles em uma festa surpresa. Foi um momento muito marcante e trágico na família de **H** pois a relação com esse namorado era de muita proximidade e carinho.

*A gente ia na gincana com os pais... ele que ia com a gente. A gente tinha uma relação super bacana. A minha irmã tem muito mais lembrança dele do que do meu pai. Minha mãe e esse namorado ficaram juntos dois anos e foi super marcante. (H)*

Além disso, mais uma vez encontramos a mãe buscando ascensão profissional e empenhada no aprimoramento profissional, enquanto os filhos

são cuidados por terceiros. No caso de **H**, seus avós maternos tiveram uma grande importância na criação dele, principalmente nesse período pós-divórcio.

*A gente passava a semana dormindo nos meus avós, enquanto minha mãe trabalhava de dia e estudava de noite. Meu vô foi quem me ensinou a fazer barba... isso é uma coisa marcante. (H)*

Depois dessa tragédia, sua mãe casou de novo com outro homem com quem ficou dezesseis anos, mas acabou se separando há cinco anos. Esse segundo padrasto foi um relacionamento abusivo e tóxico do ponto de vista de **H**.

*Ele é vivo, mas se divorciaram... faz uns anos, e foi assim um relacionamento absolutamente abusivo, tóxico, e minha mãe hoje está destruída por causa disso. Destruída do tipo, acho que vou ter que trazê-la pra morar comigo, porque ela não consegue dar conta disso. (H)*

**H** saiu de casa cedo, porque queria ter essa experiência enquanto estava na faculdade. Nesse período, sua mãe casou com esse segundo marido e, quando **H** tentou voltar para casa de sua mãe, sentiu o ambiente hostil e não acolhedor como era antes da convivência com esse padrasto. A mãe justificava o comportamento do marido e a relação entre **H** e esse homem acabou se tornando difícil e destrutiva.

*Minha mãe falava que era porque, como passava o dia inteiro sendo muito simpático no trabalho, quando ele chegava em casa, precisava tirar a máscara e ser ele mesmo um pouco. Hoje eu percebo que é a boa e velha passagem de pano isso para cara ser escroto. Ele era de lua: momentos que era grosso ou que não falava com a gente, ou estava andando só de cueca pela casa sem falar com as pessoas. (H)*

Esse relacionamento abusivo acabou afastando os filhos de sua mãe. Depois da separação, **H** considerava sua mãe forte e independente. Ela tinha

conseguido criar uma relação bem próxima na família dela, com os avós ajudando a cuidar dos netos para ela ser independente com os filhos. A entrada desse homem na família a deixou fragilizada, o que rompeu essa segurança na relação maternal, inclusive ocasionando em uma possível inversão de papéis: **H** se sente responsável pelos cuidados com a mãe.

*Ela sempre foi uma mulher absolutamente independente, criou os dois filhos sozinha, com ajuda dos meus avós, e a gente tinha uma unidade muito forte entre nós três... e não necessariamente essa unidade precisava ser perdida com ela casando... mas ela, como vítima de um relacionamento abusivo, foi se fragilizando, foi se tornando dependente... ela não conseguia mais sair de casa, ela não conseguia fazer as tarefas e coisas básicas da vida do dia a dia... a ponto de hoje em dia ela não ser capaz de ir ao banco pagar uma conta... não é capaz de pegar um Uber sozinha. (H)*

Na maioria das entrevistas, encontramos pais que se afastaram de seus filhos por influência da madrasta, mas, neste caso, vemos que os padrastos também podem transformar as relações parentais se a relação conjugal não for boa. Em geral, não chamamos de relacionamento abusivo quando as madrastas têm um poder tão grande na família do pai que promove o distanciamento dos filhos do primeiro casamento. Mas **H** fala claramente de um relacionamento abusivo de sua mãe com o segundo marido e de como isso foi, ao longo do tempo, enfraquecendo sua autoestima, afastando seus relacionamentos saudáveis com seus próprios pais e filhos e acabou por torná-la uma mulher dependente.

*Mesmo quando estavam casados, a gente foi se afastando... era muito difícil, virou algo de vamos combinar, vamos marcar um almoço... e você ia lá e não era legal. Porque o marido dela ficava sendo maluco, ela ficava passando pano, a gente ficava mal, e aos poucos a gente foi cada vez mais deixando de ir pra lá, cada vez ficando pouco frequente esse contato... afetou bastante. (H)*

A relação com a irmã mais nova sempre foi muito próxima e amigável. **H** conta dessa relação com muito carinho e da cumplicidade entre eles como algo imprescindível para terem superado inclusive a primeira separação dos pais. Ele compara a relação fraternal da irmã com o filme Star Wars.

*Acho que a gente é meio... uma relação star wars... Luke e Leia com Darth Vader... O Luke e a Leia, eles alternam... uma hora um fala assim: "a gente tem que destruir o Darth Vader", e o outro fala: "não, vamos salvar ele" - e alternam. E a gente tem uma relação meio parecida com meu pai. Tem vezes que eu estou tentando criar um vínculo, me reaproximar do meu pai, e a minha irmã não quer mais saber... e alterna. (H)*

Na família do pai também encontramos os mesmos aspectos citados nas entrevistas anteriores, em que a madrasta exerce um papel fundamental na relação dos pais com os filhos. Em algum momento, já na vida adulta, **H** ficou sabendo que existe uma possibilidade de ela ter sido amante de seu pai antes de ele assumir a relação após o divórcio. Do ponto de vista de **H**, a mulher do pai tem ciúmes dele e da irmã por serem filhos do primeiro casamento dele. Portanto, **H** sente que sempre foi preterido na relação com os filhos da atual mulher, inclusive morando em outro estado, o que dificulta ainda mais a proximidade entre eles.

*Tinha uma coisa de muito ciúmes da atual mulher dele com a gente – acho que a gente ser filho de outra mulher, o que liga à outra mulher. Era uma convivência que exigia muita diplomacia, e que as informações eram muito mediadas e muito limitadas com o contato, porque não sabe o que pode melindrar o outro. (H)*

Teve um momento na vida de **H** que a convivência com o padrasto na casa da sua mãe estava muito difícil, sua irmã não estava morando com eles e ele entrou em um processo depressivo. Seu pai o convidou para ir morar com ele em Brasília e **H** foi. Mas as diferenças entre as casas do seu pai e da sua mãe eram tão grandes que **H** passou a ser um elemento disruptivo na família do pai, uma vez que **H**, na casa da sua mãe, não tinha muitas regras e nem disciplina e, na casa do seu pai, tinha três empregados e horários para refeições.

*Eu tomei um choque. Porque eu saí de uma casa em que a gente fumava maconha na sala, fazia festa em casa, enquanto meu padrasto passava de cueca... era uma doideira, que era tipo a casa da minha mãe... ela não tá nem aí pra nada – para a casa de uma família de margarina – “ah, mas eu quero dormir uma meia hora a mais”, “mas você vai perder o horário do café da manhã” – inconcebível isso. (H)*

Enquanto a desorganização pairava na casa da mãe e o pai ostentava empregados e mimava os filhos do segundo casamento, deixava de pagar pensão alimentícia para **H** e a irmã, mas dava presentes para eles quando os encontrava. Nessa fase, a relação de **H** com sua mãe era mais tensa e conflituosa, porque ela cuidava dos filhos e com o pai era uma relação distante, mas boa, porque não tinham os compromissos diários na educação dos filhos.

Além disso, a relação dos avós maternos com **H** sempre foi próxima e a empresa da família ajudava no sustento de toda família, inclusive do irmão da mãe. Com o envelhecimento dos avós, o tio teve que assumir a empresa, que acabou falindo e eles perderam quase tudo do patrimônio materno. Após esse acontecimento, o avô e o tio passaram a fazer uso abusivo de álcool.

*Meu avô e minha avó sempre foram meus modelos na vida, e aí de repente de uns anos pra cá viraram um desastre... pra completar, meu avô e meu tio resolveram se tornar alcoólatras abusivos. Meu avô é uma das pessoas mais inteligentes que conheci na vida – ele é superdotado comprovadamente, e virou essa nhaca. (H)*

Com isso, as relações familiares, que sempre foram a rede de suporte e proteção para a mãe de **H** e para ele mesmo, acabaram ficando conflituosas e houve o afastamento de todos os membros da família: *“Essa relação sempre foi maravilhosa... e se tornou uma coisa super conflituosa – então é um inferno”* (H).

Toda essa história de vida acabou fazendo com que **H** se sentisse desamparado e solitário nas suas relações familiares. Os avós maternos em conflito com o tio, sua mãe saindo de um relacionamento abusivo e o pai morando em Brasília cuidando de outra família.

*Minha mãe mora numa casa em que está sendo despejada e não tem dinheiro pra nada, meu pai mora em Brasília numa dinâmica totalmente diferente. Se eu tiver que pedir um dinheiro pra ele, por exemplo, ele vai falar "ah, mas não vai rolar" ... meus avós... tadinhos... Aí você fala assim, "ah, mas e o conforto emocional e afetivo?"... não... se eu estou mal, eu não vou pra minha mãe, não vou pros meus avós, não vou pro meu pai..., mas se eles estão mal eles vêm pra mim. Eu passei a ser a pessoa que dá o anteparo, mas que não tem.*

Aqui notamos claramente uma inversão de papéis, na qual o filho assume a responsabilidade dos cuidados emocionais de seus pais e não tem o amparo inverso. O impacto dessa dinâmica disfuncional gerou em **H** um bloqueio para falar de suas necessidades, de seus sentimentos e pedir ajuda. Isso tem se refletido nos seus relacionamentos atuais com possíveis namoradas.

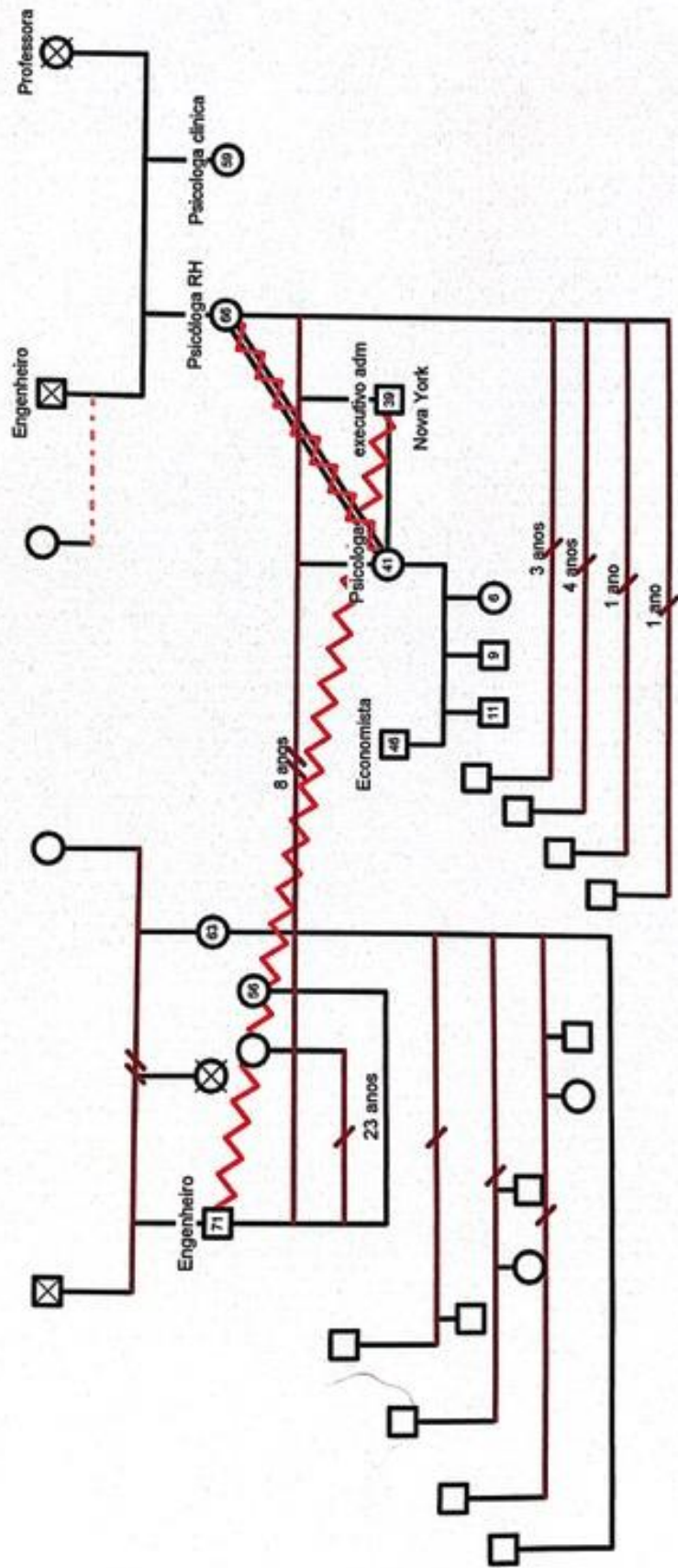
*Eu tive muito problema com ela, não só com ela, mas com todas as companheiras que eu tive. Eu não falo... eu não divido... a gente tinha um conflito todo ano. E eu não conseguia planejar nada e nem falar que eu não queria, porque minha família é complicada... eu só conseguia ficar quieto, não conseguia encarar o negócio da minha família estar com problema. E todas as namoradas que eu já tive falaram isso, além da minha mãe e irmã também falarem, que é: você tem um problema, você é incapaz de chegar pra alguém e pedir ajuda e pedir pra desabafar. Eu guardo. (H)*

Para **H**, demonstrar fragilidade, não ser autossuficiente ou pedir ajuda é reflexo de fraqueza e dor.

*Talvez eu tenha sentido que não podia demonstrar para ninguém que eu precisava em qualquer grau... que eu teria qualquer grau de dependência, talvez...de eu ser absolutamente autossuficiente. Pra mim, não ser 100% autossuficiente seria uma fragilidade, especialmente com meu pai. (H)*

Pela mãe, ele sente admiração pela educação que recebeu, abrangente, crítica e libertina. Mas também entende que ela deu muita responsabilidade para os filhos antes da hora e sobrecarregou os filhos com uma carga emocional que **H** não se sentia preparado para absorver.

Participante I



## Participante I

I tem quarenta e um anos, é casada e tem três filhos. Seus pais foram casados por oito anos e se separaram quando ela tinha sete. Ela nunca teve muita proximidade com a família de seu pai, mas sabe que ele é o mais velho de três filhos, sendo que uma irmã foi casada, mas não teve filhos e já é falecida, e a caçula teve cinco filhos com três maridos diferentes. Atualmente, essa tia está no quarto casamento.

Seu pai casou de novo com outra mulher quando I tinha aproximadamente quinze anos e eles estão juntos há vinte e três anos e nunca tiveram filhos. A mãe de I não recasou, mas teve vários namorados que apresentou aos filhos e que I considera importantes.

Quando era criança, os pais dela tinham muitas discussões em casa e tentavam esconder as brigas dos filhos, mas I estava sempre alerta e percebia o clima de conflito dentro de casa, que se refletia em alguns episódios de insônia, aparentemente negligenciados pelos pais.

*Quando eles se separaram foi péssimo, eles brigavam bastante. E eu era uma criança que não dormia, e eles acham que é culpa minha até hoje... Claro que não, né? Pois sabia que eu não dormia muito porque eles ficavam discutindo. (I)*

Quem optou pela separação foi o pai de I. Apesar das constantes crises na relação conjugal, a mãe ainda acreditava que podiam superar os desencontros. No entanto, a visão de I sobre a vivência da relação conjugal era de infantilidade por parte de seus pais. Sua mãe costumava compartilhar seus desentendimentos com o pai de I e fazer julgamentos sobre o comportamento dele e I teve que, desde muito cedo, procurar ter um discernimento sobre o que ela falava.

*Ao meu ver, eram duas crianças que não sabiam o que estavam fazendo... até hoje são assim, não sabem superar uma crise, era desesperador. Então hoje vivencio crises no meu casamento que eu penso: gente, minha mãe ouviu isso e achou que isso era o fim do mundo... Depois ela me contava a*

*história: "ai, seu pai quando você nasceu, olhou pra mim e falou 'agora sim eu conheço o verdadeiro amor'... imagina se isso é coisa que se fale". E eu pensava: poxa, que cruel ele ter falado isso pra ela. Ai, que pai que quando um filho nasce não fala um negócio desse??? Eu não tenho paciência pra essas coisas, nenhuma. Nunca tive. Sou filha, não preciso ouvir isso. "Ai, porque seu pai... imagina que absurdo... me propunha coisas horríveis... imagina ele queria ter uma terceira pessoa na cama". E eu, é? Ele queria isso? Ele e todos os homens que andam, veja! (I)*

Então, quando sua mãe reclamava de seu pai, I não sabia o que fazer com essas informações, se deveria escolher algum dos lados ou como lidar com o sentimento de traição afetiva do pai pela mãe. Toda essa vivência na infância de I parece ter gerado bastante desconforto e dúvidas sobre o que é certo e errado numa relação conjugal e ela repete o padrão de desvalorização dos sentimentos na sua relação atual, correndo o risco de naturalizar alguns comportamentos socioculturais advindos do patriarcado. Ou seja, ela faz um julgamento moral das escolhas da mãe, buscando não repetir o comportamento materno nos conflitos do seu casamento atual. Ao mesmo tempo, o papel de filha de I parecia deslocado e ela acabou ocupando a função de intermediária da relação conjugal.

*Então eu conversava com ela, daí eu ia conversar com ele... eu brigava com ele, mas não falava pra ela que briguei com ele, se não, ela vinha com tudo. Era péssimo. Na minha classe, só tinha eu e mais uma cujos pais eram separados – e isso tinha um peso forte pra mim, porque a mãe de ninguém trabalhava, a mãe de todo mundo podia buscar na escola, levar na festa... quando recebia um convite, já me agilizava: "posso ir com você, posso voltar com você, posso dormir na sua casa?" A minha mãe não tinha ideia do que se passava na minha vida. A gente viveu um abandono emocional, eu e meu irmão. (I)*

Ao longo do tempo, I foi sentindo-se emocionalmente abandonada, porque os conflitos conjugais e a separação e as dificuldades advindas desse contexto estavam sempre acima das necessidades dela. Como I sempre foi uma criança esperta e com muita atitude, resolvia seus problemas de forma

independente, talvez mascarando ainda mais a falta de cuidado que ela sentia. Seu irmão mais novo reagiu de maneira bastante diferente, e desenvolveu uma artrite reumatoide quando ainda tinha sete anos, ocasionando a obrigação de seus pais olharem para ele.

A mãe de I era uma executiva importante, trabalhava muito e passava a maior parte do tempo fora de casa. Então I e seu irmão ficavam bastante com a empregada na casa de seus avós maternos. Depois que a avó morreu, seu avô apresentou uma namorada nova, que ficou tempo suficiente para roubar toda herança da família e depois abandonar a casa. A traição e rebeldia do avô parece ter sido reproduzida pelo seu pai em um segundo relacionamento depois da separação. Antes de recasar com a atual mulher, o pai de I teve uma namorada que tentou afastá-lo dos filhos e, por algum tempo, teve sucesso. Assim como vimos em casos anteriores, muitas vezes a madrasta tem uma participação importante na relação do pai com os filhos biológicos, comprovando a força da mulher nas famílias reconstituídas.

*Ele teve uma outra. Uma vagabunda. Era bancária de agência, e ela era ruim. Ela comprava a gente com presentes, e depois falava "ah, mas então, sábado é dia de namorado sair, não dá pra ter criança - agora seu pai só vai pegar vocês de domingo, tá?". E o bolha do meu pai achava ok - mas meu pai era um retardado, fazia tudo o que a mulher mandava. Ele não estava bem na carreira nessa fase, e fazia tudo o que ela mandava. (I)*

I sempre foi estimulada a ser independente e a cuidar de si mesma e dos outros. Sempre teve uma boa relação com seu pai, mas achava que sua mãe tinha preferência por seu irmão e ela acabava sendo prejudicada por isso.

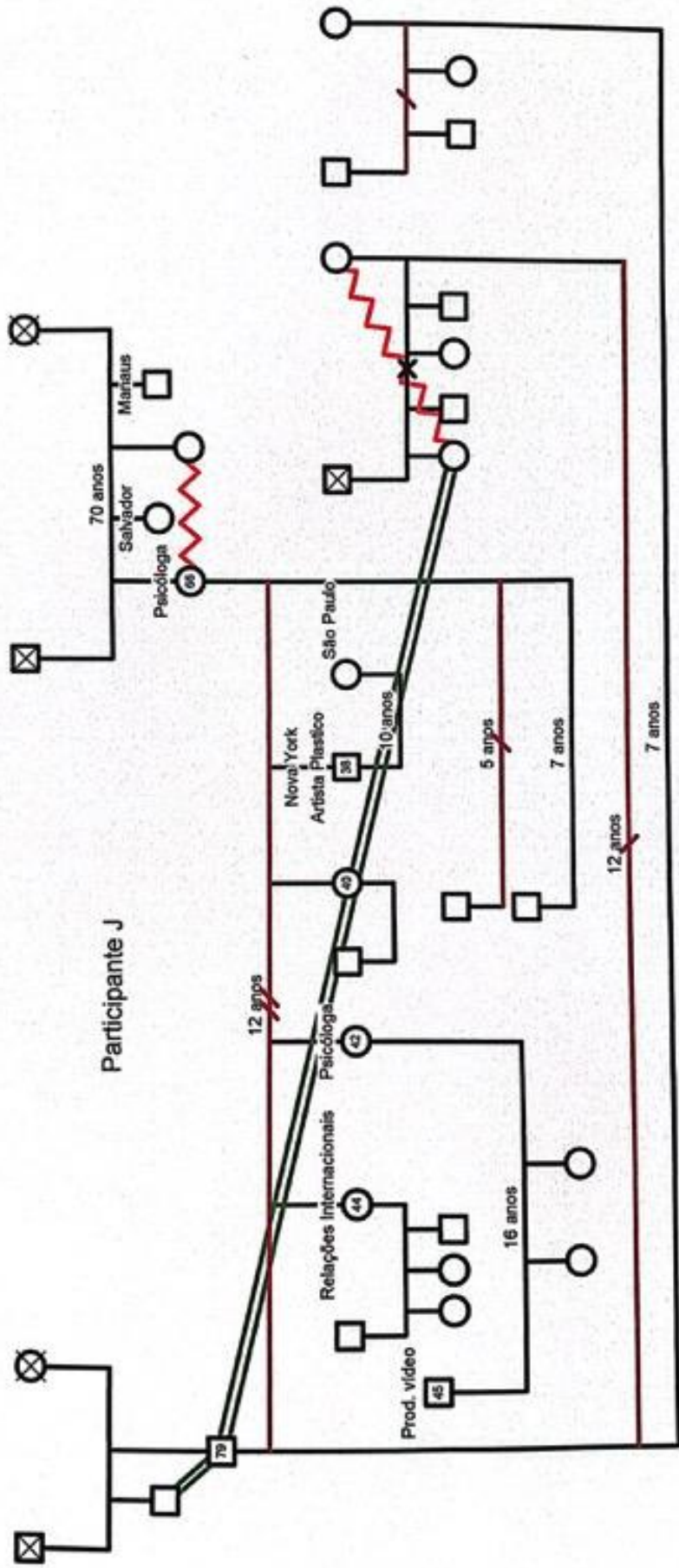
*Eu tinha uma relação super boa com meu pai. Ele diz que eu era a favorita. Mas minha mãe sempre teve pena do meu irmão, e ele ficava doente a cada cinco minutos... então ela protegia muito ele. Imagina viver numa casa que a triangulação é contra você. Então tudo que você reclama que é um absurdo, "ah, que ela é muito ciumenta". Você não tem pra onde você correr. (I)*

Essa experiência de vida contribuiu para que I se enxergasse como uma pessoa forte e segura, independente e que “*toma frente das coisas*”. No entanto, atrás dessa fortaleza parece ter escondida uma menina doce e frágil que teve que, muitas vezes, deixar de lado suas necessidades de cuidado emocional para resolver questões da vida prática muito anteriores à responsabilidade esperada para a idade. Quando questionada sobre valores, seu refúgio é a religião. É nos princípios da fé e nos valores da religião que I busca consolidar suas certezas e erros sobre conjugalidade e casamento.

*A igreja te dá uns princípios, uns valores, mais tradicionais talvez... então, por mais que na minha família tenha esse fuá, eu sou a certinha da brincadeira inteira. Achar que é uma coisa boa ter fé, que é possível por meio de um casamento você ser feliz e não assim momentaneamente. (I)*

Seu irmão buscou refúgio se afastando e indo morar em outro país. Ela sente falta e não tem muito o que fazer sobre a escolha dele. Seus pais ainda se estranham quando se encontram eventualmente, mas I continua achando que, como uma boa família de ascendência italiana, apesar dos desentendimentos, todo mundo “*se mata, mas se ama*”.





## Participante J

**J** é a segunda filha de uma família de quatro irmãos do mesmo pai e mãe. Ela tem quarenta e dois anos, é casada há dezesseis com o mesmo marido, com quem tem duas filhas pequenas. A sua irmã mais velha também é casada e tem três filhos, e os dois irmãos mais novos são casados, mas não tiveram filhos. O único homem, caçula, tem um casamento à distância. Ele mora em Nova York e sua esposa, que é diretora de cinema e arte, vive em São Paulo e viaja para encontrá-lo entre projetos de trabalho.

Sua mãe casou aos dezoito anos e, aos vinte e oito, já tinha quatro filhos. A filha mais velha tinha nove e o mais novo, três anos. Seus pais sempre preservaram a família das discussões e a separação foi vivida como algo “normal”.

*Quando se separaram eu lembro que na época foi uma coisa meio normal, porque a gente não via eles brigando. Eles sempre preservaram bastante a gente dos conflitos. Fui entender os conflitos quando eu tinha uns dezoito anos, quando a gente já era grande e foi meio convocado a se posicionar frente umas situações de dinheiro, da pensão etc.  
(J)*

Para **J**, a separação dos pais foi vivenciada como uma diversão e a guarda compartilhada foi estabelecida desde o princípio. Então, o tempo de convivência era dividido entre o pai e a mãe durante a semana, por isso a necessidade de contratar um motorista para ajudar na logística com as crianças. Essa é uma parte importante para **J**, porque a família teve que se adaptar a uma nova rotina: *“Acho que teve uma desorganização nesse aspecto... saía da escola, dormia no meu pai. Ia pra escola, tinha inglês na segunda à tarde, aí voltava pra minha mãe”* (J).

Sua mãe trabalhava e estudava muito durante esse período da infância de **J** e, por isso, acabou ficando meio distante dos filhos. Um aprendizado que **J** foi entender apenas adulta.

*Minha mãe sempre trabalhou bastante. Na época eu não*

*entendia, minha mãe fez mestrado, fez doutorado, e acho que eu tinha pouca consciência do que acontecia nas horas que a gente não tava com ela. Hoje eu me dou conta de que ela trabalhava feito louca nessas horas. (J)*

A relação com os irmãos, de idade tão próxima, poderia ter sido um ponto de apoio. Mas J conta de uma relação de fraternidade com algum distanciamento, como se cada um tivesse aprendido a importância de cuidar da sua própria vida, mesmo sabendo que podem contar um com o outro, caso haja uma necessidade maior.

*Nós nunca fomos confidentes, até hoje assim... a gente não é super confidente daqueles que vão chorar no colo do outro, mas a gente tem uma fraternidade bem forte. Se a gente precisa, a gente se tem muito próximo. Cada um tinha a sua vida, seu lugar, seu jeito. Cada um com seu temperamento. (J)*

Seu pai teve dois outros casamentos. No primeiro, que durou doze anos, se juntou com uma mulher viúva que tinha quatro filhos, sendo que o mais novo foi morar com a família de J. Ou seja, a complexidade do contexto e das relações transitaram de uma família de quatro para oito irmãos. Já adulta, J faz uma referência a seu pai, concluindo que ele é carente e não consegue ficar sozinho: “Meu pai é um cara que hoje eu entendo que não consegue ficar sozinho. É um cara bem carente de companhia” (J).

Mesmo com a participação e cuidado do pai com essa primeira mulher e os filhos dela, inclusive mantendo uma relação especial com uma das enteadas, depois que eles se separaram, as relações entre os irmãos e coirmãos se perderam e eles não têm mais contato.

*A gente conviveu doze anos, mas rolou uma briga feia entre meu pai e a mulher, e a gente perdeu contato com todos. Hoje em dia eu sei que meu pai e a filha dela ainda têm uma relação querida... meu pai, durante esses anos, cuidou dessas crianças... então por parte do meu pai tem uma mágoa grande, pois ele assumiu essas crianças. (J)*

A questão financeira passou a ser um ponto de desencontro, principalmente com uma família com tantos filhos. A primeira madrasta era

próxima, mas deixou de trabalhar quando se juntou ao pai de **J** e, ao longo do tempo, foi exigindo direitos iguais entre os filhos dele e os dela. Mesmo incomodados, **J** e os irmãos sempre pouparam a mãe e não contavam sobre os coirmãos e as regalias que o pai oferecia a eles: *“Não faltava nada pra gente. Minha mãe nunca soube desse pacote... a gente enquanto filho teve um cuidado... não sei se cuidado, mas a gente aprendeu que um é um e outro é outro”* (J).

Da relação com essa primeira madrasta, restaram apenas as lembranças, pois aconteceu um rompimento nas relações familiares como um todo. No segundo casamento do pai, **J** já estava casada, então a relação de convivência e proximidade é outra. No entanto, o pai e a atual mulher moram em casas separadas e, para **J**, esse distanciamento parece fazer bem à relação conjugal deles.

*Meu pai e sua atual mulher moram em casas separadas. Ficam bastante juntos, mas cada um tem a sua casa. Acho que porque ela segura, pois meu pai é carentão. Acho saudável a postura dela. Ela trabalha, tem as responsabilidades dela. Ela não deixa meu pai entrar muito, e acho bom. (J)*

A imagem que **J** tem de seu pai, ao longo do tempo e depois da separação, é de uma pessoa que não consegue fazer as coisas sozinho, que trazia várias mulheres para casa e tentava juntar com elas precipitadamente. Com a mãe, a vivência foi completamente outra, pois a mãe dela foi bem mais reservada e não trazia os namorados para casa e nem apresentava aos filhos com tanta naturalidade como o pai.

*Meu pai não fica sozinho nunca. Ele não dá conta; ele é daqueles caras que não conseguem ver nem Jornal Nacional sozinho, precisa ter alguém do lado. Minha mãe passou a nossa infância sem um namorado. Não era tão misturado que nem meu pai... ela namorou um cara há um tempo... teve alguns namorados na vida, mas não era igual meu pai que trazia pra dentro de casa, e que juntava tudo. (J)*

Existe uma diferença importante na postura dos homens e mulheres que

vemos repetir-se nesse grupo de entrevistados. Mais uma vez aqui notamos como os homens têm dificuldade de ficar sozinhos e envolvem suas novas parceiras em um curto período de tempo na vida dos filhos. As mães tendem a ter menos relacionamentos e, mesmo quando estão em um relacionamento mais duradouro, não costumam apresentar seus novos companheiros com tanta facilidade aos filhos.

*Minha mãe era mais discreta nesse lugar, na hora que ela apresentava já era uma coisa mais sólida. Eu me lembro de 2 namorados que ela apresentou ao longo da vida, mas eu não lembro deles em casa... não me lembro de um convívio do dia a dia. (J)*

Uma outra questão importante que também vemos se repetir é a dedicação das mulheres nos seus papéis profissionais. Por necessidade financeira ou pela busca da realização pessoal, a maioria das mulheres passa a dedicar muito mais tempo aos estudos e trabalho depois da separação, mesmo quando a convivência com o pai não é igualitária ou a guarda não é compartilhada.

*Minha mãe também se dedicava muito para as questões profissionais dela... depois que ela se separou, terminou a faculdade, fez mestrado, doutorado... teve uma jornada depois que se separou do meu pai e depois ela fez psicologia, pois queria atender na psicologia. Enfim... ela teve uma dedicação aos estudos. (J)*

A mãe de **J** teve outros dois casamentos, assim como seu pai, mas eles aconteceram quando todos os seus filhos já estavam casados e fora de casa. Sobre o segundo padrasto, **J** percebe que ele é uma pessoa que não gosta da intensidade do movimento de uma casa com muitos filhos e netos, que a família da mãe de **J** proporciona. Mas, o fato de ele ter muito dinheiro e poder proporcionar viagens e lazer para sua mãe acabou na aposentadoria da mãe de **J**. Parece uma repetição do padrão do primeiro casamento, em que existia a dependência financeira do marido, com a diferença que agora os filhos já estão criados.

*A gente mora tudo num mesmo quadrado, então a gente tem um a chave da casa do outro, temos uma dinâmica bem*

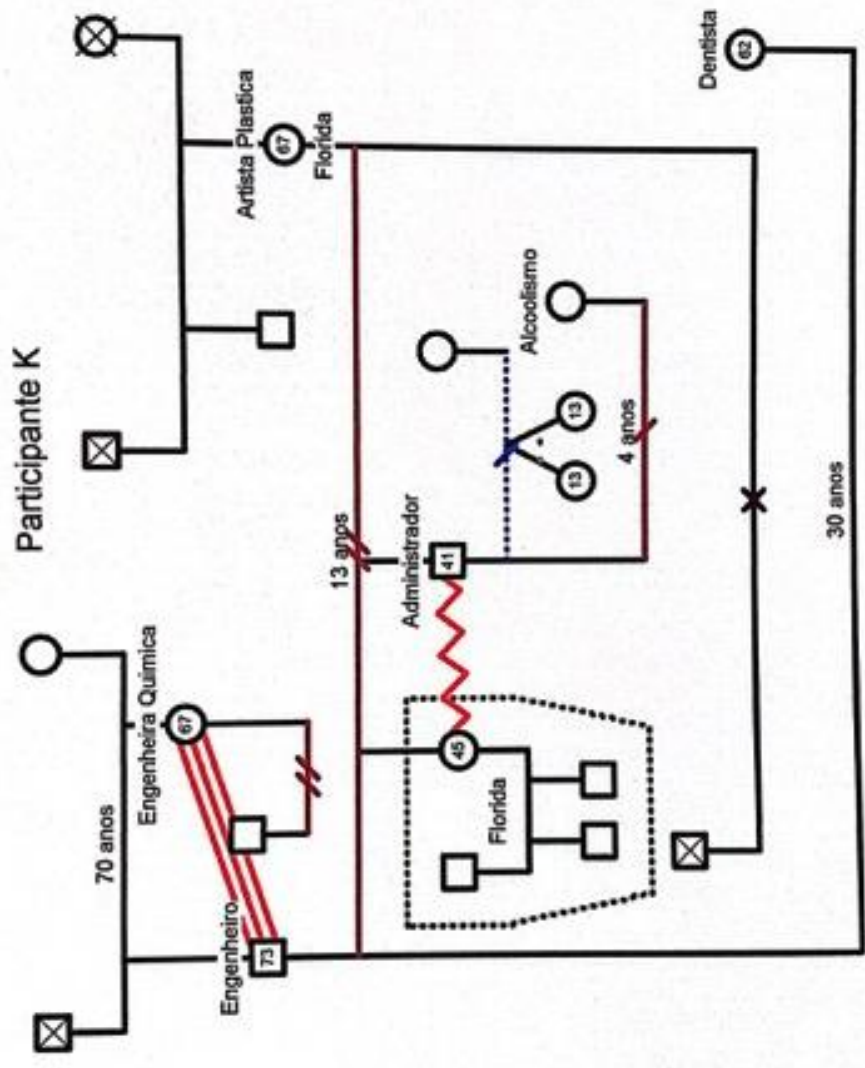
*intensa. E ele não participa de nada, não dá conta de nada. E minha mãe nem quer que ele vá, pois ele é um cara formal e ela fica bem tensa. É um cara que tem muita grana, e nesse meio do caminho, minha mãe parou de trabalhar para ficar com esse cara. E já tem uns anos que eles vivem viajando o mundo, uma outra estrutura. Ela parou de trabalhar, e eu acho ruim pra ela, que é uma pessoa que trabalhou a vida inteira e não sei o quanto ela é feliz com isso. (J)*

Por conta dessas viagens e da formalidade do novo padrasto, a convivência de **J** com a mãe diminuiu muito e ambas conversam sobre o assunto e respeitam as escolhas uma da outra: “Cada uma tem sua vida, ela faz o que ela quer da vida dela. A gente tá num lugar hoje que cada um cuida da sua vida, se ela está escolhendo isso, que seja feliz” (J).

Na família de **J**, o aprendizado com a vivência da separação e ao longo do tempo na convivência com outros irmãos, madrastas e padrastos está relacionado em aceitar as escolhas de vida de cada um. **J** acha que sua mãe se sentiu desamparada pelo companheiro, mas que ele é um excelente pai. Nessa jornada, com tantos irmãos, foi importante aprender a separar o que é de cada um e respeitar o caminho trilhado individualmente.

*Acho que a gente aprendeu a ser bem independente... a gente não se mistura muito um na vida do outro. A gente tem uma autonomia em relação às escolhas dos outros. A gente aprendeu a não ser invasivo em relação... mesmo a gente sendo... meu marido, por exemplo, acha que tem uma intensidade, um acompanhar da vida. E meu irmão também... e quando ele vem é um ídolo das crianças. Quando ele vem fica muito próximo, e as crianças acham ele o cara mais incrível do mundo. Então tem um carinho. (J)*

Essa família parece ter conseguido preservar as fronteiras familiares de uma maneira saudável e, mesmo com muitos irmãos, manter a convivência entre todos e a proximidade das relações, sem precisar intervir nas escolhas de suas famílias nucleares individuais atuais.



## Participante K

**K** tem quarenta e um anos, é separado e tem filhas gêmeas de treze anos de seu primeiro relacionamento sério. Seus pais foram casados por treze anos e se divorciaram quando **K** tinha sete anos. Ele tem uma irmã quatro anos mais velha que ele, casada, com dois filhos que moram fora do Brasil.

Com a mãe de suas filhas ele nunca foi casado. Ela é quase dez anos mais velha que ele e eles tiveram um relacionamento à distancia entre dois Estados diferentes. As filhas vieram sem planejamento e eles nunca tentaram ficar juntos por causa da gravidez. O segundo relacionamento sério de **K** foi uma união estável de quatro anos com outra mulher, depois do nascimento das filhas.

Seu pai casou novamente com a melhor amiga da irmã dele, quase um ano depois do fim do seu casamento. Estão juntos há trinta anos e não tiveram filhos. Essa madrasta esteve presente na vida de **K** durante toda sua infância e ele conta ter um relacionamento amigável com ela: *“Eu sempre gostei, ela sempre me tratou bem. Sempre me tratou bem, eu sempre tratei ela bem, eu sempre tive carinho, porque eu já conhecia ela de antes, de alguma forma ela era familiar”*.

**K** fala da família do seu pai como pessoas mal resolvidas, uma família que precisa fazer as coisas escondidas e como isso se reflete no comportamento deles, principalmente em seu pai e sua tia.

*Quando a pessoa acaba sendo mal resolvida, acaba tendo impacto muito físico. Então ela tem uma compulsão alimentar não assumida. Então ela está gorda, está com problema de saúde. As coisas que ela faz que parece que dão mais prazer a ela tem que ser escondidas. Comer e se relacionar. Então tudo é tabu. A família do meu pai inteira é cheia de tabu. Muito cheia de tabu. Meu pai está tendo problema com álcool agora.  
(K)*

Seu pai não tinha histórico de abuso de álcool antes, mas, segundo **K**, ele não conseguiu criar uma rede de apoio com amigos, não desenvolveu interesses pessoais por nada e, depois de se aposentar, acabou virando alcoólatra.

*Ele tá perdido porque ele não conseguiu ter um círculo de amigo, ele não conseguiu desenvolver um hobby, ele não conseguiu relaxar, e tem uma hora que você não sabe como relaxar então começa a dar auto-curto-circuito. Ele também tá fazendo de uma forma escondida. Que nem a minha tia, correlação com a busca do prazer, o prazer de ser um tabu e a pessoa não assume como ela encontra esse prazer. E tem que ser escondido. Eu vejo uma correlação alta. (K)*

**K** faz uma interpretação importante sobre como a família do seu pai busca prazer. Para ele, a compulsão alimentar da tia e o alcoolismo do pai estão diretamente conectados com a não resolução dos problemas pessoais e satisfação imediata. Ao perceber que seu pai está escondendo seu problema com o álcool, **K** assume o papel de investigador e o confronta sobre esses episódios, na tentativa de fazer com que ele consiga admitir seus problemas e, quem sabe, tratá-los.

*Eu peguei a vodka, bati com pimenta verde, filtrei e coloquei de volta. Daí ele tomou e ficou tossindo. Aí eu falei, e aí pai, o que aconteceu? Aí foi tipo uma ratoeira. E aí eu consegui a partir disso ter uma abordagem positiva de como ajudar ele. E está dando certo. De uma forma inicialmente agressiva, porque eu não queria que ele colocasse tudo a perder o que ele construiu na vida, de relacionamento e de tudo, e que ele ficasse bem, e para isso ele conseguisse enfrentar algumas coisas absolutamente incômodas. (K)*

**K** assume o papel de cuidador do pai, deseja que ele enfrente seus problemas e admita a responsabilidade de suas escolhas, principalmente quando percebe que ele está prestes a perder seu casamento. Mais uma vez vemos a inversão de papéis, em que o filho ocupa o lugar de cuidador e tenta ajudar seus pais a enfrentar as dificuldades da vida.

A mãe de **K** teve vários namorados depois da separação, mas, depois de quinze anos, teve um segundo casamento que durou dez anos e terminou com o falecimento do parceiro. Para **K** ele foi uma pessoa legal, mas sua mãe sempre reclamou muito e arranjava problema em todos os relacionamentos que tinha.

*Minha mãe ela se relacionou assim, perdi a conta de quantos namorados ela teve, de quantos relacionamentos, e sempre alguma coisa errada, sempre tem um, sempre bate na trave,*

*aí ela pega e troca, “uhmm não era bem isso”. Tem reflexo na vida dela profissional, amorosa. (K)*

Na perspectiva de **K**, a mãe não consegue dar certo em um relacionamento afetivo com outros homens porque está sempre incomodada com alguma questão, um reflexo da sua inconstância: “Ela é um pouco mais inconstante assim. Muita coisa chama atenção dela e quando você tem muita curiosidade e você não escolhe uma, você acaba ficando raso em tudo”, como se ela não soubesse o que está procurando e acabasse sempre se relacionando com homens com quem sabia que não daria certo.

Com essa experiência, **K** tenta não repetir o padrão familiar e, na sua busca por se relacionar verdadeiramente nos seus relacionamentos amorosos, acabou se envolvendo com uma mulher com problemas de álcool. Por mais que ele tenha insistido em ajudá-la a sair desse quadro, seu relacionamento também acabou. Ele comenta vários episódios nos quais ela causou grandes transtornos em função do seu abuso do álcool e isso foi levando o relacionamento ao fim.

*Eu e ela terminamos porque ela tinha um problema grave com bebida. Grave. Nada de beber muito de vez em quando, ela saía do corpo. Ela ficava agressiva. Eu chamei a polícia algumas vezes assim para poder conter. (...)Ela tinha um nível de agressividade comigo intolerante. Você é inútil, você é idiota, você é um cuzão, você é um... tudo tava ruim. (K)*

Foi assim durante bastante tempo, até que **K** chegou no seu limite de aguentar as ofensas dela e decidiu se separar, fazendo reflexões sobre o que deveria ser, ou não ser, um relacionamento afetivo saudável.

*Relação você tem que ter conversa super profundas e de coração, mas se realmente acha que a pessoa é uma idiota, você não vai estar com a pessoa. E tem um ataque passivo-agressivo de não estou te chamando de idiota, mas para mim idiota não significa nada.*

As relações familiares de **K** sempre foram confusas e permeadas de muita agressividade e instabilidade da mãe. Isso parece ter se refletido na vida de **K** ao longo do tempo e nos relacionamentos afetivos que teve até a presente

entrevista. Mesmo com sua irmã mais velha a relação sempre foi permeada de julgamentos e agressão.

*Minha mãe nessa ânsia de não tá bom, vou mudar não sei o que, aí ou reformava a casa ou fazia um treco meio estrambólico ou, aquele incômodo sempre. Eu morei muitos anos com a minha mãe e com a minha irmã. E minha irmã tem um nível de agressividade enorme, e a gente nunca foi amigo. Foi sempre uma relação de muito julgamento, dela apontar o dedo. E talvez a pessoa que mais tenha me feito sentir inadequado na minha vida foi minha irmã. (K)*

Essa relação conflituosa de **K** com sua mãe permeou sua vida inteira. Na juventude dos vinte anos, a família da mãe fez um movimento de se mudar para os Estados Unidos e **K** conta de como foi caótico esse momento em sua vida. Essa tentativa durou apenas cinco meses e eles tiveram que voltar. Sua irmã casou e conseguiu permanecer lá, mas sua mãe voltou há dois anos. A volta para o Brasil foi difícil e uma nova adaptação familiar, necessária. Os conflitos com sua mãe só melhoraram depois que **K** deixou de morar com ela e foi se ajustando sozinho.

*Finalmente minha relação com a minha mãe hoje é maravilhosa, super parceiro, falo com ela quase todo dia, a gente realmente é amigo, sempre falo com ela de tudo, totalmente livre, a gente se ajustou, mas demorou muito tempo. E precisou ser assim. (...) Porque eu acho, acredito que na nossa cabeça os pais eles são peças imutáveis. São alicerces. Então você meio que espera um comportamento deles e que vai ser tua referência, teu porto seguro. Minha mãe nunca foi porto seguro para nada. Hoje em dia eu vejo. (K)*

Para ele, o bom relacionamento com a mãe só foi possível no momento em que ele percebeu que ela conseguiu se encontrar com as próprias escolhas e está feliz com a vida que leva.

*Ela conseguiu morar onde ela quer, ela tá exatamente onde ela precisa tá, ela finalmente conseguiu, ela anda de bicicleta, ela faz as coisinhas dela, ela tá sendo ela, então é isso que a minha mãe é, então a gente conseguiu ficar amigo, entendeu. A gente conseguiu ficar super amigo por conta disso, porque eu vejo que minha mãe conseguiu ser minha mãe. Ela tentou a vida inteira, ela tá conseguindo fazer agora. (K)*

Apesar de a convivência ter sido sempre mais ao lado da mãe, a referência de seu pai sempre foi de uma pessoa que não conseguia conversar, mais introvertido, defensivo e envergonhado. Essa referência paterna também não ajudou muito **K** a se sentir confiante em suas escolhas, pois em ambos os lados vivenciou instabilidade. Do lado da mãe teve referências femininas de agressão e constantes mudanças, e do lado do pai, situações de comportamentos escusos, desconfiança, julgamentos e mentiras.

*Meu pai é meio protocolar, no sentido de não pedir opinião para nada, de não conseguir se abrir para falar das coisas, de ser hiper pavo curto, de sempre se sentir atacado em qualquer situação, ser muito defensivo, de ter vergonha das coisas, de ser tabu. Até hoje. Isso te dá uma sensação de total inadequação. (K)*

**K** tem uma família em que cada membro mora em um estado diferente e sua irmã mora em outro país. Ele tem duas filhas de relacionamento eventual que moram em outro estado e tem pouca convivência com as meninas. Teve uma união estável de quatro anos com uma mulher que abusa de álcool e atualmente está solteiro. Ele tenta se responsabilizar pelas escolhas que fez ao longo da vida e enxerga tudo com positividade, entendendo que está fazendo o melhor possível com as referências que teve.

*Eu demorei pra aceitar que eu tô fazendo o melhor que dá, com o que eu tenho, com a realidade que eu vivo e a vida é delas (filhas), é assim. Talvez hoje eu vejo de uma forma muito, muito positiva. Muito positiva de ter sido criado com diversidade de pessoas de realidades de família, de situações, de opções. Então eu vejo uma forma muito boa, muito, muito boa. (K)*

Ele faz muitas reflexões sobre como são as relações afetivas na atualidade, mas, no seu mundo pessoal, ele pensa no quanto que é possível criar intimidade com o outro e o tempo que isso pode levar.

*Eu acho que construção familiar, ela tem, hoje em dia, tem muito a ver com o quanto você consegue querer saber do outro. É realmente escutar, realmente se interessar. Aquilo te realmente importar. E é tão precioso e você gasta tempo fazendo isso que não dá para você querer se interessar por muita gente, porque você precisa querer escutar mesmo, leva tempo. (K)*

## **Algumas considerações a partir dos genogramas**

### **Questões financeiras**

Levando em consideração que as entrevistas deste estudo foram feitas com adultos de uma classe social privilegiada de São Paulo, notamos que, para uma boa parte dos participantes, a questão financeira foi assunto bastante importante não só no processo de separação, mas também como fator significativo que permeava as relações familiares.

Toda separação implica em uma divisão de casas e, com isso, a necessidade de uma readaptação dos custos financeiros. Os custos, que antes eram divididos entre o casal, passam a ser responsabilidade individual e pessoal da mãe de um lado e do pai do outro. Nesse processo, encontramos cenários diferentes, mas que convergem em algum momento. Seja porque, na maioria dos casos, o homem sempre aparece como privilegiado, por sempre ter sido o provedor da casa, ou pela obrigação da mãe em investir no seu papel profissional para melhor atender a qualidade de vida após a separação. Tanto na falta de dinheiro, quanto na diferença entre as posses do pai e da mãe, a questão financeira está sempre presente nos discursos.

Encontramos pais (homens) negligentes, que não cumpriam com a sua participação na pensão alimentícia, pais participativos em um primeiro momento e que depois deixaram de promover ajuda quando recasaram, pais que usaram sua condição financeira para promover espaços de maior convivência, e até pais que usaram os recursos financeiros como chantagem na relação com os filhos. De uma maneira ou de outra, as relações de paternalidade, para a grande maioria dos participantes, apareciam associadas à questão do dinheiro.

No caso das mães, as narrativas nem sempre estavam atravessadas diretamente com um problema financeiro, mas muitas vezes com a busca de um crescimento profissional, independência e necessidade de organizar o tempo na divisão dos papéis de mulher, mãe e trabalho.

Na maioria dos casos, vimos que a mãe que precisou trabalhar depois de sua separação para manter o lar, precisou contar com a ajuda emocional, e muitas vezes financeira também, dos seus próprios pais. Por isso, muitos

participantes relatam as histórias de seus avós e de como a relação com eles foram importantes e influenciaram suas vidas.

### **Novos relacionamentos ao longo da vida**

Um outro aspecto relevante que apareceu em boa parte das entrevistas foi a entrada de novas mulheres na vida dos pais dos entrevistados. Ficou evidente a facilidade dos pais em terem novos relacionamentos depois da separação. Alguns tiveram varias namoradas e alguns relacionamentos sérios, outros tiveram apenas um outro casamento, mas todos recasaram em algum momento da história.

A presença de uma madrasta na vida dos participantes quase sempre teve um papel fundamental na relação do pai com os filhos do primeiro casamento. Na maioria das vezes, notamos um afastamento quando não existe empatia da madrasta com os enteados. Aparentemente o pai abdica da sua função paternal quando percebe situações de conflito, como alguma rivalidade ou ciúmes da atual mulher com os filhos, e acaba permanecendo ao lado da mulher, gerando um descontentamento dos filhos com sua atitude. Mesmo quando a madrasta parece exercer uma tentativa de aproximar os pais de seus filhos, a relação aparece intermediada por outra pessoa, o que também aparenta uma certa dificuldade primária do pai em exercer uma relação de afeto e cuidado com os filhos. É notável que a relação de pais e filhos não está garantida pelo vínculo sanguíneo e, se não existe um esforço por parte do adulto pai em buscar manter essa relação, os filhos acabam se afastando, cedo ou tarde.

O inverso também pode acontecer, como vimos em dois casos que os participantes retomaram a relação com o pai um pouco mais velhos. No entanto, as histórias ficam marcadas por uma certa negligência e sentimento de abandono.

No caso das mães, elas priorizam o desenvolvimento profissional, por necessidade ou não, e o cuidado com os filhos. Ou seja, muitas das mulheres não tiveram outros casamentos, algumas recasaram uma segunda vez e outras tiveram apenas namorados depois de muitos anos de separação. As mulheres tendem a apresentar menos pessoas aos filhos, preservam mais a

relação maternal e têm mais dificuldade de encontrar novos parceiros.

Notamos que uma boa parte das mulheres que recasaram apresentaram apenas um padrasto para seus filhos e, na maioria das vezes, depois que eles já tinham crescido. A relação das mães com seus filhos não passa pelo discurso dos padrastos. Com exceção de um caso, os padrastos, tendo boa relação ou não com seus enteados, eram secundários na relação da mãe com os filhos.

### **Inversão de papéis**

Um outro ponto importante a ser abordado são as inversões de papéis. Durante o período da infância, notamos que muitos filhos se sentiram abandonados e negligenciados pelos seus pais, mãe e pai, de forma geral. É como se, em um determinado momento da reorganização familiar, não tivesse espaço para compreensão dos filhos sobre o que estava acontecendo. Talvez por serem crianças na ocasião da separação ou pela falta de entendimento dos pais sobre como tratar do assunto da separação com os filhos, encontramos histórias nas quais os filhos se sentiam responsáveis pelo bem-estar de seus pais. Muitos relatos de verem as mães chorando e sofrendo e da falta de cuidado do pai em atender as necessidades das mães colocaram os entrevistados em um lugar de terem que se posicionar entre um e outro. Podemos chamar esse fato de conflitos de lealdade, em que os filhos não sentem que podem estar ou gostar de estar com um dos genitores por estarem traindo o sentimento do outro.

Em outros casos percebemos que os filhos assumem a postura de cuidadores de seus pais e tentam, dentro do possível, resolver as complexidades das situações que se apresentam na relação entre eles.

### **As complexidades do adulto**

Como esta pesquisa foi direcionada a adultos que cresceram em famílias de pais separados, sendo a primeira geração de adultos pós lei do divórcio, vale a consideração sobre as novas estruturas familiares na contemporaneidade.

Existem muitas particularidades no relato de cada participante, mas

apenas três dos onze participantes ainda são solteiros. Nas entrevistas, percebemos que a separação dos pais na infância não foi um fator relevante na escolha pelo casamento, pelo contrário, os entrevistados tentam reparar a falta de terem vivido uma família nuclear tradicional buscando um relacionamento mais assertivo que seus pais. Sete participantes estão casados há mais de dez anos e têm pelo menos um filho e um está no segundo casamento.

Nas suas individualidades, poderíamos fazer alguma relação da história dos entrevistados com a escolha desses parceiros, como, por exemplo, um dos casos em que a participante exerce o papel da madrasta pelo fato de ser o segundo casamento do atual marido, o que a faz pensar em sua relação com os parceiros de seus pais.

Os três participantes que são solteiros têm histórias em que, em algum momento, seus pais moraram em outros estados e/ou em outros países, o que propõe uma dificuldade a mais para firmar relacionamentos sérios, uma vez que um casamento sugeriria se estabelecer em algum lugar.

Por outro lado, quando questionados sobre as diversidades de pessoas com que se relacionaram ao longo do tempo, uma vez que viveram em duas casas desde pequenos, com madrastas, padrastos, meios-irmãos, coirmãos, é quase unânime a resposta sobre a vantagem de a convivência com pessoas diferentes ter sido um grande aprendizado.

## **O patriarcado**

O patriarcado prevalece. Ainda vivemos em uma sociedade na qual os homens parecem ter mais privilégios no mercado de trabalho, têm mais facilidade para encontrar novas parceiras e sofrem menos discriminação com os divórcios.

Apesar desse cenário, encontramos mulheres com coragem de não permanecer em um relacionamento que não estava dando certo, se arriscando mais nas suas carreiras profissionais e exigindo a participação maior dos pais nos cuidados com os filhos, mesmo que esse ainda não seja um contexto favorável e que aconteça, de fato, na prática.

Para a maioria dos homens, parece mais fácil o desapego na relação com os filhos, a imersão em uma nova família e a desobrigação das

responsabilidades com os filhos no dia a dia. Isso não significa que a relação da mãe com seus filhos é sempre boa e garantida, mas que a mulher ainda tende a priorizar os filhos mais do que o pai, e isso se reflete de alguma maneira nas relações futuras dos filhos.

De certa forma, esses filhos adultos têm a função de mudar esse contexto a partir das experiências vividas e transformar seus novos relacionamentos e suas famílias atuais em uma sociedade mais igualitária e justa.

### **Noção de pertencimento**

Quando uma segunda família é formada, seja pelo recasamento do pai ou da mãe, existe uma problematização a respeito da noção de pertencimento por parte dos filhos. Sabemos, na prática, que atualmente os filhos de pais separados são mais aceitos em seus meios sociais, como a escola, devido ao crescente número de divórcios. Cano, Moré e Crepaldi (2008) apontam uma melhora na qualidade de vida dos ex-cônjuges tanto quanto dos filhos com o passar do tempo após o divórcio e como esse processo pode contribuir para a resiliência dos membros da família, muitas vezes favorecendo o amadurecimento emocional dos pais, o que, como consequência, afetaria positivamente os filhos. Ou seja, uma vez que os conflitos são dissolvidos com a separação, os sofrimentos na convivência familiar diminuem, e os pais se tornam mais preparados para novos relacionamentos.

Por outro lado, mesmo que a separação tenha sido de comum acordo, ela gera sentimentos de perda, solidão, incertezas. Embora esses sentimentos possam ser dissolvidos ao longo do tempo, notamos que muitos participantes questionaram o sentimento de pertencimento. Quando seus pais iniciam uma nova família, seja com um recasamento ou não, os filhos tendem a mudar sua referência em casa.

Principalmente em relação à casa dos pais (homens), tivemos diversos relatos de um distanciamento dos filhos, por não se sentirem mais pertencentes àquela família, uma vez que a mudança nas regras da casa, espaço e convivência passaram a ser diferentes entre a casa da mãe e do pai. Aqui ainda podemos fazer uma diferenciação de gênero, uma vez que notamos

que as filhas mulheres tendem a procurar uma maior aproximação do pai, mesmo tardia, apesar do sentimento de não pertencimento, enquanto os filhos homens tendem, de fato, a um distanciamento real, buscando sua autonomia e maior independência das relações familiares.

Assim, mesmo na vida adulta, notamos um impacto relevante das relações parentais passados anos do divórcio. Quando uma segunda família é formada, independentemente das razões e da qualidade de vida que os filhos levem ao longo de suas vidas, se não existe o investimento dos pais para que seus filhos se sintam pertencentes a essa nova configuração familiar, o sentimento de não pertencimento permanece na vida adulta.

### **Conflitos de lealdades**

Quando a separação dos pais acontece enquanto os filhos são ainda crianças, existe uma tendência aos conflitos de lealdade, que se referem à necessidade dos filhos em se posicionarem a favor de um dos pais, ou a tomarem lados. O contexto complexo que se estabelece com a divisão das casas e a saída de um dos membros da família promove diversas situações em que os filhos se veem divididos entre o pai e a mãe. Tais incertezas em fazer essas escolhas enquanto criança podem gerar inseguranças que interferem na constituição da identidade pessoal.

Ou seja, quando os pais têm divergências e não conseguem resolver seus conflitos de forma assertiva e adequada, isso pode afetar a relação com seus filhos que se sentem desprotegidos e inseguros. Quando uma criança corre o risco de suas próprias necessidades emocionais não serem atendidas, sua capacidade de resiliência e de enfrentamento tende a diminuir, afetando seu desenvolvimento.

Em um dos casos entrevistados, no qual ouve claramente alienação parental, notamos o quanto os conflitos de lealdade influenciaram a relação da participante com seu pai e sua mãe, e como isso veio a afetar sua vida adulta. A constante exposição aos conflitos de seus pais marcou seu sentido de segurança emocional, diminuindo sua autoestima e potencializando sentimentos de culpa.

Na vida adulta esperamos que esses conflitos estejam dissolvidos e que os filhos não precisem mais se aliar a um dos lados para manter a relação com seus pais. No entanto, observamos que os sentimentos gerados pelo passado muitas vezes permanecem e marcam a vida adulta. Nem sempre o tempo favorece as relações quando não existe o real investimento emocional e afetivo de ambos os lados na resolução de conflitos.

### **Outras triangulações**

Outra forma de observar os conflitos nas entrevistas foi não apenas na relação dos filhos com seus pais, mas também entre irmãos. Em pelo menos cinco participantes encontramos situações nas quais um dos irmãos ou irmãs se aliam à mãe, configurando uma triangulação, excluindo o entrevistado daquela relação em momentos de controvérsias. Essa situação também tem um impacto importante na constituição da identidade pessoal do participante. O conflito nas relações de fraternidade afeta a relação de todos os membros da família posteriormente, provocando um afastamento dos irmãos. As brigas entre irmãos são comuns entre crianças e a competitividade entre elas também. Mas quando um dos pais tende a ficar mais próximo de um dos filhos por afinidade ou por identificação, isso pode gerar sentimentos de insegurança e abandono emocional.

Em duas entrevistas percebemos o quanto as participantes falam abertamente da diferença de posicionamento delas e de suas respectivas irmãs em relação ao comportamento de sua mãe, e do quanto elas se aliam contra as entrevistadas, deixando evidente o sentimento de negligência emocional vivenciado. Essa vivência marca não apenas a sua personalidade, mas a maneira como elas se relacionam atualmente com suas irmãs e mãe.

### **Diversidades familiares**

Sobre as diversidades familiares, ressaltamos que as relações familiares não estão necessariamente ligadas à questão da separação. Ou seja, como as relações entre os membros vai se estabelecer no decorrer do tempo até a vida adulta também depende de muitos outros fatores, como a

comunicação, as fronteiras, a abertura para a expressão das emoções, a participação dos pais na vida dos filhos, entre outros.

Vimos mães mais dedicadas à sua carreira profissional e outras mais afetuosas. Encontramos referências de famílias em que existia mais abertura para diálogos e trocas e outras nas quais cada um se envolveu menos nos conflitos dos outros membros, vimos situações nas quais os entrevistados escolheram lados e outras em que não se envolveram nos conflitos parentais. Também vimos pais homens criando espaços de convivência e outros desinteressados nos filhos do primeiro casamento. Encontramos pais realmente envolvidos no futuro dos filhos e outros sendo cuidado por eles.

De uma maneira ou de outra, as relações familiares ultrapassam a separação dos pais e estão mais conectadas com o modo de relação que podem se estabelecer entre duas pessoas diferentes nos papéis que representam. Por isso encontraremos sempre particularidades nas relações e uma diversidade infinita de possibilidades, arranjos, fronteiras, estruturas, padrões e expressões.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A separação e o divórcio consequente dela não são um evento pontual, mas um longo e complexo processo de transição. O percurso adaptativo dos filhos, considerado sob esta perspectiva, depende da quantidade e qualidade do contato com a figura parental que não detém a guarda e de sua capacidade de cuidado; do nível de conflito entre os pais após a separação ou divórcio; do nível de dificuldades socioeconômicas e do número de eventos estressores adicionais que incidiram sobre a vida familiar (SOUZA; RAMIRES, 2006). A partir das entrevistas, identificamos também a importância do guardião no estabelecimento de relações saudáveis ao longo do desenvolvimento dos filhos.

Neste trabalho, verificamos que o processo de separação dos pais é vivenciado pelos filhos das mais diferentes formas, como fica evidente nas falas deles.

*No momento da separação dos meus pais foi tudo muito delicado.... minha mãe fala até hoje que a culpa de tudo isso ter acontecido foi do meu pai – que meu pai é muito passivo. Esse é o lado da conversa da minha mãe... nunca busquei saber a versão do meu pai. (F)*

Nesse trecho, notamos que o participante **F** tem uma relação distante com seu pai, assumindo a versão da mãe como a verdade da história vivenciada pela família.

Para **J**, entretanto, a relação com ambos os pais foi preservada independentemente dos dilemas conjugais, o que possibilitou que ela e seus irmãos interpretassem os conflitos do casal sem que se misturassem às questões de parentalidade: *“E quando se separaram eu lembro que na época foi uma coisa meio normal assim, porque a gente não via eles brigando. Eles sempre preservaram bastante a gente dos conflitos” (J).*

### **Motivações da separação e experiência vivida**

Existe uma ideia preponderante no senso comum de que o divórcio causa um impacto negativo na vida das crianças e alguns estudos corroboram

com esse pressuposto. De acordo com uma pesquisa de Wallerstein (2000), filhos de casais separados sofrem mais de depressão e apresentam maior dificuldade no aprendizado. Para a pesquisadora, as crianças crescem com o sentimento de culpa por conta da separação dos pais, e tanto o pai como a mãe, por viverem o tumulto de uma separação, não têm equilíbrio suficiente e nem disponibilidade para dar conta do que as crianças estão sentindo naquele momento.

Precisamos considerar que o processo de separação causa um impacto diferente para cada membro da família. Durante as entrevistas, notamos que alguns significados dados às experiências vividas passam por interpretações que vão desde culpa, como aparece na fala de I: *“E aí quando eles se separaram foi péssimo, eles brigavam bastante. E eu era uma criança que não dormia, e eles acham que é culpa minha até hoje... Claro que não, né? Pois sabia que eu não dormia porque eles ficavam discutindo”*, até medo e insegurança, explícito por K:

*Eu lembro o dia que ele me deu a notícia. Ele foi me buscar em uma aula de Karatê, parou o carro na garagem, e falou então filho, eu e sua mãe, a gente vai separar, mas a gente continua amigo tá. Eu lembro do sentimento até chegar em casa. Aí eu entrei no banheiro, fechei a porta e comecei a chorar. Porque acabou o mundo né, você só tem 7 anos, eu chorei pelo desconhecido que viria. Hoje eu analiso dessa forma, o que que vai ser da minha vida, o que que significa separar. Separar é uma ruptura.*

Entretanto, Santos (2013) aponta que, mesmo quando há a tentativa de os pais preservarem os filhos, o desgaste advindo do divórcio pode levar a sentimentos de desproteção, tristeza e angústia nos filhos. Isto porque devemos entender o divórcio como um evento de todo o sistema familiar e não apenas do casal conjugal.

A importância da construção do significado da separação ao longo do tempo nos leva às memórias das motivações que levaram a ela, com a intenção de compreender melhor qual o impacto da experiência do divórcio vivido pelos filhos nas suas relações familiares atuais. Na medida em que as vivências são lembradas, os entrevistados têm a possibilidade de ressignificar os laços afetivos.

Entre os diversos fatores que encontramos nos motivos que levaram à separação dos pais, observamos questões financeiras, traições, desinteresse por um dos lados ou por ambas as partes, conflitos de interesse pessoais e profissionais, bem como brigas frequentes. Mas as considerações acerca do que levou os pais biológicos a se separarem não incluem a relação com a prole como ponto significativo que tivesse interferido nas relações conjugais.

Ou seja, o que verificamos a partir das entrevistas é que o impacto do divórcio nas relações dos filhos com seus pais está pouco relacionado às motivações que levaram a essa ocasião. Isso não significa que a experiência da separação não foi vivida com importância, mas que a relação de afetividade dos filhos com seus pais ao longo do tempo tem pouca conexão com as motivações que levaram à separação. Aparentemente, quanto menor a idade da criança quando da data da separação, menor o entendimento e a participação do entrevistado sobre o ocorrido.

*Muito do que eu sei, do que senti, das experiências que eu tive que tenham a ver com a separação, acho que elas são muito um recorte de coisas que me falaram e de coisas que eu acho que fui interpretando ao longo da minha vida, mas não tenho memórias. O que sei é que eles não se davam muito bem e decidiram separar. (A)*

Tivemos 6 entrevistados cujos pais se separaram antes de aqueles terem 6 anos e 4 participantes que tinham 7 anos na época do divórcio. Apenas **F** tinha 11 anos quando da separação dos pais e soube contar com mais detalhes o que aconteceu na ocasião e como ressignificou essa vivência, relacionando-a a como entende sua proximidade com seu pai atualmente:

*A separação do meu pai foi muito traumática... ele é muito ligado com a gente, é ele que fazia tudo. Minha mãe nunca fez nada em casa, nunca, nunca, nunca... Minha mãe nunca brigou comigo, ela nunca me deu uma refeição – meu pai que fazia tudo pra gente. (F)*

A grande maioria dos entrevistados soube contar brevemente o que acha que aconteceu. Alguns se interessaram mais pelo assunto em algum momento da vida e procuraram saber melhor, perguntando para seus respectivos pais e mães conforme foram crescendo. Outros ficaram com o que os pais escolheram lhes contar no momento que acharam mais apropriado.

Mais importante do que o entendimento dos filhos sobre a separação dos pais ou as tentativas dos pais em preservarem os filhos dos desentendimentos do casal, parece ter sido a complexidade de manter ou não a relação parental ao longo dos anos.

*Nunca... nem minha mãe nem meu pai souberam separar o que era ser pai e mãe e o que era ser ex-marido e ex-mulher, nunca. Nunca, nunca! E aí... eu sei que depois que eu falei pra ele que "quando ele tivesse vontade de ver a gente, que ele procurasse", ele nunca mais apareceu. E a gente ficou anos sem se ver. (B)*

Dessa maneira, refletimos que, apesar de a experiência do divórcio ter sido eventualmente vivida pelo entrevistado como “traumática”, as relações de afetividade com o pai ou a mãe a partir da separação se estendem para além desse contexto. Portanto, de qualquer maneira, o afastamento físico de um dos genitores inicia um processo complexo de como manter a relação com filhos pequenos numa nova organização familiar. Na tentativa de minimizar os potenciais danos causados por esse afastamento, a Lei da Guarda Compartilhada (n. 13.058 de 22 de dezembro de 2014) instituiu que o tempo de convívio com os filhos deve ser equilibrado entre pai e mãe, sempre visando o melhor interesse dos filhos.

Por outro lado, segundo Greene *et al.* (2016, p.103), em alguns casos, o divórcio pode oferecer aos pais e filhos benefícios potenciais: o escape de uma situação familiar conflituosa e infeliz; a oportunidade de desenvolver relacionamentos mais satisfatórios; e o potencial para desenvolvimento pessoal. Em outras palavras, o que talvez seja digno de nota diante desse acontecimento não é a inevitabilidade, mas a diversidade das respostas de pais e filhos que enfrentam os desafios do divórcio.

### **Sobre as relações paternas**

A partir da necessidade de uma nova organização familiar com filhos pequenos, em que tanto uma nova rotina tem que ser estabelecida, quanto visitas programadas na casa do pai e da mãe precisam ser muito bem delineadas, encontramos grandes conflitos de interesse do casal que parecem, de fato, fazer diferença nas relações de pais (homens) e filhos ao longo do

tempo. Isso porque os pais, diante da mudança de configuração familiar, são obrigados a olhar para relação com seus filhos sem a interferência/presença da mãe. Enquanto alguns têm medo do afastamento e de não participarem de momentos importantes do desenvolvimento dos filhos, outros começam a entender a importância de prestar atenção nessa relação. Com a separação, o pai começa a entender que a relação com seu filho não está estabelecida a priori, mas que depende também do seu empenho para guiar a qualidade dessa relação.

*Uma vez sentei pra ele e falei assim: agora a gente só vai se ver quando você quiser. E ele nunca mais apareceu. [...]. E a gente era completamente desconhecido, meu pai e eu. [...]. É muito diferente eu construir a relação com meu pai depois de adulta. Então eu não sei o que é um pai ensinando, impondo limite, organizando... eu não sei o que é isso. (B)*

Assim, se as motivações para a separação do casal não foram tão importantes na relação dos pais com os filhos em um primeiro momento, o interesse do pai em manter uma relação de proximidade com os filhos a partir de então tem um grande significado. Ou seja, se o pai não consegue garantir que existam espaços e momentos de convivência entre ele e seus filhos, observamos que a relação entre eles se fragiliza e existe a tendência ao afastamento. É o que a fala da participante **E** reitera: *“Eu tinha contato zero com meu pai. Nunca quis. Na minha cabeça eu tinha receio de ir vê-lo e me desconectar... coisa de criança: vão me fazer ficar com ele, vão me tirar da minha mãe”*.

O inverso também parece acontecer proporcionalmente: os filhos tendem a buscar maior proximidade e afeto quando convivem mais com seu pai, pois, quanto maior o esforço para estabelecer momentos de convivência, maiores as chances da construção de uma relação afetiva duradoura e significativa. A declaração do entrevistado **F** é um exemplo desse funcionamento: *“Meu pai se fez muito presente, mesmo a gente ficando com ele final de semana sim, final de semana não – e toda quarta-feira a gente dormia na casa dele. A gente tinha um rito quando a gente tava com ele e que continuou”*.

No mesmo sentido vai a fala de **C**:

*Tem essa coisa de encontros que meu pai dava uma forçada. Teve uma época que a gente tinha que jantar toda semana com ele... adolescente, eu nem queria mais, mas ele forçava. Mas é bom uma mini forçada. E teve uma época que a gente não queria mais dormir, a gente só jantava... aí meu pai inventou que a cada semana um escolhia o restaurante, então virou uma brincadeira... ele sempre fez de um jeito pra driblar a falta de vontade. Era um jeito de estimular. E essas brincadeiras sempre proporcionaram momentos de convívio nosso.*

Sobre as relações entre pais e filhos, encontramos respaldo na pesquisa de Ramires (1997, *apud* DANTAS, 2004), que encontrou uma melhora qualitativa no relacionamento entre pais e filhos após o divórcio. Isto porque há um tempo passado juntos, em que existe uma verdadeira dedicação às crianças, o que leva ao aumento da intimidade e cumplicidade. Ela sugere que a diminuição do tempo de convivência depois da separação leva os pais a buscarem encontros de maior qualidade, de modo a suprir sua ausência diária.

No caso de **E**, notamos que a relação entre os pais biológicos da entrevistada era aparentemente boa do seu ponto de vista. No entanto, ela só veio a conhecer o seu pai biológico por volta dos seus sete anos e sua mãe teve uma postura passiva em relação à escolha da filha em não ver o pai. Parece notável que, mesmo o pai mantendo uma relação de amizade com a mãe, ele só tenha conseguido conhecer a filha pessoalmente depois de tantos anos. Apesar de pai e filha terem tido tempo para refazer a relação, **E** ainda não se considera conectada a ele:

*Não me conecto com meu pai como figura paterna de primeira, na verdade demorou muito, e ainda se eu falar que somos 100% conectados como pai e filha e que eu tenho uma liberdade de filha, é mentira. Nunca me conectei emocionalmente, de verdade, 100%.*

**B** também teve uma convivência perturbada com o pai no início da separação. No caso dela, a mãe também teve uma participação importante na falta de convívio dela com o pai. Mas, diferente de **E**, a mãe de **B** fazia chantagens emocionais para que ela não quisesse encontrá-lo. De uma maneira ou de outra, ambos os pais aceitaram a situação de não encontrar as filhas na primeira infância e isso teve um impacto importante no relacionamento delas com eles atualmente. Faz-se importante ponderar que

estamos levantando questões que podem favorecer ou desfavorecer as relações familiares, e a convivência não é a única delas. Por outro lado, no que diz respeito à convivência com as mães, não encontramos essa questão, uma vez que os filhos estão quase sempre sob os cuidados maternos e, dessa forma, a sua proximidade com os filhos está garantida. Essa é uma tendência que notamos nesta pesquisa, talvez por ainda vivermos em uma sociedade patriarcal que pressupõe ser papel da mãe cuidar dos filhos.

Por outro lado, com a Lei da Guarda Compartilhada, n. 13.058, de 22 de dezembro de 2014, ficou estabelecido que o convívio dos filhos com o pai e com a mãe deve ser dividido de forma equilibrada, tendo em vista o interesse dos filhos. Mas, apesar de a lei ser um reforço para uma mudança social, não é isso que se percebe na maioria dos casos: quase sempre o pai é quem corre o risco de ter o seu relacionamento com o filho afetado quando não se prontifica a criar espaços e tempo de convivência.

Segundo Barbosa e Castro (2009, p. 20), explorar a corresponsabilidade de cada um dos envolvidos na manutenção do conflito ajuda a potencializar as perspectivas de mudança em favor de uma maior qualidade para os relacionamentos familiares no geral, bem como para os relacionamentos dos pais com os filhos mais especificamente. Para Féres-Carneiro (1998, apud BARBOSA; CASTRO, 2004, p. 31), o rompimento da relação conjugal é uma das experiências de vida que mais trazem sofrimento, podendo ser comparada ao sofrimento experimentado pela morte de um ente querido, uma vez que o processo de elaboração emocional do divórcio pode ser associado ao processo de luto. As repercussões desse processo em todos os membros da família e as diferenças com que homens e mulheres o vivenciam em virtudes das questões de gênero e de exigências sociais contraditórias incrementam esses desafios.

### **Sobre as relações maternas**

Ao nos debruçarmos sobre as relações maternas na família após um divórcio, encontramos nas entrevistas analogias que foram permeadas ao longo do tempo pelas necessidades de adaptação financeira e rodeadas de interpretações dos filhos acerca das vivências emocionais da mãe. Na maioria

dos casos estudados nesta pesquisa, a convivência com a mãe era sempre bem maior do que com o pai, e essa figura familiar aparece como sendo a principal cuidadora responsável pela manutenção da família. Isso não significa que a conexão e o afeto entre mãe e filhos está assegurada, mas é intrinsecamente associada ao estado emocional da mãe e à maneira como ela lidou com as situações e os problemas pessoais ao longo da vida. De modo geral, entre a busca por novos parceiros e as condições/dificuldades financeiras impostas pela separação, a maternidade se sobrepõe ao cuidado de si mesma.

*Na casa da minha mãe eu me sentia mais à vontade, e eu tinha mais conforto. Minha mãe trabalhava muito, então ela tinha uma empregada... eu acordava na casa da minha mãe, o ambiente era mais claro, mais solar, e também eu não arrumava a cama, assim... eu era mais mimado... não precisava pensar em um monte de coisa. Então era mais confortável, era mais legal, apesar de eu ver minha mãe pouco durante a semana. (D)*

O conflito proveniente do sofrimento da mãe em conseguir dinheiro para sustentar a casa também aparece como tendo um impacto importante na relação com os filhos, que, por sua vez, entendiam que deveriam ficar ao lado dela. Portanto, mesmo que o relacionamento com o pai fosse bom, a lealdade à mãe prevalecia.

*Minha mãe sofria, minha mãe chorava, ela estava sozinha, tava sem dinheiro porque meu pai não pagava pensão direito... Inadimplente na escola um ano e meio; eu era tirada da sala de aula pra dizer que meu pai não tinha pagado a mensalidade, e eu não recebia o boletim porque meu pai estava com a mensalidade atrasada... mas eu adorava estar com ele... mas não podia, né... porque minha mãe tinha que fazer o diabo pra alimentar a gente, vestir a gente, pra pagar a dívida da escola... Então era super complicado. (B)*

Mesmo quando existia a tentativa da mãe de não envolver os filhos nos problemas dos adultos, muitas vezes a relação de maternagem foi vivenciada como “abandono emocional”, pois o movimento da mãe em ter que reconstruir a família implicava na falta de tempo para atender algumas necessidades dos filhos.

*[...] eu lembro que, na minha classe, só tinha eu e mais uma cujos pais eram separados – e isso tinha um peso forte pra mim, porque a mãe de ninguém trabalhava, a mãe de todo mundo podia buscar na escola, levar na festa, não sei o que... eu, quando recebia o convite, já me agilizava: 'posso ir com você, posso voltar com você, posso dormir na sua casa?' A minha mãe não tinha ideia do que se passava na minha vida, sabe? A gente viveu um abandono emocional, eu e meu irmão. (I)*

Levando em consideração as questões da maternidade pós-divórcio, concordamos com Rosado et al (2011): as mulheres, ao vivenciarem o processo de separação, passam, naturalmente, por mudanças em suas vidas advindas do acúmulo de tarefas e responsabilidades outrora desempenhadas pelo cônjuge. Além disso, a redução de renda familiar ainda as faz terem que ampliar a carga horária de trabalho, o que contribui para aumentar a dificuldade em administrar suas diferentes demandas e exercer seus papéis.

Por outro lado, há ganhos também, como bem apontam Barcellos, Dantas e Féres-Carneiro (2022, p.10):

*Apesar do sofrimento envolvido no processo de luto pela separação, percebemos um balanço positivo para elas. O rompimento conjugal possibilitou o retorno das mulheres à busca pela realização de objetivos individuais, enfatizando que a felicidade dos filhos depende de sua própria felicidade. Elas relataram os ganhos subjetivos pelo fato de terem se deslocado de um estado de infelicidade para a retomada do caminho de seus desejos.*

De uma forma ou de outra, a relação afetiva materna também não está garantida simplesmente por ser uma relação de mãe e filhos. Ainda existe a necessidade do acolhimento emocional. Ou seja, apesar de os entrevistados falarem mais sobre a dificuldade deles em se relacionarem com o pai, muitas vezes os filhos se sentiram negligenciados, não concordavam com as escolhas da mãe sobre seu novo estilo de vida, seja na busca por um novo parceiro ou na dedicação ao trabalho.

Aparentemente as mulheres têm mais dificuldade de encontrar um novo companheiro e, normalmente, tendem a apresentar menos parceiros para os filhos do que o pai.

*Minha mãe passou a nossa infância sem um namorado. Não era tão misturado que nem meu pai... ela namorou um cara há*

*um tempo... teve alguns namorados na vida, mas não era igual meu pai que trazia pra dentro de casa, e que juntava tudo...(...) Minha mãe também se dedicava muito para as questões profissionais dela... depois que ela se separou, terminou a faculdade, fez mestrado, doutorado. (J)*

Mas, independentemente disso, a relação de maternidade está menos ligada às questões de uma nova reconstituição familiar e mais a identificações emocionais dos filhos com a mãe, assim como a quanto ambos, mães e filhos, são capazes de atender e compreender as suas necessidades individuais, como se existisse um contrato de lealdade do qual os irmãos participam com alianças ou não.

*Minha mãe e eu sempre tivemos uma relação muito intensa. A gente é muito parecida... Eu não tenho muitas lembranças vívidas de quando era muito pequena, mas eu tenho as de sete anos pra frente, são as que mais me recordo. Minha mãe era muito protetora, muito ansiosa... muita coisa que eu sou hoje, ela também era. E acho que hoje eu consigo entender o jeito dela. (E)*

### **Sobre as relações entre irmãos, meios-irmãos e coirmãos**

Sobre as relações fraternais, concordamos com Oliveira (2005, pp.120-121): os irmãos comumente tendem a se organizar em pares emocionalmente significativos, os quais podem formar relacionamentos tanto positivos quanto negativos. É justamente a busca de identidade pessoal que leva os irmãos a usarem o outro como objeto de comparação e identificação e à formação das alianças. Se os irmãos são estimulados a serem amigos, nasceram próximos em idade, são convenientemente colocados no mesmo quarto, ou têm completa liberdade de escolha para brincarem juntos, eles tendem a formar vínculos diádicos de amor ou ódio, alianças, através de suas próprias ações e reações, a depender da identificação ou falta de identificação.

Quando abrangemos as relações fraternais contemplando as do mesmo pai e mãe, de um dos genitores ou irmãos agregados e filhos de madrastas/padrastos sem nenhum vínculo consanguíneo, percebemos que não existe uma aliança definida entre irmãos por terem compartilhado a mesma experiência da separação dos pais e possíveis recasamentos. Pelo

contrário, encontramos, muitas vezes, relações fraternas dissonantes, em que o relacionamento entre os irmãos, de sangue ou não, são conflituosas e distantes, o que fica claro na declaração de **I**: *“Minha mágoa com ele é que ele se afastou de mim. A gente sofreu toda essa merda juntos, e eu sempre o defendi”*. O mesmo pode-se verificar na fala de **J**: *“[...] nós nunca fomos confidentes, até hoje é assim... hoje em dia eu tenho mais proximidade com a minha irmã mais nova, pelo estilo de vida, pelos tipos de amigos”*, assim como na de **K**: *“Eu morei muitos anos com a minha mãe e com a minha irmã, sabe, e minha irmã ela tem um nível de agressividade enorme, e a gente nunca foi amiga”*.

Sabemos que os valores e as experiências familiares interferem na construção da relação entre irmãos e, dependendo de como essa relação se estrutura, pode ser mais ou menos positiva (NEUMANN; ZORDAN, 2013).

*Minha irmã e eu – nós somos bem próximos um do outro – acho que a gente é meio... uma relação star wars... Luke e Leia com Darth Vader.... O Luke e a Leia, eles alternam... uma hora um fala assim: "a gente tem que destruir o Darth Vader", e o outro fala: "não, vamos salvar ele" – e alternam. (H)*

Na exposição de **H**, vemos uma cumplicidade entre os irmãos quando se trata da relação com o pai. Porém, a maioria dos entrevistados relatou dificuldade na relação com os irmãos. Observamos isso na descrição de **A**: *“E eu lembro pequena, minha irmã me amava... e ela queria me beijar, me pegar... e eu tinha uma sensação de nojo, de repulsa, um asco dela... Eu nunca consegui ser uma pessoa muito generosa com ela”*. **J** também conta de suas diferenças com a irmã:

*Cada um tinha a sua vida, seu lugar, seu jeito. Essa minha irmã foi sempre muito certinha, sempre foi muito atendendo às expectativas de tudo, muito dentro do padrão. Eu acho que eu dava uma quebrada nesse padrão...quero ser livre, era mais rebelde nessa fase, mas ao mesmo tempo muito responsável: estou cumprindo tudo o que precisa, então me deixem aqui. (J)*

Apesar da vivência da separação ter sido compartilhada entre os irmãos, quando do mesmo pai e mãe, isso não garante que a relação fraterna

seja boa. A complexidade parece aumentar ainda mais no caso de irmãos advindos de outros casamentos com valores e educação diferentes. Nesse sentido, Pereira e Arpini (2012) apontam que os relacionamentos familiares, especialmente com genitores comuns e padrastos/madrastas, são fundamentais para a qualidade dos vínculos entre os irmãos. Segundo as autoras, “o vínculo fraterno seria delimitado, em última instância, pelas ligações afetivas estabelecidas entre os membros da família, sendo necessários, para tanto, o convívio, o apoio mútuo, a troca afetiva” (2012, p. 275).

### **Sobre as relações com padrasto e madrasta**

Quando nos referimos a padrastos e madrastas, estamos aludindo à formação de uma nova estrutura familiar, nas situações em que o pai ou a mãe encontram novos parceiros fixos. Observamos que, na maioria das histórias narradas pelos participantes, o pai tende a construir novos relacionamentos familiares com mais facilidade do que a mãe. Ou seja, encontramos um maior número de madrastas do que de padrastos. Considerando que as madrastas são introduzidas na vida dos entrevistados enquanto eles ainda são pequenos ou jovens, a convivência com essa nova figura familiar tem uma influência significativa na relação com o pai.

Dessa maneira, podemos dizer que a madrasta pode ter um papel fundamental na relação dos filhos com o pai. A madrasta é quem, na maioria das vezes, proporciona ou não um lugar de conforto e acolhimento na casa do pai e, portanto, é figura essencial para que a relação entre os membros dessa nova família seja harmoniosa ou conflituosa, como se evidencia nas falas de **K, E e G**: “Ela é dentista, ela é uma fofa, eu amo ela, ela é ótima, a gente se dá super bem” (K).

*A nossa relação era bem estressante; ela sempre teve muito ciúmes de mim, mas sempre tentou, de uma forma ou de outra, ser uma pessoa legal. Só que era meio "estou fazendo esforço aqui". Ela tentou muito deixar a relação com meu pai estressada... tem um hiato da minha relação com meu pai. Meu pai parou de falar comigo durante seis anos, influenciado por J. (madrasta). (E)*

*E aí um tempo depois ele acabou conhecendo outra mulher com quem acabou se casando. E ficou vinte anos com ela, até*

*a morte. E essa mulher fodeu com nossa relação. Ela era o oposto da minha mãe. Ela quis deixar bem claro que eu era um corpo estranho entre eles, então existia uma rivalidade entre ela e eu. E ela quis deixar bem claro que na casa deles eu era um visitante. (G)*

Tendo em vista a expectativa social preponderante de que a mulher deve cuidar da família, muitos homens depositam em suas novas companheiras a responsabilidade de cuidarem das novas relações familiares estabelecidas com o recasamento e elas costumam assumir essa incumbência: “[...] muitas madrastas acreditam que a adaptação à situação imposta pelo recasamento é uma obrigação que cabe somente a elas, e que estariam sendo inflexíveis caso fizessem exigências aos enteados” (ALVES; ARPINI, 2017a).

Quando existe atrito entre os enteados e a madrasta na convivência em família, aumenta a possibilidade de conflitos entre o pai e seus filhos. Essa dinâmica apareceu no relato de alguns participantes que têm madrasta, pois a introdução de uma segunda mulher na família, com histórias de vida, valores e costumes diferentes da casa da mãe, ocasiona necessariamente muitos embates, se ambos, madrastas e enteados, não conseguirem criar espaços de diálogo e afeto.

Dantas et al (2019) apontam a necessidade de redefinição das dinâmicas relacionais envolvendo as madrastas. Segundo eles:

Sentir ciúmes, lidar com a frustração, processar os diversos afetos, adaptar-se a diferentes demandas, negociar com seus cônjuges aspectos referentes ao exercício dos papéis, além de estabelecer espaços discriminados para as vivências da conjugalidade e da parentalidade, sugerem a complexidade experimentada nessas configurações familiares (p. 4).

Por outro lado, quando nos referimos às relações com padrastos, o cenário muda um pouco, pois as mulheres tendem a apresentar menos namorados para os filhos. Isso pode estar relacionado à dificuldade em encontrar novos parceiros, dando um maior foco à reorganização familiar após o divórcio, a questões profissionais ou financeiras, a falta de tempo ou dificuldade/desinteresse em construir um novo relacionamento, como também pelo fato de as mães se mostrarem mais reservadas e priorizarem a relação com os filhos quando se trata de introduzi-los a um novo contexto familiar.

*A minha mãe casou depois de uns vinte anos que se separou do meu pai. Minha mãe está com ele há uns dezoito anos. Ele foi morar na casa da minha mãe... e logo depois eu saí de casa com vinte e três anos, que foi logo mais ou menos quando ele foi morar lá (C).*

Mesmo se a mãe encontra um novo parceiro quando as crianças ainda são pequenas e surge uma nova configuração familiar com um padrasto, a tendência é que essa pessoa se torne uma segunda referência de paternidade e masculinidade dentro de casa. Isso acontece com a maioria dos participantes em função também da maior convivência do padrasto com os enteados, às vezes até mais do que com o pai biológico. Assim, embora a complexidade familiar seja a mesma entre madrastas e padrastos, a necessidade de abertura ao diálogo e para a resolução de problemas se torna ainda maior com o padrasto pelo tempo de convivência ser maior na casa da mãe: *“E acho que só me dei conta agora disso, de que eu nunca soube o que era um pai dentro de casa até ver o meu atual marido com meu filho. Ele não é pai, mas é ele quem faz essa função” (B).*

Diferentemente da ideia defendida por Duque e Piovanotti (2018) de que somente os pais, sob a égide do vínculo biológico, seriam capazes de cuidar adequadamente das crianças, nestas entrevistas observamos que o vínculo entre madrastas/padrastos e enteados pode ser positivo e contribuir para a constituição de uma relação de afeto.

Difícilmente uma mãe permanece com o padrasto se a relação dele com os filhos não é boa. O mesmo não se pode afirmar do pai com a madrasta. Contudo, se esse segundo casamento também acabou, vimos nas entrevistas que a relação dos enteados tanto com as madrastas quanto com os padrastos tende a se distanciar e se romper também. Ainda que exista uma referência de afetividade pela história vivida, a possibilidade de manter essa relação é remota, diferentemente da relação com os pais biológicos:

*Teve o João, que era muito legal, foi o primeiro namorado depois do divórcio. Eu era criança, ele tinha filho pequeno, então a gente tinha uma convivência muito próxima do que é uma família... Aí depois separou, eu mantive mais ou menos contato. (K)*

De acordo com Cano et al (2009), quando o recasamento permite um mínimo de satisfação ao pai/mãe, geralmente os filhos entendem que seus pais estão emocionalmente bem, o que favorece um sentimento de pertencer a uma família completa de novo.

E quando os filhos vão crescendo e buscando sua independência, os novos relacionamentos de seus pais têm menos importância e significado para eles. Ou seja, as referências de acolhimento, cuidado ou paternidade/maternidade pelos padrastos/madrastas têm menos significado quando os filhos estão na fase adulta. Portanto, os namorados/namoradas mais recentes dos pais dos entrevistados são importantes para os filhos no sentido de saberem se são relacionamentos bons ou que fazem bem para seu pai ou sua mãe.

*Bem, eu não acho que é um casamento saudável. Minha mãe é uma puta mulher interessante, inteligente e ele é um cara possessivo; é um cara que a gente não tem convívio.... mas ela que escolheu, e ela que escolhe o que é bom pra ela. E se isso tá bom pra ela... (J).*

Concordamos com Souza e Dias (2014) quando sugerem que a postura acolhedora de padrastos e madrastas dispostos a não interferir diretamente nas relações entre filhos e genitores favorece o aparecimento da afetividade. A adaptação progressiva, cuidadosa e atenta, que não ataque a imagem do pai e da mãe, possibilita o surgimento de espaços de exposição e compreensão dos sentimentos. Dessa forma, entendemos que, mais importante do que a configuração familiar, é a qualidade das relações entre os seus membros.

### **Sobre as relações com os avós**

Apesar de o foco do trabalho estar nas relações parentais, conforme alguns dos entrevistados foram narrando em suas histórias, os avós surgiam como referência de afeto e acolhimento. Outras vezes apareciam como relações nem sempre muito próximas, mas como influências importantes no que parece ser uma repetição de padrão, ou seja, a relação entre pai e filho não é íntima assim como não era a relação entre avô e pai.

A entrevistada **C** refere-se a um relacionamento difícil com a própria mãe e durante o seu relato surge essa mesma dificuldade entre a mãe e a avó a quem ela é muito apegada:

*Na minha infância eu convivi muito com a minha avó, e minha mãe brigava muito com ela. A minha avó ia pra casa... era outra dinâmica e eu sempre fui meio protegidinha dessa minha avó também... sempre ficava minha irmã e minha mãe, e eu tinha minha avó, sabe? E a minha avó era um porto seguro pra mim. Ela rompia essa dinâmica das duas que era muito fechada, mas minha mãe não se dava bem com a minha avó. (C)*

Ou ainda os avós aparecem como uma figura de destaque na reorganização familiar pós-divórcio. Isto é, eles ajudavam nos cuidados dos netos, tanto financeiramente quanto na rotina diária, para que os pais pudessem repensar um novo funcionamento de estrutura familiar:

*A gente passava a semana dormindo nos meus avós, enquanto minha mãe trabalhava de dia e estudava de noite. Meus avós tinham um apartamento que era na frente do nosso pra poder ajudar a cuidar da minha irmã e de mim. (H)*

Assim, os avós aparecem espontaneamente durante as entrevistas como exemplos em diversas situações de resoluções de problemas:

*Eu tive uma relação muito próxima com meu avô – ultimamente menos. Cheguei a morar na casa do meu avô. A gente fez uma reforma no apartamento que a gente morava, durante um ano, e eu morei com ele um ano e meio. Eu não queria mais sair de lá [risos]. Eu era muito ligado com a minha avó... e ela tinha Alzheimer, então ajudei a cuidar dela também... minhas duas avós eram pessoas fora de série. (F)*

Esses dados são condizentes com os apresentados por Araújo e Dias (2002), que apontam o aumento da participação dos avós tanto emocionalmente quanto instrumentalmente na vida dos netos após o divórcio. No mesmo sentido, Dias e Silva (2003) observam que, para universitários, os avós significam sabedoria, respeito, afeto e a origem da família, como segundos pais.

## **Sobre os aprendizados e os valores familiares**

Durante o processo de entrevistas, além das categorias acerca das relações familiares, emergiram aspectos como aprendizados e valores. Ao revisitarem suas histórias, as pessoas foram atribuindo significados às experiências vividas.

*Meu padrasto e minha mãe sempre tiveram um casamento muito bonito. Nunca vi os dois brigarem... o valor que eu carrego pro meu relacionamento é esse amor verdadeiro e respeitoso... Essa composição familiar não é uma coisa que me preocupa, porque, de uma forma ou de outra, quando eu conto essa história, eu vejo quanta gente tem envolvida. Tenho pai, uma mãe, um padrasto, uma madrasta, seis irmãos, uma família gigante desse lado, uma família gigante do outro... então chega a ser divertido. Teve muitas tretas nessa história, mas não faltou amor. (E)*

Dessa maneira, abordaram diferentes valores, como respeito, amor, resiliência, confiança, entre outros, advindos das relações familiares complexas decorrentes das configurações pós-divórcio.

*As qualidades que assumi pra mim, que foram coisas tanto inerentes do que eu passei particularmente na minha vida, quanto as coisas que observei da minha família, de todos os lados e de todos os problemas... coisas boas que aconteceram nisso tudo: resiliência, hombridade, honestidade, respeito e trabalhar duro. (F)*

Vasconcellos (2008) reflete sobre como é possível aprender valores familiares, que, segundo ela, são formas de conviver e de se relacionar: “a aprendizagem de formas de viver só pode dar-se no *con-viver*. Valores se vivem e se aprendem na convivência. Valores ou se vivem ou se negam no viver.” (p. 3)

De acordo com Cerveny (2011), é a partir da história intergeracional e das repetições que podemos forjar nossa identidade, percebermo-nos numa cultura e iniciar nosso processo de aprendizado de pertencimento: “Reconhecer haver recebido e transmitir é situar-se em uma continuidade e aceitar ser o elo da corrente intergeracional que é reconstruída através de novos significados, de geração em geração.” (p. 17)

Quanto aos aprendizados, podemos referir que os entrevistados dão diferentes significados para suas histórias vividas, mas, de alguma maneira, acabam relacionando suas experiências com suas escolhas de vida familiar até o momento das entrevistas. Seria impossível separar uma coisa da outra, entretanto, os registros da separação acabaram impactando de maneira bastante marcante a forma como alguns participantes vivem suas famílias, como relata **J**: *“Acho que a gente aprendeu a ser bem independente... a gente não se mistura muito um na vida do outro. A gente tem uma autonomia em relação às escolhas dos outros.”*. O mesmo se percebe no depoimento de **I**: *“Eu me sentia forte, todo mundo sempre me falava isso, chegava a ser irritante. Ela é forte, ela aguenta. Então me sentia muito segura sendo eu... e acho que levei pra vida depois, eu me garanto.”*.

Por outro lado, quando a experiência vivida nas relações familiares foi difícil e dolorosa, as defesas construídas ao longo do tempo para lidar com esses conflitos também permanecem e podem ter um impacto importante nas escolhas de vida atual, o que observamos nas entrevistas de **H** e **G**:

*Talvez seja uma dificuldade grande deixar transparecer qualquer fragilidade. Talvez eu tenha sentido que não podia demonstrar para ninguém que eu teria qualquer grau de dependência. Pra mim, não ser 100% autossuficiente seria uma fragilidade, especialmente com meu pai. (H)*

*Mas isso acabou se manifestando também de outra forma pra mim pelo lado profissional, e lado amoroso também. Eu tive muitas namoradas, mas nenhum relacionamento longo. E nunca achei que conseguiria casar, e até hoje não sei se conseguiria... E da mesma forma no trabalho, e acho isso que vale a pena expressar um pouco mais a fundo, pois é o que tem tudo a ver com meu pai: eu nunca me fixei num emprego. (G)*

Walsh (2016, p. 29) explica:

[...] eventos estressantes, condições ambientais e problemas de um membro individual afetam toda a família como uma unidade funcional, com reverberações para todos os membros e suas relações. Por sua vez, os processos familiares – ao se relacionarem e lidarem com os problemas – contribuem de forma significativa para a adaptação positiva ou para a disfunção individual e relacional.

Todavia, ter tido a chance de crescer numa família com madrasta e padrastos e meios-irmãos pode facilitar o aprendizado de atuar nesse papel já na fase adulta. Ou seja, por ter vivido essa experiência enquanto criança, e ter casado com um homem com filhos de um casamento anterior, essa participante conta como foi importante esse aprendizado para se tornar uma madrasta mais compreensiva, apesar dos ciúmes. Ou seja, algumas recordações vividas na sua infância, quando foram repetidas no seu contexto atual com seus enteados, geraram sentimentos de empatia e compreensão diante da situação:

*Eu lembro que eu tinha muito ciúmes no início, mas eles tinham que almoçar com a mãe deles. Que tinham que conversar com ela, mas sabia que tinha que ser feito. Ou mesmo uma cena que sempre me mexia nas festinhas: iam os 4 pra trás do bolo, e eu na frente, porque eu não sou dessa família pra ficar no bolo ali atrás. Eu sempre falei que a história dele com as crianças, de alguma forma me ajudava a acolher a minha criança. Então essa cena do bolo, por exemplo, da pequena chorando no meu colo... tinha uma coisa assim que era difícil pra mim, que eu tinha ciúme, mas a minha criança entendia muito eles. (C)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito pensar as relações familiares a partir de uma situação de divórcio vivida na infância. Com isso tentamos avaliar se a qualidade das relações parentais se modifica ou não ao longo do tempo pela experiência de ter crescido em famílias de pais separados. Mas, filhos que cresceram em famílias nucleares, porém com estruturas disfuncionais, não teriam um impacto importante também nas relações parentais? Percebemos que as relações parentais dependem mais da qualidade disposta pelos pais com os filhos, do investimento de espaço, tempo e cuidado na criação e desenvolvimento, do que necessariamente da situação do divórcio ou da introdução de outras relações como de madrasta e padrasto.

No entanto, as condições propostas pela separação aumentam a complexidade do contexto vivido nas relações parentais ao longo do tempo. Ou seja, com a separação vem a necessidade de lidar eventualmente com a falta de tempo de um dos pais, madrastas ou padrastos, meios-irmãos e coirmãos e outras eventualidades que o contexto da separação proporciona ao longo do tempo. Por outro lado, não podemos garantir que a manutenção do casamento disponibilizaria a certeza de relações parentais saudáveis e que a qualidade da parentalidade estaria salva de culpa e abandono emocionais.

Uma outra questão que vale a pena ressaltar é sobre a definição de famílias reconstituídas, recompostas ou recasadas. Isso porque crianças que viveram a separação dos pais na infância podem ter vivenciado novas composições familiares não só apenas uma vez, mas eventualmente algumas ou muitas vezes. Por assim dizer, tanto mães quanto pais biológicos em alguns casos não tiveram apenas um novo relacionamento com outros parceiros, mas dois, três ou vários até a idade adulta dos participantes.

Dessa maneira, não podemos afirmar que os entrevistados tiveram apenas uma, mas algumas possíveis experiências de readaptação ou reorganização familiar durante os anos que se seguiram após o divórcio dos seus pais. Portanto, as relações parentais também sofreram mudanças quando um novo contexto se apresentava nas questões familiares além da fase do ciclo vital.

Em relação às fases do ciclo vital familiar, também notamos que os novos parceiros ou parceiras de respectivos pais biológicos têm uma participação mais importante nas relações familiares enquanto as crianças são pequenas e necessitam mais da presença dos pais nos cuidados diários. Quando os filhos se tornam adultos e começam sua própria família, as relações de madrasta e padrasto têm menos interferência nas relações de pai e mãe. Por outro lado, podemos notar que, em alguns casos, os filhos passam a se preocupar mais com o bem estar de seus pais em função dessas novas parcerias, do que o contrário.

Os estudos sobre filhos adultos de pais divorciados ainda são remotos, considerando que a lei do divórcio é relativamente recente. Apesar desse cenário ser há muito visto em nossa sociedade, encontramos poucos estudos que relacionam diretamente o impacto em adultos de viverem em famílias de pais separados. A importância desse viés está em compreender melhor como vivenciamos as estruturas dos relacionamentos na vida contemporânea.

Em uma sociedade em que são cada vez mais abrangentes e comuns os divórcios, em que a divisão de papéis e responsabilidades deveriam ser teoricamente igualitária entre homens e mulheres, em que a união e o rompimento dos relacionamentos são mais fáceis, temos uma grande nova geração aprendendo a lidar melhor com as diferenças, sendo mais flexível e aberta a novas experiências, lidando melhor com as frustrações e os conflitos de lealdades? Ou temos uma nova geração confusa com seus espaços familiares, insegura sobre o que é certo e errado, do quanto, quando e como vale a pena investir no relacionamento afetivo com alguém?

Essas questões são complexas e por isso não conseguem ser respondidas apenas neste trabalho e não podem ser generalizadas, mas servem de referência para que novas pesquisas considerem a relevância do tema. Por outro lado, esse grupo de pessoas participantes desta pesquisa, tenderam a responder essas questões com um repertório razoável de recursos para lidar com seus conflitos familiares. Podemos nomear esse movimento como uma capacidade de resiliência, que traz um olhar crítico às experiências vividas e a motivação para não repetir os padrões que consideraram negativos a partir de suas próprias vivências. Adicionado a esse fator, vale ressaltar a condição financeira dessa amostra, que não é representativa da maioria da

população brasileira. Nossos participantes são representantes de uma classe privilegiada da sociedade, estudaram em escolas particulares e tiveram uma segurança financeira mínima em que as oportunidades ao longo de suas vidas os ajudaram a ampliar os significados de suas histórias vividas. Acreditamos que, muitas vezes, a baixa renda limita o universo de repertórios que podem ser desenvolvidos, uma vez que as necessidades básicas como moradia e alimentação são primárias.

No trabalho clínico, em nossos consultórios, já encontramos uma diversidade grande de pais separados que trazem seus filhos para atendimento e relatam suas preocupações com experiências pessoais de terem vivido a separação de seus próprios pais quando eram crianças. Podemos ou não repetir padrões de comportamento familiar, mas, com certeza, estamos migrando para novas estruturas e definições de relacionamentos afetivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. P.; ARPINI D. M. A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento. **Revista Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 21, n. 1., pp. 3-19, 2017.

ARAÚJO, M. R. G. L; DIAS, C. M. S. B. O papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, v. 1, n. 7, pp. 91-101, 2002.

BARCELLOS, M. R.; DANTAS, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T. Fim da conjugalidade na transição para a parentalidade: adaptação feminina ao novo arranjo familiar. **Psicologia e profissão**, v. 42, pp. 1-13, 2022.

BARBOSA, L. P. G; CASTRO B. C. R. **Alienação parental: um retrato dos processos e das famílias em situação de litígio**. Brasília: Liber Livro, 2013.

BELL, J. **Projeto de Pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CANO, D. S.; GABARRA, L. M.; MORÉ, C. O.; CREPALDI, M. A. As Transições Familiares do Divórcio ao Recasamento no Contexto Brasileiro. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2009.

CASTRO, M. C. A. Configurações familiares atuais. In: MACEDO, R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Rocca, pp. 419 – 427, 2008.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada** (recurso eletrônico): um guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COSTA, J. M.; DIAS, C. M. S. B. Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. **Revista Psicologia: teoria e prática**, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, v. 14, n. 3, pp. 72-87, 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**, v. 14, n. 29, pp. 347-357, 2004.

DANTAS, C. R. T; FERES-CARNEIRO, T.; MACHADO, R. N.; MAGALHÃES, A. S. Repercussões da parentalidade na conjugalidade do casal recasado: revelações das madrastas. **Psicologia Clínica e Cultura - Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, pp. 1-9, 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, C. M. S. B; SILVA, M. A. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em estudo**. v. 8, n. esp., pp. 55-62, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 11, n. 2., 1998.

FILIPPINI, R. Reconfiguração sociométrica da família na contemporaneidade: os desafios de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de psicodrama**, seção temática – a família na sociedade pós-moderna. São Paulo, pp. 35-50, 2009.

GREENE S. M.; ANDERSON E. R; FORGATCH M. S.; DEGARMO D. S.; HETHERINGTON E. M. Risco e resiliência após o divórcio. In: WALSH, F. **Processos normativos da Família: diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, pp. 102-127, 2016.

IBGE <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29646-registro-civil-2019-numero-de-registros-de-casamentos-diminui-2-7-em-relacao-a-2018> (consultado em 11/3/2022)

LESTER, J. N; CHO Y.; LOCHMILER C. R. Learning to do qualitative data analysis: a starting point. **Human Resource Development Review**, v. 19, n. 1, pp. 94-106, 2020. Sagepub.com/journals-permissions DOI: 10.1177/1534484320903890

MACEDO, R. M. S.; CEZAR-FERREIRA, V. A. A paternidade contemporânea em face da separação e do divórcio. In: MOREIRA, L. V. C; RABINOVICH, E. P; ZUCOLOTO, P. C. S. V. (orgs.). **Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família**. Curitiba: Juruá, 2016.

MACEDO, R. M. S. de; KUBLIKOWSKI, I.; SANTOS, M. G. dos. A interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado. **Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa / NPF-Núcleo de Pesquisa da Família**: Taubaté, p. 4, 2004.

MINAYO, M. C. de S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NEUMANN, A. P.; ZORDAN, E. P. **Reverberações da separação conjugal dos pais no relacionamento entre irmãos**. Pensando Famílias, v. 2, n. 17, pp. 35-47, 2013.

OLIVEIRA, A. L. de. **Irmãos, meios-irmãos e coirmãos: A dinâmica das Relações Fraternas no Recasamento**. 333 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

PASLEY, K.; GARNEAU, C. Recasamento e família recasada. In: WALSH, F. **Processos normativos da Família: diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

- PEREIRA, C. R. R.; ARPINI, D. M. Os irmãos nas novas configurações familiares. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, pp. 275-285, junho/2012.
- PIOVANOTTI, M. R. A.; DUQUE, D. Divórcio, recasamento e a relação entre padrastos e enteados: reflexões endereçadas aos terapeutas de família. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 61, pp. 100-119, 2018.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei n. 13.058 de 22 de dezembro de 2014. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br), consultada em 15/4/2022.
- RAMIRES, V. R. R.; Souza, R. M. **Amor, casamento, família, divórcio...e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus, 2006.
- ROSADO, A. P. N.; TEIXEIRA, K. M. D.; LORETO, M. D. S.; ANDRADE, V. D. A. Administração dos diferentes domínios da vida: vivências e percepções das detentoras da guarda dos filhos. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, pp. 371-387, 2011.
- SANTOS, M. M. S. Os efeitos do divórcio na família com filhos pequenos. **O portal dos psicólogos**. [www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt). 8.12.2013 - ISSN 1646-6977
- SOUZA, V.; DIAS, C. M. S. B. Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. **Revista Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 31, n. 2, pp. 191-201, 2014.
- VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. Campinas: Papyrus, 2002.
- VASCONCELLOS, M. J. E. Valores na contemporaneidade da família brasileira: crise? In: MACEDO, R. M. S (org.). **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Rocca, pp. 2-5, 2008.
- WALLERSTEIN, J. S. Children of Divorce: Report of a Ten-Year Follow-Up of Early Latency-Age Children. Corte Madera, California. **Amer. J. Orthopsychiat**, v. 57, n. 2, April, 1987.
- WALSH, F. Visões clínicas de normalidade, saúde e disfunção familiar. A partir de uma perspectiva dos déficits até os pontos fortes. In: WALSH, F. (org.) **Processos Normativos da Família. Diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, pp. 28-54, 2016.
- YIN R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## ANEXOS

### Roteiro de entrevista semiestruturada

#### Divórcio/separação (história)

- Experiência vivida
- Relações parentais
- Reorganização familiar

#### Recasamento (relacionamentos parentais)

- Ressignificação dos vínculos parentais ao longo dos anos com o contexto do recasamento
- Expectativa x realidade
- Possíveis mudanças

#### Recasamento (relacionamento padrastos/madrastas)

- Introdução à nova relação familiar
- Fantasias
- Adaptação/influências

#### Valores familiares

- Qualidade dos relacionamentos afetivos
- Visão de família
- Impactos das situações vividas na perspectiva de vida dos participantes
- Visão de Futuro/aprendizado

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: “A dinâmica das relações familiares de adultos que cresceram em famílias recompostas”, realizada pela psicóloga e pesquisadora Caroline Wajss, sob orientação da Prof. Dra. Rosa Maria Stefanini Macedo. Trata-se de um estudo para compreender como se estabelecem os vínculos de lealdades familiares pelo adulto que cresceu em um contexto de recasamento na infância.

Sua participação consistirá em responder algumas perguntas. Também será elaborado um genograma, que são representações simbólicas das relações entre os membros de uma família, apontando graus de parentescos e padrões de comportamento que permitem ao indivíduo refletir sobre a dinâmica familiar e os problemas que a afligem. Solicito que sua entrevista seja gravada para garantir um melhor registro das informações. Caso haja algum desconforto durante a entrevista por parte do participante, esse será acolhido pela pesquisadora com o intuito de preservar a integridade do entrevistado.

Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto. Ao término desta pesquisa, os resultados serão divulgados, ficando à disposição dos participantes junto à pesquisadora através dos contatos abaixo e na Biblioteca Central Nadir Gouvêa Kfourri da PUC-SP.

Sua participação é voluntária, ou seja, você tem direito a não participar e, caso aceite, fica assegurada a sua liberdade de não responder às perguntas que considerar importunas. Também fica garantido seu direito de desistir a qualquer momento, sem qualquer penalização ou prejuízo à continuidade da assistência. A sua participação não lhe trará nenhum custo, benefício individual ou compensação financeira. No entanto, é importante que você participe, pois as informações fornecidas podem refletir no melhor entendimento sobre o assunto abordado. Esse “TCLE” foi elaborado em duas vias, uma ficando com o participante da pesquisa e outra em poder da pesquisadora. Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre a pesquisa podem ser respondidas diretamente com a pesquisadora responsável pelo telefone 982917818, no email [cwajss@gmail.com](mailto:cwajss@gmail.com) ou no endereço: rua Costa Carvalho, 77 – Pinheiros, São Paulo. Questões éticas envolvidas nessa pesquisa também podem ser sanadas com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP, situado à Rua Ministro Godói, 969, no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, Perdizes – São Paulo/SP, CEP 05015-001. Telefone (11)3670-8466, e-mail [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br).

Fui suficientemente informado sobre a pesquisa e concordo em participar.

---

Nome e assinatura do participante

---

Assinatura do pesquisador

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021